

Sérgio Augusto da Silva Roman
Alfredo Ceolin

Colônia Italiana
de
Barbacena

Belo Horizonte - MG
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ceolin, Alfredo e Roman, Sérgio Augusto da Silva - Belo Horizonte (MG)
Colônia Italiana de Barbacena
Gráfica Techpress, 2021
303 p.
2ª Edição

Patrocinador: Carlos Wilson Savassi

À memória de Cláudio Roman



PREÂMBULO

Esta é uma transcrição dos manuscritos constantes dos “Cadernos” de Clariano Roman, organizada por Alfredo Ceolin e Sérgio Augusto da Silva Roman sobre as vidas dos habitantes da Colônia Rodrigo Silva, de Barbacena - MG, e uma abordagem especial às famílias Bortolus, Ceolin, Discacciati e Roman.

A fidelidade das narrações dos fatos ocorridos naquela comunidade sobre a saga da emigração italiana no Brasil está mantida, em sua originalidade, de acordo com os textos dos autores, testemunhas oculares das histórias que vamos contar.

Obras citadas:

Massena, Nestor – Barbacena – A terra e o homem – 1985 – Ed: Imprensa Oficial/MG.

Andrada, Antônio Carlos D. de – Um século de história – A imigração italiana em Barbacena (1888/1988) – brochura.

Savassi, Altair José – Barbacena 200 anos, volume 1 - páginas 206 a 211 (1991) – Ed Lemi.

Discacciati, Henrique Sérgio – Discacciati – Da Itália a Barbacena: História de uma Família – 2ª edição (2012).

Ceolin, Alfredo – Carta Sem Resposta – 2ª edição – (2019) – Gráfica: O Lutador.

APRESENTAÇÃO

Clariano Roman era o primogênito de João Roman e Angelina Bortolus Roman. Nasceu em 16 de abril de 1909, e faleceu em 18.12.1981, aos 72 anos, em uma família que priorizava os trabalhos na lavoura e via a educação formal como desnecessária.

Ao longo de sua vida, foi autodidata em todos os assuntos que lhe interessavam. Trabalhou até se aposentar na Estação Sericícola de Barbacena. Não se casou. Ajudou seus irmãos e sobrinhos no que pôde.



Clariano Roman

Tinha uma bela e diversificada biblioteca e uma valiosa coleção de selos. A casa em que vivia era rodeada de centenas de espécies arbóreas e de flores. Um verdadeiro jardim botânico.

Durante boa parte de sua vida dedicou-se a escrever, tendo deixado nove cadernos escritos. Nos primeiros cadernos ele fez um valioso registro histórico da chegada dos italianos no Brasil em 1888, as dificuldades iniciais enfrentadas pelos colonos, e sua descendência até 1958.

Nos demais cadernos anotou suas observações dos hábitos e costumes dos italianos, fatos e curiosidades do dia a dia da Colônia Rodrigo Silva - hoje Bairro Roman - em Barbacena, em um misto de diário, romance e registro histórico.

O risco de que este precioso registro da imigração italiana em Barbacena se perdesse com o tempo era real, já que é previsível que os “Cadernos” de Clariano Roman, escritos com caneta tinteiro, desbotem.

A narração dos fatos e da vida dos habitantes da Colônia Rodrigo Silva de Barbacena MG, com destaque para os familiares e descendentes das famílias Roman, Bortolus, Ceolin e Discacciati, ocorridos naquela heroica comunidade, foi mantida, em sua originalidade, de acordo com os “Cadernos” de Clariano Roman.

Após conhecer o conteúdo dos “Cadernos”, percebi que as informações e narrativas do Tio Clariano estavam muito soltas. Fazia-se necessária uma melhor contextualização dos fatos narrados por ele.

Buscando encontrar uma explicação do porque da emigração italiana e um melhor entendimento das consequências da imigração para o Brasil e Minas Gerais, pesquisei publicações que apresentassem um registro histórico desses fluxos migratórios e os resultados alcançados.

Ao organizar todas essas informações, conclui que o mais adequado seria transcrever integralmente partes dos livros e brochuras, além, é claro, dos “Cadernos” de Clariano, de forma a permitir que os leitores tenham um conhecimento melhor sequenciado no tempo.

Sérgio Augusto da Silva Roman

SUMÁRIO

1ª PARTE – A Origem

1. A Itália na Segunda Metade do Século XIX	
- Razões da Emigração na Itália.....	11
2. A Imigração no Brasil.....	15
3. A Colonização no Estado.....	19
4. A Colônia Rodrigo Silva.....	23
5. A Estação Sericícola.....	29
6. As primeiras Famílias.....	33
7. A Origem da Família Roman.....	39
8. Descendência da Família Roman.....	43
9. Descendência da Família Bortolus.....	71
10. Família Ceolin.....	85
11. Família Discacciati.....	109
12. Outros casamentos e seus casos.....	113
13. Os Imigrantes na Comunidade Barbacenense...	133

2ª PARTE – O dia a dia

14. Os hábitos e os costumes no dia a dia.....	143
15. Casos amorosos.....	153
16. Outras histórias.....	157

3ª PARTE – Clariano Roman por Clariano Roman e suas histórias.....	227
---	-----

1ª PARTE - A Origem

1. A Itália na Segunda Metade do Século

XIX- Razões da Emigração na Itália

“A Itália de meados do século passado era um País que sofria a questão da superpopulação, a irradiar problemas de habitação, alimentação, de emprego, analfabetismo e epidemias. A este quadro somava-se a ação ineficiente de um Estado que a cada nova necessidade aumentava a carga tributária sobre a já penalizada população. Para se ter idéia do atraso econômico basta lembrar que o camponês sobrevivia sob práticas agrárias ainda presas ao processo feudal, sendo que verdadeiros “feudos” existiam e resistiam ao tempo. Todo este quadro francamente desfavorável forçava a emigração italiana. (...) O abandono da terra de nascença por meio da emigração nunca é espontâneo, mas, ao contrário, resulta de condições de existência difíceis de suportar (...). A própria superpopulação era um índice do atraso e do injusto regime econômico vigente na região” (Thales de Azevedo, 1982, BSB).

Analisando-se a situação italiana por um ângulo interno, a emigração significou uma verdadeira “válvula de segurança” face à injusta vida que se oferecia na época. O Relatório de uma Inchiesta Agrária - 1882 (Thales de Azevedo, 1982; BSB) revelava que “de 60 famílias, 59 não tinham sequer terreno suficiente para fazer-se enterrar”. A pobreza era tamanha, diz o Relatório, que um “pequeno proprietário honesto,

difícilmente teria uma casa para sua família”. O Estado assistia omissivo à **emigração** e a via como verdadeiro remédio para tal situação de miséria, receoso da agitação popular, das greves e do crescimento desordenado da população.

A realidade agrária concentrava a maior parte da terra nas mãos da antiga nobreza e pessoas de grande fortuna. Apesar da falta de estatísticas oficiais, a existência de contratos de trabalho rural baseados num sistema que “vinha do período romano, e que na idade média foi incorporado ao direito feudal” (Thales de Azevedo, 1982; BSB) era de fácil constatação: “(...) Quer dizer que cada família mandaria um de seus membros trabalhar um dia por semana, durante todo o ano, para o proprietário”. Tudo isso agravado pelo absentismo dos grandes proprietários, cuja administração delegava a feitores e outros intermediários que faziam sublocações parasitárias; os donos das terras, por outro lado, viviam nas cidades de forma excessivamente dispendiosas, repassando aos arrendatários as despesas com seus luxos.

Os elevados tributos, a pequena produção e os baixos salários eram fatores de inquietação no campo. Os impostos, que no começo do século XIX representavam 20% das rendas de um camponês, significavam já em 1850, cerca de 31%. As greves, ocasionadas pelo gritante contraste entre proprietários de terras e camponeses, sucediam-se pelas vilas italianas. “(...) O regime tributário refletia-se nos campos forçando o êxodo rural para Milão e a emigração (...) determinando a hipoteca das terras e o arruinamento dos pequenos proprietários (...). A ganância fiscal depois da Unificação era tal que entre 1873 e 1881, nada menos de 61.831 pequenas propriedades foram tomadas pelo fisco por falta de pagamento de impostos, que muitas vezes não ia além de algumas libras; entre 1884 e 1901, o

número de propriedades perdidas pelos *contadini* por impossibilidade de pagar impostos se elevou a 215.759; as vendas judiciais por dívidas a particulares somavam 70.774 entre 1886 e 1900 (...)” (Thales de Azevedo, 1982; BSB). Sem contar que a partir de 1880 grave crise agrícola abateu-se sobre a Europa. É claro o bastante que o Estado muito contribuiu para a emigração, historicamente sempre atribuída à pobreza e ao excesso de população.

Este quadro de miséria era também fonte de doenças epidêmicas. “O maior flagelo era a pelagra, endêmica em toda a região, uma afecção com tríplice sintomatologia: cutânea, gastro-intestinal e nervosa. Conhecida na Itália desde meados do século XVIII, já se havia observado na Espanha e noutros países sob a designação de *mal de rosa*. Os primeiros casos se verificaram no Vêneto, quase que no mesmo tempo que na Lombardia. A séria moléstia desafiava a argúcia dos médicos da época, incapazes de definir a sua verdadeira origem” (Thales de Azevedo. 1982; BSB). Não atinavam que a doença decorria da má alimentação, pobre em proteínas, que, de modo geral, consistia no consumo quase exclusivo do trigo, da castanha e do milho. Também a malária, febres e a cólera, grassavam por toda a Itália, elevando a mortalidade.

A habitação rural era outro problema sério. Não correspondia às mínimas exigências do camponês para uma vida saudável. “Apresentando-se velhas e estragadas pela falta de recursos e de estímulos para repará-las” estavam sempre em péssimas condições, “com goteiras e umidade, oferecendo precário abrigo no inverno. Em espaços muito limitados, às vezes menores de 30 metros quadrados, acumulavam-se de 8 a 10 pessoas, não raro duas famílias, juntas, vizinhando com estábulos sujos, estragados, sendo que aí os camponeses passavam os

serões de inverno, aquecendo-se ao calor irradiado pelos animais” (Thales de Azevedo, 1982; BSB).

O analfabetismo também dominava na população. Em 1871, o Vêneto contava 65% de analfabetos, Piemonte 42% e a Lombardia 45%. A instrução e o ensino eram prejudicados pela falta constante de professores e pelo trabalho das crianças na lavoura e manufaturas.

A situação econômico-social da Itália na segunda metade do século XIX, superpovoada, com um regime de propriedade da terra injusto e a pesada carga tributária aplicada pelo Estado era tal que durante anos funcionou como uma “verdadeira fábrica de emigrantes”. Publicações recentes revelam que cerca de 70% de toda emigração italiana localizava-se no Piemonte, Vêneto e Lombardia, durante os anos de 1869 a 1872, justamente onde predominavam a miséria e o atraso econômico.

Friuli, país da antiga Venezia, era, em grande parte, submetido aos Austríacos e reivindicado em parte pela Iugoslávia, passando em 1919, para a Itália. Suas cidades principais eram Gorizia e Udine, sendo Udine a antiga capital do Friuli.

Foi desta região da Itália que vieram para o Brasil os primeiros imigrantes italianos, que se constituíram nos ocupantes dos lotes da então recém-criada Colônia Rodrigo Silva”.

[Fonte: Andrada, Antônio Carlos D. de - Um século de História - A imigração italiana em Barbacena (1888/1988)].

2. A Imigração no Brasil

“A grande imigração italiana no Brasil iria iniciar-se em clima de certo ceticismo, de desconfiança para com o colono estrangeiro, notadamente o teuto, que parecia resistir à assimilação. O ritmo e a intensidade da entrada de imigrantes de 1875 em diante, seria determinado basicamente pelas diferentes medidas adotadas pelo Governo Central e, subsidiariamente, pelo Governo Provincial ou Estadual, porquanto no Rio Grande do Sul, ao contrário de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e outras unidades, o poder público não dispunha de recursos próprios seguramente suficientes nem contava com o concurso de uma grande lavoura com altas taxas de capitalização como as do açúcar, da mineração e do café, para apoiar e promover o aliciamento direto de imigrantes nos países de origem” (Thales de Azevedo, 1982; BSB).

O ritmo das imigrações no Brasil, na segunda metade do século XIX foi acentuado. De 1875 a 1883, o País recebeu 112.000 imigrantes, sendo 222.607 de 1885 a 1886. De 1887 a 1889 foram 1.500.000 imigrantes a chegarem ao País, caindo para 225.006 de 1899 a 1902 (Fonte: Roche, 1959; Carneiro, 1950).

“A contar de 1876, a imigração italiana supera em definitivo e, com larga diferença quantitativa, a alemã. A imigração portuguesa é também ultrapassada, mas esta vem a sobrepor-se a todas as demais de 1910 em diante, mesmo considerando o afluxo de japoneses começado em 1908, e a constante, porém diminuída entrada de italianos. As oscilações no fluxo de entradas e saídas de italianos correspondem ao seguinte quadro (...): até 1875 a chegada de italianos verifica-se irregularmente, com longas interrupções e em modestos contingentes.

Calcula-se que de 1863 a 1874 entraram pelo porto do Rio de Janeiro cerca de 10.651 italianos, retornando quase 50% à Itália. Até então o Brasil não estava interessado nessa imigração, ao mesmo tempo que na Itália uma lei “pública sicurezza”, de 1865, restringia um pouco a atividade de agências e negócios referentes à emigração, até que em 1888 e 1889 tomaram-se medidas proibitivas de operações de emigração ou embarques de emigrantes para o Brasil. Só a anulação dessas determinações, em 1891 (...) ocasionou uma intensificação acentuada das saídas para o nosso País (Cenni, 1958), justamente quando pela abolição diminui bruscamente a mão-de-obra negra facilmente disponível e ganham impulso o café e as indústrias em São Paulo” (Thales de Azevedo, 1982; BSB).

O primeiro senso brasileiro, realizado em 1872, aponta que o número de italianos no país não chegava a 5.000, mais ou menos. Quatro anos mais tarde, esse número sobe para 7.000. De 1881 a 1890, a imigração cresceu devido à produção cafeeira em São Paulo e ao reinício da colonização nos Estados do Sul. No decênio de 1.891 a 1900 a imigração alcançou o ápice com 650.000 italianos.

A emigração italiana realizava-se, inicialmente, até meados do século XIX, em veleiros. Já em 1873 a quase totalidade dos emigrantes saíam de sua pátria em navios a vapor, na 3ª classe, sem conforto, em situação desfavorável à saúde, especialmente a das crianças, e alimentando-se muitas vezes de forma deficiente (Van Hissenhoven, 1958; Hutter, 1972).

A presença italiana fazia-se acontecer em vários estados brasileiros. “A Colonização do Rio Grande do Sul não era um fenômeno isolado. Contemporaneamente, São Paulo recebera sob regímens de colônia - em mais de

100 núcleos - ou de entrada de trabalhadores para sua agricultura de café e de outros gêneros e para as indústrias que cresciam em sua capital. Nada menos de 845.000 italianos (...) sobre um conjunto de 1.700.000 estrangeiros, em que espanhóis e portugueses entram com mais de 250.000 indivíduos de cada origem e outras nacionalidades algumas dezenas de milhares cada uma.

Santa Catarina anteceder-se na colonização italiana, que começa em 1836 com quase duas centenas de sardos; recebe depois, lígures e piemonteses que trocam a República Argentina pelo Brasil e continua seu bem sucedido esforço com outros contingentes vindos, sobretudo do norte da Itália.

Desenvolvendo uma imigração colonizadora, semelhante à de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, também o Paraná recebe, do mesmo modo que Santa Catarina, junto com alemães e poloneses, alguns milhares de italianos, que são estabelecidos em diversos núcleos, principalmente nas proximidades de Curitiba e de outros centros urbanos como Lapa, Ponta Grossa e Castro. Vinham aqueles colonos, uns da Itália setentrional, somando cerca de 30.000 (Balhana, 1958), outros de Províncias vizinhas, notadamente Rio Grande do Sul e de São Paulo.

Não se limita, no entanto, às regiões meridionais o plano de colonização cedo empreendido pelo Império brasileiro. Nas Minas Gerais desde meados do século XIX o governo provincial interessa-se pela imigração italiana, cuja contribuição monta a mais de 47.000 indivíduos. Nunca menos de 40.000 são acolhidos no Espírito Santo, vindo a contribuir, com alemães e suíços, um sistema próspero de colônias.

A Bahia havia sido uma das áreas escolhidas para a colonização estrangeira, a princípio com suíços e alemães,

que tiveram um passageiro êxito em tentativa nas matas costeiras, vizinhas de Minas e Espírito Santo. Em 1910, quando a imigração se extingue e a morte já eliminara muitos dos imigrantes e bastante desses já haviam se naturalizado, contam-se no País ainda 1.264.000 italianos assim aproximadamente distribuídos: São Paulo - 800.000; Rio Grande do Sul - 250.000; Minas Gerais - 90.000; Rio de Janeiro 50.000; Espírito Santo - 50.000; Paraná - 20.000; e Bahia 4.000” (Thales de Azevedo, 1982, BSB)”.

[Fonte: Andrada, Antônio Carlos D. de - Um século de História - A imigração italiana em Barbacena (1888/1988)].

3. A Colonização no Estado

“Com o Decreto nº 3.390 de 30 de dezembro de 1911, do Governo do Estado de Minas Gerais, nenhum outro Estado brasileiro passou a oferecer tantas vantagens aos imigrantes. Pelo novo Regulamento das Colônias em Minas Gerais, o colono poderia adquirir o título de propriedade da casa e do lote se, após 7 anos, tivesse bom comportamento e cultivado a terra”. “A passagem de mar”, diz o Decreto, seria paga pelo Governo Federal.

Era o seguinte o Artigo 1º do Decreto:

“Art. 1º - O governo fica autorizado a expedir título definitivo, de propriedade de lote, ao colono de bom procedimento que, no prazo de sete anos, nele tenha mantido residência e cultura e que, no mesmo, durante aquele tempo, tenha estabelecido benfeitorias, lavoura e criação correspondente ao seu valor, quando lhe foi entregue, uma vez que tenha pago os adiantamentos recebidos”.

Os artigos 31, 32 e 33 dispunham sobre os imigrantes sem recursos, facilitando seu assentamento em qualquer núcleo estadual. O novo Regulamento tratava, ainda, dos deveres do colono, de administração das Colônias, da emancipação das mesmas e da fiscalização. O novo Regulamento, elaborado durante a gestão do Presidente de Minas Gerais Júlio Bueno, foi divulgado em italiano. O jornal O SERICICULTOR, de 22 de setembro de 1912, o transcreveu em suas páginas, com impressão especial.

Já em 1911 o Estado de Minas Gerais contava com 15 núcleos instalados: Carlos Prates, Afonso Penna,

Américo Werneck, Bias Fortes e Adalberto Ferraz - nos arredores de Belo Horizonte; Vargem Grande - no distrito de Belo Horizonte; Rodrigo Silva - em Barbacena; Itajubá - em Itajubá; Francisco Sales - em Pouso Alegre; Nova Baden - em Águas Virtuosas; Constança - no distrito de Leopoldina; Barão de Ayuruoca - em Mar de Espanha; Santa Maria e Major Vieira - em Cataguases; e Rio Doce - em Ponte Nova.

A situação populacional dos núcleos era a seguinte: Rodrigo Silva - 1.614 colonos, Constança 386, Nova Baden - 376, Santa Maria - 345, Vargem Grande - 324, Francisco Sales - 287, Barão de Ayuruoca - 248, Itajubá - 242, Afonso Pena - 170, Wenceslau Braz - 68, e Rio Doce - 28 (Fonte: O Sericicultor, 1912).

A produção da Colônia Rodrigo Silva em 1911 foi de 308:049\$080, a maior produção dentre todas as colônias, sendo a segunda colônia em arrecadação a de Santa Maria com 90:775\$883. A população do núcleo de Barbacena estava assim distribuída: dos 1.614 habitantes, 828 eram do sexo masculino e 785 do sexo feminino, sendo, por nacionalidade, dividido com 1.364 italianos, 223 brasileiros, 13 austríacos, 8 alemães e 6 portugueses. O historiador Altair José Savassi registra a presença de uma família francesa, Lebourg.

Durante o ano de 1912 entraram no Estado de Minas Gerais 2.024 imigrantes, sendo 648 espanhóis, 576 portugueses, 332 alemães, 331 italianos e 164 de diversas nacionalidades.

Em 1913 a situação das colônias em Minas era a seguinte: Colônias federais (população: 1488) - João Pinheiro e Inconfidentes; Colônias estaduais modernas (população: 1.882) - Vargem Grande, Wenceslau Braz, Constança, Santa Maria, Major Vieira, Rio Doce, Barão de Ayuruoca, Pedro Toledo e Itajubá; Colônias estaduais

antigas, com auxílio indireto da União (população: 2.346) - Rodrigo Silva, Nova Baden e Francisco Sales; Pequenos núcleos nos arredores de Belo Horizonte - Carlos Prates, Afonso Penna, Bias Fortes, Adalberto Ferraz e Américo Werneck.

A emancipação da Colônia Rodrigo Silva deu-se pelo Decreto nº 5.119, de 08 de novembro de 1918, do Governo do Estado e, em 1920, a Lei estadual nº 783, de 16 de setembro, autorizava a expedição de títulos provisórios de propriedade aos colonos”.

[Fonte: Andrada, Antônio Carlos D. de - Um século de História - A imigração italiana em Barbacena (1888/1988)].

4. A Colônia Rodrigo Silva

“A Colônia Rodrigo Silva de Barbacena MG, foi criada pelo Governo Imperial a 15 de abril de 1888 (Nestor Massena, 1985). A colônia de imigrantes em Barbacena recebeu o nome de Rodrigo Silva, em homenagem ao então Ministro da Agricultura.

A inauguração contou com as presenças, além da do Ministro, de inúmeras personalidades da região, da Província e do Império. Na ocasião, falou em nome da Câmara Municipal o vereador Paulino Nunes de Melo, tendo a Ata sido lavrada pelo Secretário vereador João Agostinho Gonçalves (Nestor Massena, 1985), sendo assinada, entre outros, pelo Ministro Rodrigo Silva, Visconde de Carandaí Belisário Penna, Leopoldo Rodrigues Costa, Ewbanck da Câmara, o Inspetor Geral de Terras e Colonização Accioly de Barros, Francisco de Paula Prestes Pimentel, Francisco José Lepage - Químico da Casa Imperial, Visconde de Lima Duarte, Feliciano Duarte Penido, Olynto Máximo de Magalhães e Henrique Diniz (Altair Savassi, 1987).

Inicialmente, o núcleo colonial era composto de 189 lotes de cerca de quatro alqueires cada.

Passando à jurisdição do Estado de Minas Gerais em 04 de outubro de 1892, a Colônia foi modificada e ampliada com mais 89 lotes, com a incorporação da Fazenda da Ponte Nova.

A sua superfície é de 41.616.091,20 metros quadrados, dividida em 278 lotes, dos quais 238 são rurais e 40 urbanos, assim denominados por se destinarem à formação de um grupo urbano.

Quanto à instalação de fato do núcleo, o historiador Altair José Savassi, filho de imigrante, fala em data anterior - “suponho que em fins de 1886 e 1887”.

Afirma ter pesquisado muito a respeito, em vários setores do País e, até hoje, “não pude chegar a uma conclusão”. Baseia-se no Relatório do Ministro Rodrigo Silva, datado de 1888: “O Governo Imperial (...) autorizou a presidência (da Província) a fazer introduzir, mediante o pagamento das respectivas passagens pelos cofres gerais, até 500 famílias, tendo anteriormente autorizado a criação de um núcleo em Barbacena, em terras para esse fim adquiridas, o qual já se acha muito adiantado (...)”.

Em poucos anos, a superfície da colônia abrangia além da Fazenda do Facão (Chácara) e a Fazenda da Ponte Nova, a Lavrinha, Ponte do Cosme, Registro Novo (hoje o distrito de Sá Fortes) - incluindo trechos que se estendiam até os então distritos de Barbacena, Sítio (hoje o município de Antônio Carlos) e São Sebastião dos Torres (hoje o distrito de Correia de Almeida).

Sobre a situação da Colônia Rodrigo Silva, o jornal O POPULAR, de propriedade de Mattos & Bittencourt, de 22 de junho de 1890, registrava as dificuldades iniciais:

“Apesar da esterilidade do solo e da falta absoluta de conhecimentos teóricos e práticos de agricultura e industriais, de que são dotados os colonos italianos que vieram habitar as antigas Chácaras do Dr. Penna e o Registro Novo, vinha a Colônia Rodrigo Silva seguindo a marcha vagarosa dos estabelecimentos congêneres do nosso país, no caminho do progresso. - É provável que privados agora da tutela do estado, não contando mais os colonos para se manterem senão com o resultado do seu improbo trabalho, melhorem com mais presteza as condições deste núcleo, que sob aquela administração pouco prometia.

Servirá este núcleo de experiência de colonização para o nosso estado: se ele prosperar está ela resolvida praticamente entre nós, porque poucos ter-

renos do estado de Minas são tão estéreis como o que é ocupado pela Colônia Rodrigo Silva. Se ajuntarmos a esta esterilidade as irregulares e más condições meteorológicas, próprias dos lugares elevados, que prejudicam consideravelmente o desenvolvimento dos vegetais; a ignorância absoluta dos colonos das épocas próprias para plantação dos vegetais que encontram em nosso solo e a atmosfera e os elementos necessários para a sua evolução, ver-se-á ser verdadeira a nossa afirmação: prosperando em Barbacena um núcleo colonial, em todas outras quaisquer partes de Minas prosperarão os núcleos que se estabelecerem, exceto nos em que grassar moléstias endêmicas, que felizmente não são comuns nesse estado.

Barbacena é mais própria para as indústrias fabris do que para a agrícola. O seu clima temperado, a atmosfera embalsamada e leve que a envolve, a renovação contínua do ar, que é sempre puríssimo, a abundancia de água potável e para mover máquinas, a fecundidade proverbial de seus habitantes, a facilidade com que os indivíduos de espécie humana se desenvolvem, a raridade de óbitos de crianças e, sobretudo de adultos, a presteza com que curam-se os ferimentos; tudo isso mostra as vantagens desta cidade para as indústrias fabris; como também a falta de uberdade do solo mostra a sua impropriedade para a agricultura. Mandem para aqui colonos industriais que montem fabricas de tecidos, de cerveja, de vinho, de vinagre, de papel, de chapéus, curtumes, estabelecimentos em que serão o ferro, o cobre e o zinco preparados para os diversos misteres da vida; enfim fábricas de toda natureza e qualidade, que a Colônia Rodrigo Silva prosperará, e em curto espaço de tempo se avantajará às demais deste e dos outros estados da Republica Brasileira.

Há, ainda, na edição, desse jornal, publicação interessante intitulada “Casamento civil” - um edital, em que registra, sem dúvidas, um dos primeiros casamentos havidos entre os colonos italianos em nossas terras; cerca de dois anos após a inauguração da colônia:

“Está afixado no Cartório do Escrivão de Paz o edital do casamento de Ernesto Niam e d. Elvira Castello, colonos do núcleo Rodrigo Silva”.

Dois meses depois, a 24 de agosto, o mesmo jornal O POPULAR publicava novas notícias sobre a vida na Colônia, desta vez tecendo críticas à sua administração:

“Uma administração estéril, custosa e desorientada; a sua pouca ou nenhuma pratica de lavoura em relação à época e aos métodos de plantio, reunida a inexperiência dos colonos, foram sem duvida a causa eficiente de não ter este núcleo prosperado como era de presumir-se, ficando assim completamente iludida a expectativa do Governo, a par de um enorme dispêndio”.

A notícia insistia na falta de assimilação por parte dos imigrantes dos métodos de plantio, o que dificultava a subsistência dos colonos, revelando necessidade de novas ajudas governamentais:

“Composta exclusivamente de italianos paupérrimos em sua totalidade, tem esta Colônia de ser pensada com auxílios pecuniários do governo, até a sua emancipação, para obter os resultados de suas plantações”.

A Colônia, embora as dificuldades iniciais de toda ordem, já refletia sobre a cidade quanto ao seu abastecimento, como relata o historiador Altair José Savassi. Por esta época, já era comum os colonos “levarem de casa em casa, na cidade, verduras e legumes, leite, farinhas, carne suína e bovina, linguiça, galináceos, ovos e muitas

frutas como uvas, maçãs, peras, laranjas, tangerinas, pêssegos etc”. Segundo o historiador, localizavam-se na Colônia as principais cerâmicas do município.

Embora tenha havido certo incremento nos trabalhos da Colônia, publicações dos anos de 1895 e 1896 do jornal FOLHA DE BARBACENA atestam ainda certas dificuldades dos colonos em saldar as prestações dos seus respectivos lotes:

“De ordem do Dr. Inspetor de Terras e Colonização, convido aos colonos deste núcleo que se acham em atraso há mais de 2 anos, a virem, até o dia 31 de dezembro do corrente ano, efetuar o pagamento de seus lotes sob pena de serem concedidos a outros - O administrador Deodoro Gomes de Araújo. Barbacena, 23 de agosto de 1895”.

A publicação do ano seguinte concede um prazo de 30 dias para o pagamento das prestações em atraso, penalizando o colono que não o fizer com a desocupação imediata do lote.

Fato marcante no final do século passado foi a iniciativa pioneira em todo o País da concretização da indústria da seda na Colônia Rodrigo Silva, em 1897, através da ação do então administrador Amilcar Savassi.

Ao contrário da previsão dos críticos do final do século passado, acerca das condições desfavoráveis do solo e do clima para o desenvolvimento agrícola na localidade, a denominada Colônia Rodrigo Silva, hoje elevada a Bairro Roman, mostrou-se amplamente favorável ao plantio. Dados da Secretaria Municipal de Agricultura de Barbacena informam que 101 propriedades rurais estão cadastradas junto ao INCRA, abrangendo um total de 839,9 ha.

Às margens da Estrada MG-338 - também denominada “Rodovia dos Imigrantes”, o Bairro Roman está a apenas 6 Km do centro da cidade, sendo todo o

trecho asfaltado. A sede da localidade reunia, em 1988, aproximadamente cem moradias, servidas de luz elétrica e algumas com telefone. O abastecimento de água, embora precário, satisfaz razoavelmente as necessidades locais. A localidade possui uma ampla Igreja - São Pedro -, dotada de coreto e salas para atividades comunitárias, um Grupo Escolar - “Gabriela Andrada” - com quadra poliesportiva e um campo de futebol.

Um levantamento agrícola de 1986, fornecido pela Secretaria Municipal de Agricultura de Barbacena, revelava que a olericultura ocupava uma área de 90 ha com uma produção de 2.132 toneladas/ano; a fruticultura abrangia uma área de 13 ha e produzia 688 toneladas/ano; a floricultura cobria uma área de 8 ha e tinha uma produção de 850.000 dúzias/ano, sendo 700.000 rosas e 150.000 crisântenos; a suinocultura contava com 800 cabeças e os bovinos de leite forneciam 320.000 litros/ano; e, por fim, a cultura de grãos - milho e feijão - abrangia uma área de 330 ha com produção anual de 748 toneladas.

O Bairro Roman é hoje o símbolo maior da imigração italiana em Barbacena, não só pelo passado que representa, tendo sido há mais de um século o berço dos então recém-chegados imigrantes, mas porque ao longo dos anos se firmou como uma localidade eminentemente agrícola - atividade inicial dos colonos -, de forte presença na cidade e região”.

[Fontes:

- *Cadernos de Clariano Roman*
- *Andrada, Antônio Carlos D. de - Um século de História - A imigração italiana em Barbacena (1888/1988)*
- *Savassi, Altair José - Barbacena 200 Anos, volume 1 -páginas 206 a 211 (1991)].*

5. A Estação Sericícola

“A Estação Sericícola de Barbacena teve suas raízes ainda no final do século passado, quando o então administrador da Colônia Rodrigo Silva, Amílcar Savassi, além de outras medidas agropecuárias que empreendeu, incentivou a plantação de amoreira e a criação do bicho da seda, montando teares e outros aparelhos indispensáveis à fabricação da seda.

Em 1905, Amílcar Savassi esteve em viagem à Europa, com o apoio do Governo do Estado, onde fez curso de Especialização de Sericultura, frequentando a Real Escola de Sericultura de Milão, e adquirindo, naquela ocasião, na Itália e na Suíça, máquinas de fiação que foram instaladas na colônia em Barbacena.

A Estação Sericícola, no entanto, só foi oficialmente regulamentada em 1912, por Decreto do Ministro da Agricultura Pedro de Toledo, durante o Governo do General Hermes da Fonseca. O jornal O SERICULTOR, de 21 de julho de 1912, publicou a seguinte matéria a respeito:

“Mais um serviço acaba de prestar a Barbacena o ilustre Dr. Pedro de Toledo, Ministro da Agricultura.

*É assim que por decreto de 10 do corrente mês, publicado a 17, foi criada na Colônia Rodrigo Silva uma estação sericícola que equivale a um modesto instituto de ensino da cultura da amoreira e criação do **bombix-mori**.*

Foi em virtude de Emenda dos Deputados José Bonifácio de Andrade e Silva e João Simplício que a Lei Orçamentária vigente consignou

verba para a Fundação de três estações serícolas na República. Invocando esse dispositivo, o Presidente do Rio Grande do Sul ofereceu ao Governo da União no município de Bento Gonçalves setenta e cinco mil metros quadrados de terreno para uma dessas estações, pois ali está iniciada a indústria da seda e a zona oferece elementos de franco sucesso para esse fim (...).

Na mesma orientação (...) o Presidente do Estado de Minas Gerais Júlio Bueno dirigiu-se ao Ministério da Agricultura ofertando-lhe o lote nº 10 da Colônia (Rodrigo Silva) para estabelecimento duma das estações e era esse o posto naturalmente indicado à vista da dedicação com que em Barbacena tem sido tratada a futura indústria, crescendo a circunstância de ser a Colônia o centro de propaganda sérica com importantes serviços prestados ao seu desenvolvimento pela distribuição de mudas, sementes e instruções práticas (...)"

Na mesma edição do jornal, em matéria principal na primeira página:

"(...) Nós (a administração e direção do jornal, tendo à frente Amílcar Savassi), que, desde o ano de 1897, há cerca de quinze anos, portanto, nos viemos batendo desinteressadamente em prol da sericultura no País e em especial neste Estado - não podemos deixar de congratularmo-nos com o digno titular da pasta da Agricultura, Exmo. Sr. Dr. Pedro de Toledo, pela salutar medida que acaba de ser aprovada (...). Pela autorização do Poder Legislativo ao Executivo - serão três as Estações Serícolas - sendo, destas, duas já criadas: uma em Bento Gonçalves, Estado do Rio Grande do Sul e a outra nesta Colônia onde já existem os mais aperfeiçoados maquinismos para a fiação do casulo, torcedura, polimento, e tecelagem do fio da seda - bem como câmara frigorífica e mi-

*croscópios para hibernação e seleção dos ovos do **bombix-mori** e outros aparelhos indispensáveis ao fim de que tratamos. A terceira Estação Sericícola será certamente criada no Estado de São Paulo, onde, desde alguns anos, os próprios poderes públicos não se tem descuidado dessa indústria”.*

Em edições seguintes, O SERICICULTOR publica dados sobre os trabalhos desenvolvidos na Estação Sericícola: em 1911 foram distribuídas 68.670 mudas de amoreira e 2.388 gramas de óvulos do bicho da seda, antes, porém, da regulamentação proferida pelo Governo Federal; e logo após o Decreto da criação da Estação, de 1912 a 1915 foram distribuídos 375.860 mudas e 16.875 gramas de óvulos”.

[Fonte: Andrada, Antônio Carlos D. de - Um século de História - A imigração italiana em Barbacena (1888/1988)].

6. As Primeiras Famílias

“As primeiras 25 famílias aqui chegaram em 14 de abril de 1.888. Eram do Friuli, Província de Udine - Veneto - Itália. Posteriormente, chegaram outras famílias de regiões também da alta Itália, Lombardia e Piemonte.

Ficaram alojadas na sede da antiga Fazenda do Facão (posteriormente conhecida como Chácara), que pertenceu ao Dr. Francisco Gustavo Pacheco Penna, onde depois foi instalada a Estação Sericícola, cuja denominação foi mudada para Inspetoria Regional de Sericultura e, por fim, para Fazenda Regional de Criação.

Essas famílias foram ocupando as casas à medida que iam sendo construídas, as quais eram de tábuas, com três cômodos, dois quartos grandes e uma cozinha, sendo os cantos de trilhos de ferro, algumas cobertas de telhas e outras de folha de zinco. O Governo deu-lhes subsistência por um ano.

As outras casas foram construídas de pau-a-pique e tijolos.

Os primeiros lotes foram dados com as respectivas casas e os demais pagos em prestações.

Teve a Colônia vários administradores entre os quais Lacerda, Deodoro Gomes de Araújo, Amílcar Savassi, Américo Lima e Guilherme Prates.

Os primeiros italianos a chegarem a Barbacena eram todos agricultores, com raras exceções, e tinham, no máximo, o curso primário, total ou parcial. Os adultos já tinham alguma experiência agrícola nas terras de origem. As principais dificuldades enfrentadas pelos recém-chegados eram a língua - um pouco, mas não tardaram a compreendê-la bem (Altair José Savassi, 1987), e a financeira, uma vez que a ajuda recebida no primeiro ano, enviada pelo Governo, às vezes demorava a

chegar, motivando - em alguns casos a retirada de colonos para outras localidades, inclusive, poucos, para a terra de origem (Altair José Savassi. 1987).

A população em 1911 era de 1.460 habitantes, sendo 751 do sexo masculino e 709 do sexo feminino. (Felipo Grossi - "Lo Stato di Minas Gerais" - página 69), assim divididos por nacionalidades:

- 1.210 italianos
- 223 brasileiros
- 13 austríacos
- 8 alemães
- 6 portugueses.

Os primeiros 30 lotes foram assim ocupados:

- 1 - Picinin Marco
- 2 - Bertolin Valentin
- 3 - Gava Paulo
- 4 - Damian Giuseppe e depois por Magri Luigi casado com Bertolin Giuditta
- 5 - Sfredo Olivo casado com Ana
- 6 - Gava Pietro casado com Violetti Giovanna
- 7 - Picinin Giacomo casado com Santarosa Maria
- 8 - Picinin Giuseppe casado com Fregassi Teresa
- 9, 10 e 11 - Piacentini Carlo e depois Estação Sericícola
- 12 - Dapiane Santo e depois Savassi Amílcar casado com Roman Regina.
- 13 - Loschi Michele casado com Presotti Madalena
- 14 - Martin Giovanni Maria casado com Vitorette Giovanna

- 15 - José Castella e depois por Antônio José Ribeiro casado com Nadalin Genoveva
- 16 - Delben Oswaldo casado com Regina Picinin
- 17 - Delben Antonio casado com Turin Maria
- 18 - Martin Dionizio e Taissol Maria
- 19 - Rossetti Antonio casado com Teresa
- 20 - Bortolus Giovanni casado com Ceolin Francisca
- 21 - Roman Marco casado com Zanetti Antônia
- 22 - Turchetti Giovanni casado com Delben Maria
- 23 - Piazzi Arturo casado com Turchetti Santa
- 24 - Mantovani Giuseppe e depois por Roman Santo casado com Martin Marcolina
- 25 - Roman Antonio e depois por Roman Giuseppe, casado com Blazutti Marcolina
- 26 - Caponi Nicodemo e depois por Anistadi Celeste
- 27 - Bernin Giuseppe casado com Capiluppe Carolina
- 28 - Turchetti Giuseppe casado com Madalena
- 29 - Dapiene Pasquale casado com Turchetti Giuseppina
- 30 - Santarosa Giovanni casado com Turchetti Giovanna

Disse-lhes o Sr. Fiorita, empresário no navio que trouxe as primeiras 25 famílias ao Brasil:

- Il Brasile è il paradiso dele dorme, il purgatório dei nomini e il infeno dele bestie. (O Brasil é o paraíso adormecido, o purgatório dos homens e o inferno das bestas).

Apelido de algumas famílias:

Bertolin - Viccies

Bertolin - Verdolot

Bortolucci- Ciande
Bortolus - Herbazigo
Delben - Savestrin
Gava - Bosco
Loschi - Caldo
Santarosa - Lucon
Turchetti - Fiorit
Pascualin - Simet

Há na Colônia várias famílias com o mesmo nome e que não são nem aparentadas, como as Bertolin, Loschi e Picinin.

Havia na Colônia famílias de três ou mais casados com filhas que moravam na mesma casa, em sistema patriarcal, como as Magri, Bosco, Verdolot, Puiatti, Violet e outros mais.

Antes de serem criadas as escolas de “Ponte Nova” e a do “Registro” o Professor Bianchi lecionou na casa que foi do Ustin Viccies.

As famílias da Colônia, na sua maioria, falavam um dialeto friulano-italiano, menos silábico e um tanto humorístico: Roman, Bortolus, Zanetti, Ceolin, Delben, Martin, Loschi, Turchetti, Piazzis, Picinin, Puiatti, Bertolin, Gava, Sfredo e outras.

Elas eram católicas.

O lote nº 21, onde residimos, tem a superfície de 164.400m², a altitude de 1.068 a 1.085 metros e a população de 51 habitantes.

Graças à sua situação é o que tem mais casas (8) e o mais povoado dos trinta já citados.

É servido por duas estradas.

Recebe água alta vinda do Monte Mário pelo lote dos Piazzis, a qual dá para movimentar um moinho de

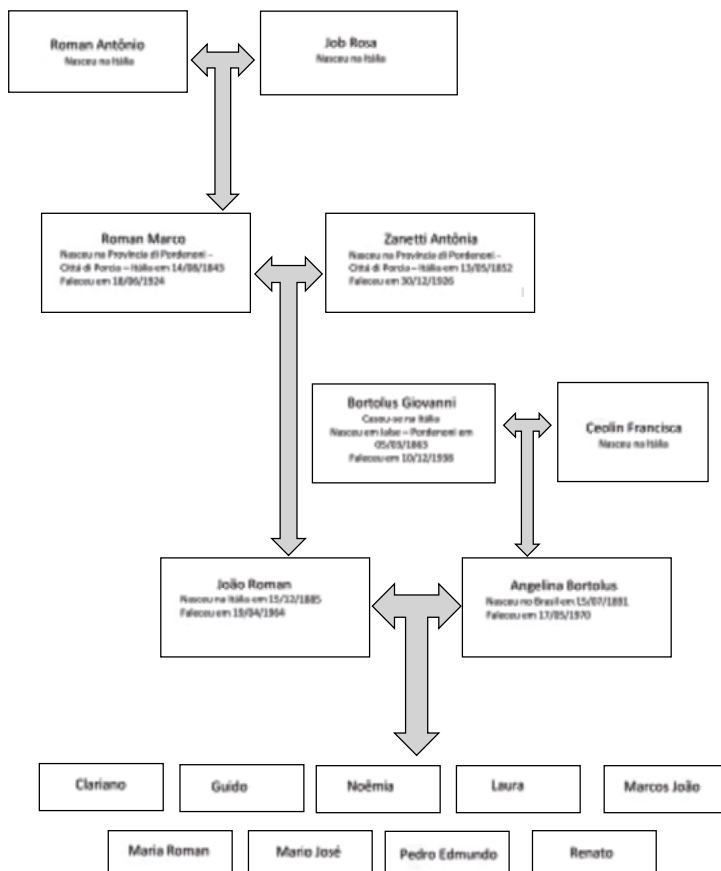
fubá. Do lote do Bortolus também recebe água alta e do Delben o córrego vindo da cidade.

A casa velha foi um centro de reuniões onde sempre se dançava noutros tempos”.

[Fonte: “Cadernos” de Clariano Roman].

7. A Origem da Família Roman

Árvore genealógica da família Roman



▪ O Bisavô Roman

Roman Marco, filho de Roman Antônio e de Job Rosa, nasceu no dia 14 de agosto de 1843, em Porcia, distrito de Pordenone, Província de Udine, Friuli, Região Veneza, Giulia, que estava então sob o domínio da Áustria. Em 1866 o Veneto voltou a pertencer à Itália.

O Bisavô Marco teve de servir nos exércitos austríaco e italiano e guerreou tanto de um lado como do outro.

Casou-se em 1872, com Zanetti Antônia, imigrando com a família para o Brasil. Estabeleceu-se na Colônia Rodrigo Silva, Barbacena, MG, em 1888, no lote nº 21.

Tinha estatura alta, bem feito de corpo, cabelos castanhos, olhos claros e muito simpático.

Sua família na Itália era abastada, mas seu mano Giorgio, quando pequeno, pôs fogo nos celeiros e estábulos, queimando tudo.

Depois um padre ia deixar-lhes bens, mas atacado de soluços, morreu de repente sem ter tido tempo de fazer testamento.

Apesar disso veio para o Brasil não por dificuldade de vida, mas por não poder, lá, criar uma família sem guerras devastadoras.

Aqui sempre foi agricultor.

Vovô Marco sabia ler e escrever.



Foi ele quem me ensinou as primeiras letras da língua italiana.

Não blasfemava.

Era um homem sério e direito.

Morreu em 18 de junho de 1924.

Assim, foi 23 anos austríaco, 22 anos italiano e 36 anos brasileiro.

Até 1958 seus descendentes eram em número de 392, espalhados por Barbacena, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e outras localidades, em todas as profissões.

▪ A Bisavó Zanetti

Zanetti Antônia - La Tunina - Roman, nasceu em Pórcia, Pordenone, Itália, em 13 de maio de 1852.

Não sabia ler e nem escrever, pois naqueles tempos a mulher era criada para a cozinha.

Na Itália foi mestra de fiação de casulos do bicho da seda o que ensinou na Estação Sericícula de Barbacena, durante muitos anos.

Casou-se com Roman Marco, na Itália, em 1872 e vieram para o Brasil com 9 filhos menores, tendo perdido no navio, sua filha Rosa, chegando à Barbacena com 8, em 14 de abril de 1888. Aqui teve mais duas filhas, Lúcia e Angelina.

Suas filhas, Maria, Regina, Teresa, Lúcia e Angelina, foram, quando moças, formosas pelas suas belezas, segundo o testemunho dos velhos que as conheceram naqueles tempos.

Vovó era parteira e muita gente a chamava de Santula Tunina - madrinha Antônia.

Faleceu com 74 anos de idade, em 30 de dezembro de 1926, numa belíssima tarde bronzeada.

▪ O Bisavô Bortolus e a Bisavó Ceolin

Bortolus Giovanni (Goanni Herbazigo, só usando na Itália), nasceu em lalse - Pordenone, em 5 de março de 1863.

Recém-casado com Ceolin Francisca (La Checa) veio para a Colônia Rodrigo Silva, onde lhe foi doado o lote nº 20 e aí lhes nasceram os seus sete filhos. A área do lote 20 é de 187.800m².

Vovô Bortolus era um homem alto, gordo, o mais gordo da Colônia, chegando a pesar 120 quilos. Tinha uma força de um touro, tanto que ajudava a empurrar o carro de bois nas subidas.

Embora analfabeto, sabia fazer qualquer conta de cabeça.

Gostava de beber. Fazia vinho de uva para todo o ano e quando bebia um pouco de mais ficava exaltado.

Ao contrário do *nonno* Roman, blasfemava e era boçal, mas estimado por todos pelo seu humorismo.

Na sua casa, diariamente, ao escurecer dizia:

- *Dizem sue el rosário. Lodato sempre sia il nome di Gessia e di Marcia. E sempre sai lodato il nome di Golu Verbo incernato. (Dizem sobre o rosário. Sempre louvado seja o nome de Grace e Marta. Que o nome da palavra encarnada Golu seja sempre louvado)*

E daí por diante o terço era rezado todo em latim, inclusive certo número de *De Profundis* para todos os mortos de suas relações.

Muitas vezes alguma criação na cocheira ou no curral ao lado da casa berrava, ele interrompia a reza, blasfemava e continuava como se tudo fosse oração.

Morreu com 75 anos de idade, em 10 de dezembro de 1938.

Deixou 276 descendentes até 1958.

8. Descendência da família Roman 1888/1958

➤ A origem: Marco Roman e Antônia Zanetti

Filhos:

- 1 - Pietro
- 2 - Giuseppe
- 3 - Maria
- 4 - Santo
- 5 - Rosa
- 6 - Regina
- 7 - Giovanni
- 8 - Fiorina
- 9 - Teresa
- 10 - Lúcia
- 11 - Angelina
- 12 - Rosina.

Resumo: 12 filhos, sendo 4 homens e 8 mulheres. Vivos: 2 homens e 3 mulheres. Mortos: 2 homens e 5 mulheres. Genros: 5. Noras: 3.

Fiorina e Teresa eram gêmeas.

Lúcia e Angelina nasceram em Barbacena MG.

Pietro tinha 23 anos de idade, solteiro, quando foi encontrado morto em Burnier, onde trabalhava.

Rosina nasceu e faleceu na Itália, com 7 anos de idade.

➤ Descendentes diretos:

▪ 1. Pedro (Pietro) Roman casou-se com Maria Zanetti.

Filhos:

- 1 - Ernestina
- 2 - Arlindo.

▪ 1.1. Geraldo da Cruz casou-se com Ernestina Roman.

Filhos:

- 1 - Neire
- 2 - Geraldo
- 3 - Jorge
- 4 - Neidircéa
- 5 - Neirilda
- 6 - Neila
- 7 - Nier
- 8 - Nére.

Resumo: 8 filhos, sendo 3 homens e 5 mulheres. Mortos; 2 homens.

▪ 2. José (Giuseppe) Roman casou-se com Marcoleira Blazuti.

Filhos:

- 1 - Pedro
- 2 - Regina
- 3 - Verginia
- 4 - Antonia
- 5 - Antinisca
- 6 - Celeste
- 7 - João
- 8 - Leticia
- 9 - Silvano

Resumo: 9 filhos, sendo 4 homens e 5 mulheres. Vivos: 2 homens e 3 mulheres.

Mortos: 2 homens e 2 mulheres.

▪ 2.3. Manoel Lourenço Lagioto casou-se com Verginia Roman.

Filhos:

- 1 - Mires
- 2 - Jandira

3 - Demerval.

Resumo: 3 filhos, sendo 2 homens e 1 mulher. Morto: 1 homem.

- 2.3.1. Mires Lagioto casou-se com Maria Júlia Rocha.
Jandira Lagioto tem uma filha de nome Kátia.

- 2.4. Artur Discacciati casou-se com Antônia Roman.

Filhos:

- 1 - Irineu
- 2 - Araci
- 3 - Irio
- 4 - Irene.

Resumo: 4 filhos, sendo 2 homens e 2 mulheres.

- 2.4.1 Irineu Discacciati casou-se com Judith Puiatti e tiveram a filha Eliana.

- 2.5. Celeste Discacciati casou-se com Antinisca Roman.

Filhos:

- 1 - Celeste
- 2 - Nilza
- 3 - Vanilda
- 4 - Neide
- 5 - Osvaldo José.

Resumo: 5 filhos, sendo 2 homens e 3 mulheres.

- 2.5.1 Celeste Discacciati (filho) casou-se com Glória Silveira.

- 2.6. Celeste Roman casou-se Alexandra Castanha.

Filhos:

- 1 - Natan
- 2 - Ivo Giordano

- 3 - Ivone Maria
- 4 - Natisda
- 5 - Ivan Verissimo
- 6 - Nadi Marcolina
- 7 - Ione Luzia
- 8 - Odecio
- 9 - Marisa Maria
- 10 - Marilia
- 11 - Elizabeth.

Resumo: 11 filhos sendo 4 homens e 7 mulheres. Vivos: 3 homens e 6 mulheres. Mortos; 1 homem e 1 mulher.

- 2.6.2. Ivo Giordano Roman casou-se com Maria Raimundo Nascimento.

Filhos:

- 1 - Tais das Graças
- 2 - Celestino.

Resumo: 2 filhos sendo 1 homem e 1 mulher.

- 2.6.3. Eleutério Ceolin casou-se com Ivone Maria Roman.

- 2.7. João Roman (Sobrinho) casou-se com Cecilia Ana Capelupe.

Filhos:

- 1 - Mirtis
- 2 - Mauro
- 3 - Moacir
- 4 - Marcilio
- 5 - Marino
- 6 - Marivauda
- 7 - Miria
- 8 - Magda

Resumo: 8 filhos, sendo 4 homens e 4 mulheres.

Resumo total da família de José Roman (2) até 1958.

9 filhos sendo 5 homens e 4 mulheres.

33 netos sendo 15 homens e 18 mulheres.

12 bisnetos sendo 4 homens e 8 mulheres.

3 genros.

2 noras.

6 netos afins, sendo 2 homens e 4 mulheres.

▪ 3. Antônio Ceolin casou-se com Maria Roman.

Filhos:

1 - Pedro

2 - João

3 - Rosa

4 - Remo

5 - Florentina

6 - Elizena

7 - Renaldo

8 - Angelina

9 - Helena

Resumo: 9 filhos sendo 4 homens e 5 mulheres. Mortos: 3 homens.

▪ 3.1. Pedro Ceolin casou-se com Ângela Zanetti.

Filhos:

1 - Maria Isolda

2 - Belita Antônia

3 - Renaldo

4 - José Palamides

5 - Clarice Lucilia

6 - Anceloto Cesar

7 - Catarina

8 - Rita Mercedes

9 - Mércia Petrina

10 - Pedro José

11 - Maria Dulce.

Resumo: 11 filhos sendo 4 homens e 7 mulheres. Morto: 1.

▪ 3.1.1 Antônio do Carmo de Almeida casou-se com Maria Isolda Ceolin.

Filhos:

1 - Laertes

2 - Maria Dulce.

▪ 3.1.2 Roldão Dias da Silva casou-se com Belita Antônia Ceolin.

Filhos:

1 - Rubens

2 - Paulo

3 - Reinaldo

4 - Roldão

5 - Carlos Alberto

6 - Maria Shirlei

7 - Marta Rita.

Resumo: 7 filhos sendo 5 homens e 2 mulheres.

▪ 3.1.3. Renaldo Ceolin casou-se com Ida Magri.

Filhos:

1 - Sebastião

2 - Ulisses Bento

3 - Angelina

4 - Regina

5 - Pedro

6 - Amabile

7 - Rosa Maria

Resumo: 7 filhos sendo 3 homens e 4 mulheres.

- 3.1.4. José Palamides Ceolin casou-se Olivia do Carmo Almeida.

Filhos:

- 1 - Mauri
- 2 - Marli
- 3 - Marlene
- 4 - Marilene
- 5 - Maurides

Resumo: 5 filhos sendo 2 homens e 3 mulheres. Marlene e Marilene eram gêmeas.

- 3.1.5. Paulo Dias da Silva casou-se com Clarice Lucília Ceolin.

Filhos:

- 1 - Expedito
- 2 - Vera Maria.

- 3.1.6. Anceloto Cesar Ceolin casou-se com Elza da Conceição.

Filhos:

- 1 - Ana Maria
- 2 - Cesar José.

- 3.1.7. Aretino Fausto Costa casou-se com Catarina Ceolin.

Filhos:

- 1 - Oneida
- 2 - Onilda.

- 3.1.8. João Ferreira casou-se com Rita Mercedes Ceolin.

- 1 - Maria Carmen.

Resumo total da família de Pedro Ceolin (3) até 1958.

11 filhos sendo 4 homens e 7 mulheres

28 netos sendo 13 homens e 15 mulheres
5 genros
3 noras.

▪ 3.3. Pedro Zanetti casou-se com Rosa Ceolin.

Filhos:

- 1 - Ismael Antônio
- 2 - Moisés
- 3 - Pedro Máximo
- 4 - Maria Francisca
- 5 - Elias.

Resumo: 5 filhos sendo 4 homens e 1 mulher.

▪ 3.3.1. Ismael Antônio Zanetti casou-se com Dalila Pereira.

Filhos:

- 1 - Inês
- 2 - Ângela Maria
- 3 - Marcos
- 4 - Mario.

Resumo: 4 filhos sendo 2 homens e 2 mulheres.

▪ 3.3.2. Moisés Zanetti casou-se com Deia Ribeiro.

Filhos:

- 1 - Moisés Camilo
- 2 - Nanci.

▪ 3.3.3. Pedro Máximo Zanetti casou-se com Ivone Patrícia.

Filhos:

- 1 - Valéria
- 2 - Marise.

Resumo total da família de Pedro Zanetti (3.3) até 1958.

5 filhos sendo 4 homens e 1 mulher
8 netos sendo 5 mulheres e 3 homens.

▪ 3.4. Remo Ceolin casou-se com Justina Candian.

Filhos:

- 1 - Alberto
- 2 - Eleutério
- 3 - Saul

Resumo: 4 filhos homens.

▪ 3.4.2. Eleutério Ceolin casou-se Ivone Maria Roman.

▪ 3.5. José Ferreira de Oliveira casou-se com Florentina Ceolin.

Filhos:

- 1 - Jorge
- 2 - Ana Maria
- 3 - Antônio
- 4 - Letícia
- 5 - Margarida
- 6 - José
- 7 - Francisco
- 8 - Isabel
- 9 - Fernando
- 10 - Inês
- 11 - Lucia
- 12 - Helena
- 13 - Luísa Eleonor.

Resumo: 13 filhos sendo 5 homens e 8 mulheres.

▪ 3.5.1. Jorge de Oliveira casou-se com Nicolina Barbosa.

▪ 3.5.2. Nedio José Vieira casou-se com Ana Maria Oliveira.

Filhos:

- 1 - Luísa Helena
- 2 - Alexandre José

▪ 3.6. Manoel Fagundes e Elizena Ceolin.

Filhos:

- 1 - Antônio
- 2 - Inácio
- 3 - Ana Maria
- 4 - Efigênia
- 5 - Manoel
- 6 - Carlos Van

Resumo: 6 filhos sendo 4 homens e 2 mulheres.

▪ 3.6.6. Carlos Picinin casou-se com Angelina Ceolin.

Filhos:

- 1 - Luís Dirceu
- 2 - Carlos
- 3 - Roberto
- 4 - Carmen
- 5 - Maria Inês
- 6 - Helena
- 7 - Regina
- 8 - Ana Luiza
- 9 - Teresa Cristina

Resumo: 9 filhos sendo 3 homens e 6 mulheres.

▪ 3.6.6.6. Francisco de Souza casou-se com Helena Ceolin

Filhos:

- 1 - Francisco
- 2 - Maria Luiza
- 3 - Geraldo
- 4 - Galdina

Resumo: 4 filhos sendo 2 homens e 2 mulheres.

Resumo de toda a família de Antônio Ceolin (3) até 1958.

9 filhos sendo 4 homens e 5 mulheres

52 netos sendo 26 mulheres e 26 homens

38 bisnetos sendo 17 homens e 21 mulheres

5 genros

2 noras

14 netos afins, sendo 6 homens e 8 mulheres.

■ 4. Santo Roman casou-se com Marcolina Martin

Filhos:

1 - Abílio

2 - Florentino

3 - Alberto

4 - Antônio

5 - Rosa

6 - Angelina

7 - Luis

8 - Rissieri

Resumo: 8 filhos sendo 6 homens e 2 mulheres.

■ 4.1a. Abílio Roman casou-se com Rosa Bertolin. Primeiro matrimônio.

Filhos:

1 - Nelson

2 - Umbelina Teresa

3 - Maria Antônia

4 - Otávio

5 - Deusa

6 - Carlos

7 - Olimpia

8 - Maurício

9 - Clarice

10 - Waldir

Resumo: 10 filhos sendo 6 homens e 4 mulheres.

- 4.1a.2. Oswaldo Candian casou-se com Umbelina Teresa Roman.

Filhos:

- 1 - Osmar
- 2 - Mauro
- 3 - Nadir

Resumo: 3 filhos sendo 2 homens e 1 mulher.

- 4.1a.3. Mario Liporatti casou-se com Maria Antônia Roman.

Filhos:

- 1 - Stela Maria
- 2 - Hilda Ismar
- 3 - Moacir Renée
- 4 - Mario
- 5 - Marlene
- 6 - Marinez

Resumo: 6 filhos sendo 2 homens e 4 mulheres.

- 4.1a.4. Otávio Roman casou-se com Pureza.

Filhos:

- 1 - Rosa Maria
- 2 - Orides Augusto

- 4.1a.6. Carlos Roman casou-se com Maria Antônia.

Filhos:

- 1 - Carlos Antônio

- 4.1a.7. Wilson Bortolus casou-se com Olímpia Roman.

Filha:

- 1 - Marlene Maria

- 4.1b. Abílio Roman casou-se com Norma Bortolucci.
Segundo matrimônio.

Filho:

1 - Silvio

Resumo da família de Abílio Roman (4.1) até 1958.

11 filhos sendo 7 homens e 4 mulheres

13 netos sendo 6 homens e 7 mulheres

3 genros

2 noras

- 4.2. Florentino Roman casou-se com Laura Angelina Ferreira.

Filhos:

1 - Walter

2 - Letícia

3 - Natalina

4 - Albertinho

5 - Aroldo

6 - José

7 - Santos

8 - Luzia

9 - Célia

10 - Celso

11 - Florentina

12 - Trindade

13 - Evaristo

14 - Maria

15 - Ana

Resumo: 15 filhos sendo 7 homens e 8 mulheres.

- 4.2.3. Antônio de Melo Vernan casou-se com Natalina Roman.

Filhos:

- 1 - José
- 2 - Maria
- 3 - Antônio
- 4 - Helena
- 5 - Pedro
- 6 - Madalena
- 7 - Inácio

Resumo: 7 filhos sendo 4 homens e 3 mulheres.

- 4.2.4. Albertinho Roman casou-se com Conceição do Carmo Almeida.

Filhos:

- 1 - Luanice
- 2 - Albertinho
- 3 - Aroldo

Resumo: 3 filhos sendo 2 homens e 1 mulher.

- 4.3. Alberto Roman casou-se com Maria Bertolin

Filhos:

- 1 - Servino
- 2 - Alice
- 3 - Waldemiro
- 4 - Geraldo

Resumo: 4 filhos sendo 3 homens e 1 mulher.

- 4.4. Antônio Roman casou-se com Teresa Saviotti.

Filhos:

- 1 - Dalva
- 2 - Daliria
- 3 - Dotiva
- 4 - Danrisbela

Resumo: 4 filhas mulheres.

- 4.4.1 José Antunes Calvário casou-se com *Dalva Roman*.

Filha:

1 - Sirlei Teresinha

- 4.4.2 Daniel Marques Garcia casou-se com Dalíria Roman.

Filhos:

1- Deneise

2- Daniel

- 4.4.3. Altair Costa casou-se com Dotiva Roman.

Filho:

1 - Ivan

- 4.5. Telmo Furtado de Campos casou-se com Rosa Roman.

Filhos:

1 - Altair

2 - Marli

- 4.6. Angelina Roman teve um filho de nome Eli.

- 4.7. Luiz Roman casou-se com Menaide Bertolin

Filhos:

1 - Gilson

2 - Genésio

Resumo de toda a família de Santo Roman (4) até 1958

8 filhos sendo 6 homens e 2 mulheres

39 netos sendo 21 homens e 18 mulheres

27 bisnetos sendo 14 homens e 13 mulheres

1 genro

6 noras

10 netos afins sendo 7 homens e 3 mulheres.

■ 6. Amílcar Savassi casou-se com Regina Roman.

Filhos:

1 - Araci

2 - Letícia

3 - Áurea

4 - Henrique

5 - Amílcar Henrique

6 - Altair José

7 - Maria de Lourdes

8 - Francisco

9 - Olivia

10 - Ari Jaques

Resumo: 10 filhos sendo 5 homens e 5 mulheres

■ 6.2. Luis Evaristo da Cunha casou-se com Letícia Savassi.

Filha:

1 - Regina Maria.

■ 6.2.1 Alberto Vieira Pereira Filho casou-se com Regina Maria Cunha.

Filha:

1 - Maria do Carmo.

■ 6.6. Altair José Savassi casou-se com Dea Costa Sad.

Filhos:

1 - Eliane Maria

2 - Altair José

3 - Carlos Wilson

Resumo de toda a família de Amílcar Savassi (6) até 1958.

10 filhos sendo 5 homens e 5 mulheres

4 netos sendo 2 homens e 2 mulheres
1 bisneto mulher
1 genro
1 nora
1 neto afim, homem.

▪ 7. Giovanni (João) Roman casou-se com Angelina Bortolus

Filhos:

- 1 - Clariano
- 2 - Guido
- 3 - Noeme Francisca
- 4 - Laura
- 5 - Marcos José
- 6 - Maria
- 7 - Mario José
- 8 - Pedro Edmundo
- 9 - Renato

Resumo: 9 filhos sendo 6 homens e 3 mulheres.

▪ 7.2. Guido Roman casou-se com Luiza Martin

Filhos:

- 1 - Yeda
- 2 - Romeu Fernandes
- 3 - Rubem
- 4 - Maria Luísa
- 5 - Guido
- 6 - Renato José

Resumo: 6 filhos sendo 4 homens e 2 mulheres.

▪ 7.2.1. Belmiro Sfredo casou-se com Yeda Roman

Filhos:

- 1 - Lenira
- 2 - Marlene

3 - Yeda Maria.

Resumo: 3 filhas.

- 7.3. Geraldo José do Nascimento casou-se com Noeme Francisca Roman

Filhos:

1 - Marina

2 - Ivanice

3 - Corina

Resumo: 3 filhas.

- 7.3.1. Moisés Puiatti casou-se com Marina do Nascimento.

Filho:

1 - Moisés.

- 7.3.2. José Cordeiro Couto casou-se com Ivanice do Nascimento.

Filho:

1 - Fernando

- 7.4. Napoleão Augusto da Silva casou-se com Laura Roman

Filho:

1 - Sérgio

2 - José Evangelista de Paula

- 7.5. Marcos João Roman casou-se com Dozolina Ferreira.

Filhos:

1 - Joana Batista

2 - Waldemiro

3 - Lucia

4 - Ilda Helena

- 5 - Walter
- 6 - Fortunato
- 7 - Teresa
- 8 - José Marcos
- 9 - Marta
- 10 - Márcia
- 11 - Regina

Resumo: 11 filhos sendo 4 homens e 7 mulheres.

▪ 7.6. José Salim casou-se com Maria Roman

Filhos:

- 1 - José Maria
- 2 - Selma
- 3 - Regina
- 4 - Angelina
- 5 - Neusa
- 6 - Aroldo
- 7 - Luzia

Resumo: 7 filhos sendo 2 homens e 5 mulheres. Regina e Angelina eram gêmeas.

▪ 7.7. Mário José Roman casou-se Lair Fiorin

Filhos:

- 1 - Helena
- 2 - Suzana
- 3 - Sônia
- 4 - Orlando

Resumo: 4 filhos sendo 1 homem e 3 mulheres.

▪ 7.8. Pedro Edmundo Roman casou-se com Hilda Gava

Filhos:

- 1 - Márcio
- 2 - Décio
- 3 - Ângela

4 - Milton

5 - Edson

Resumo: 5 filhos sendo 4 homens e 1 mulher.

▪ 7.9. Renato Roman casou-se com Judith Puiatti

Filhos:

1 - Ernesto

2 - Rute

3 - Sérgio

4 - Rogério

Resumo: 4 filhos sendo 3 homens e 1 mulher.

Resumo de toda a família de João Roman (7) até 1958

9 filhos sendo 6 homens e 3 mulheres

34 netos: 15 homens e 19 mulheres

5 bisnetos: 2 homens e 3 mulheres

3 genros

5 noras

3 netos afins-homens.

▪ 9. Antônio Martin casou-se com Teresa Roman

Filhos:

1 - Amílcar

2 - Elizena

3 - Ernesto

4 - José

5 - João

6 - Pedro

7 - Luis

8 - Marcos

9 - Maria

10 - Henrique

11 - Mário

12 - Belmiro

13 - Tranquilo.

Resumo: 13 filhos sendo 11 homens e 2 mulheres.

■ 9.1. Amílcar Martin casou-se com Emília Magri

Filhos:

1 - Teresa

2 - Helena

■ 9.1.2. Candin Paraguai casou-se com Helena Martin

■ 9.2. João Discacciati casou-se com Elizena Martin

Filhos:

1 - Alírio

2 - Elza

3 - Nelson

4 - Nicéa

5 - Moacir

Resumo: 5 filhos sendo 3 homens e 2 mulheres. Nelson e Nicéa eram gêmeos.

■ 9.2.1. Alírio Discacciati casou-se com Carmelita Capelupe

Filho:

1 - Jairo

■ 9.2.2. Olavo Gomes casou-se com Elza Discacciati

Filhos:

■ 1 - Magnólia

2 - Jacinto

3 - Juarez

Resumo: 3 filhos sendo 2 homens e 1 mulher.

■ 9.10. Henrique Martin casou-se com Luzia de Assis

Filhos:

- 1 - Mario
- 2 - Maria
- 3 - Elizena

Resumo: 7 filhos sendo 5 (*não constam os nomes dos outros 4 filhos homens*) e 2 mulheres

■ 9.10.2. Mário Martin casou-se com Iracema Puiatti

Filhos:

- 1 - José
- 2 - Luzia
- 3 - Teresa
- 4 - Rafael
- 5 - João
- 6 - Salvador
- 7 - Maria
- 8 - Pedro

Resumo: 8 filhos sendo 5 homens e 3 mulheres

■ 9.12. Belmiro Martin casado com Joana Bertolin

Filhos:

- 1 - Antônio Fernando
- 2 - Célia

Resumo de toda a família de Antônio Martin (9) até 1958

13 filhos sendo 11 homens e 2 mulheres

24 netos sendo 14 homens e 10 mulheres

5 bisnetos sendo 3 homens e 2 mulheres

1 genro

4 noras

3 netos afins sendo 2 homens e 1 mulher

- 10. Eugênio Ramos da Costa casou-se com Lúcia Roman.

Filhos:

- 1 - Nair
- 2 - Altair
- 3 - Araci
- 4 - Norma

Resumo: 4 filhos sendo 1 homem e 3 mulheres.

- 10.1. Alberto Santarosa casou-se com Nair Ramos da Costa.

Filhos:

- 1 - Mariza do Carmo
- 2 - Eugênio
- 3 - José Alberto
- 4 - Renato
- 5 - Marcos Luís

Resumo: 5 filhos sendo 4 homens e 1 mulher

- 10.4. José da Costa Baeta casou-se com Norma Ramos da Costa

Filhos:

- 1 - Maria Lúcia
- 2 - Regina Celi
- 3 - Coramar
- 4 - Fernando
- 5 - Carmen
- 6 - Walter
- 7 - Marina

Resumo: 7 filhos sendo 2 homens e 5 mulheres

Resumo de toda a família de Eugênio Ramos da Costa até 1958.

4 filhos sendo 1 homem e 3 mulheres

12 netos sendo 6 homens e 6 mulheres
2 genros.

▪ 11. João Bertolin casou-se com Angelina Roman

Filhos:

- 1 - Alexandre
- 2 - Ernesto
- 3 - Aurora
- 4 - Pedro
- 5 - Reinaldo
- 6 - Maria
- 7 - Antônio
- 8 - Luísa
- 9 - Elizena
- 10 - Helena

Resumo: 10 filhos sendo 5 homens e 5 mulheres.

▪ 11.1. Alexandre Bertolin casou-se com Angelina Picinin

Filhos:

- 1 - José
- 2 - Sebastiana Noêmia

▪ 11.2. Ernesto Bertolin casou-se com Olímpia Magri

Filhos:

- 1 - José Antônio
- 2 - Ana Maria
- 3 - Joaquim

Resumo: sendo 3 homens e 1 mulher

▪ 11.3. Ernesto de Souza casou-se com Aurora Bertolin

Filhos:

- 1 - Angelina Maria
- 2 - Narciso
- 3 - Irineu

4 - Celso

Resumo: 4 filhos sendo 3 homens e 1 mulher

▪ 11.4. Pedro Bertolin casou-se com Olga Liporatti

Filhos:

1 - Carmelita

2 - Geni

▪ 11.6. Murilo casou-se com Maria Bertolin

Filho:

1 - Murilo (José Murilo)

▪ 11.7. Antônio Bertolin casou-se com Carmelita Magri

Filhos:

1 - Antônio

2 - Luci

3 - Moisés

4 - Inês

Resumo: 4 filhos sendo 2 homens e 2 mulheres

▪ 11.8. Fiorelo Puiatti casou-se com Luisa Bertolin

Filhos:

1 - José Carlos

2 - Francisco

3 - Carmen Virginia

4 - Helvécio

5 - Aloisio

6 - Regina Maria

Resumo: 6 filhos sendo 4 homens e 2 mulheres

Juraci casou-se com Elizena Bertolin

Resumo de toda a família de João Bertolin (11) até 1958

10 filhos sendo 5 homens e 5 mulheres

22 netos sendo 13 homens e 9 mulheres

4 genros

4 noras

Recapitulação

Família de Marco Roman (Roman-Zanetti de 1888 até 1958)

12 filhos sendo 4 homens e 8 mulheres

5 genros

3 noras.

Família	Filhos	Homens	Mulheres
1 - José	9	5	4
2 - Maria	9	4	5
3 - Santo	8	6	2
4 - Regina	10	5	5
5 - João	9	6	3
6 - Teresa	13	11	2
7 - Lúcia	4	1	3
8 - Angelina	10	5	5
Soma	72	43	29

Família	Netos	Homens	Mulheres
1 - José	33	15	18
2 - Maria	52	26	26
3 - Santo	39	21	18
4 - Regina	4	2	2
5 - João	34	15	19
6 - Teresa	24	14	10
7 - Lúcia	12	6	6
8 - Angelina	22	13	9
Soma	220	112	108

Família	Bisnetos	Homens	Mulheres
1 - José	12	4	8
2 - Maria	38	17	21
3 - Santo	27	14	13
4 - Regina	1	-	1
5 - João	5	2	3
6 - Teresa	5	3	2
7 - Lúcia	-	-	-
8 - Angelina	-	-	-
Soma	88	40	48

Família	Genros	Noras	Netos	Homens	Mulheres
1 - José	3	2	6	2	4
2 - Maria	5	2	14	6	8
3 - Santo	1	6	10	7	3
4 - Regina	1	1	1	1	-
5 - João	3	5	3	3	-
6 - Teresa	1	4	3	2	1
7 - Lúcia	2	-	-	-	-
8 - Angelina	4	4	-	-	-
Soma	20	24	37	21	16

Resumo

Família	Filhos	Netos	Bisnetos	Total	Afins
1 - José	9	3	12	54	11
2 - Maria	9	52	38	99	21
3 - Santo	8	39	27	74	17
4 - Regina	10	4	1	15	11
5 - João	9	34	5	48	11
6 - Teresa	13	24	5	42	8
7 - Lúcia	4	12	-	16	8
8 - Angelina	10	22	-	32	8
Soma	72	220	88	380	81

Total dos descendentes até 1958.

Filhos	12
Netos	72
Bisnetos	220
Tataranetos	88
Afins	89
Soma	481



Familia Roman, em 1958

9. Descendência da família Bortolus

1888/1958

➤ Bortolus Giovanni casou-se com Ceolin Francisca.

Filhos:

- 1 - Maria
- 2 - Angelina
- 3 - Antônio
- 4 - Augusta
- 5 - Raimundo
- 6 - Alexandre
- 7 - Faustino

Resumo: 7 filhos sendo 4 homens e 3 mulheres, 3 genros e 3 noras.

Os filhos acima nasceram todos em Barbacena MG.

➤ Descendentes diretos:

▪ 1. João Picinin casou-se com Maria Bortolus

Filhos:

- 1 - Jacó
- 2 - Américo
- 3 - Artur
- 4 - Carlinhos
- 5 - Alberto
- 6 - Júlio
- 7 - Júlia

Resumo: 7 filhos sendo 6 homens e 1 mulher. Júlio e Júlia eram gêmeos.

▪ 1.1. Jacó Picinin casou-se com Inês Bertolin.

Filhos:

- 1 - Paulo
- 2 - Janete
- 3 - Maria Luísa
- 4 - Jorge.

Resumo: 4 filhos sendo 2 homens e 2 mulheres.

- 1.2. Américo Picinin casou-se com Maria de Lurdes Bergamini.

Filhos:

- 1 - Américo
- 2 - Elisabete
- 3 - Cesar
- 4 - Ricardo
- 5 - Erenice
- 6 - Edson
- 7 - Silvana
- 8 - Leonardo.

Resumo: 8 filhos sendo 5 homens e 3 mulheres.

- 1.3. Artur Picinin casou-se com Italina Tornussi.

Filhos:

- 1 - Waldemiro
- 2 - Carmelita
- 3 - Elsiones
- 4 - Ivone
- 5 - Zélia
- 6 - José Maria.

Resumo: 6 filhos sendo 2 homens e 4 mulheres.

- 1.3.1 Waldemiro Picinin casou-se com Lourdes Faria.

Filhos:

- 1 - Hildaléa.

- 1.3.2 Walter Moraes casou-se com Carmelita Picinin.

- 1.3.3. Moacir Paraíso casou-se com Elciones Picinin.

Filhos:

- 1 - Silvana
- 2 - Sandra.

- 1.4. Carlos (Carlinhos) Picinin casou-se Angelina Ceolin.

Filhos:

- 1 - Luís Dirceu
- 2 - Carlos
- 3 - Roberto
- 4 - Carmen
- 5 - Maria Inês
- 6 - Helena
- 7 - Regina
- 8 - Ana Luzia
- 9 - Tersa Cristina.

Resumo: 9 filhos sendo 3 homens e 6 mulheres.

- 1.5. Alberto Picinin casou-se com Júlia Rossetti.

Filhos:

- 1 - Fernando
- 2 - Alfredo
- 3 - Eliane
- 4 - Guilherme.

Resumo: 4 filhos sendo 3 homens e 1 mulher.

- 1.6. Júlio Picinin casou-se com Helena Boratto.

Filhos:

- 1 - Fausto
- 2 - Marta
- 3 - Charles
- 4 - Jeane
- 5 - Adolfo.

Resumo: 5 filhos sendo 3 homens e 2 mulheres.

▪ 1.7. Vitória Puiatti casou-se com Júlia Picinin.

Filhos:

- 1 - Carlos Vitor
- 2 - Guilherme
- 3 - Roberto
- 4 - José
- 5 - Maria Antônia
- 6 - Antônio
- 7 - Sérgio
- 8 - Mário
- 9 - Angelina.

Resumo: 9 filhos sendo 7 homens e 2 mulheres.

Resumo de toda a família de João Picinin (1) até 1958

7 filhos sendo 6 homens e 1 mulher

45 netos sendo 25 homens e 20 mulheres

3 bisnetos mulheres.

1 genro

6 noras

3 netos afins sendo 2 homens e 1 mulher.

▪ 2. João Roman casou-se com Angelina Bortolus.

Resumo:

9 filhos sendo 6 homens e 3 mulheres

34 netos sendo 15 homens e 19 mulheres

5 bisnetos sendo 2 homens e 3 mulheres

3 genros

5 noras

3 netos afins, homens.

▪ 3. Antônio Bortolus casou-se com Dozulina Borgo.

Filhos:

- 1 - João
- 2 - Rosalina
- 3 - Irene
- 4 - Maria
- 5 - José
- 6 - Alzira
- 7 - Antônio Júlio
- 8 - Terezinha
- 9 - Carlos Dorico

Resumo: 9 filhos sendo 4 homens e 5 mulheres.

■ 3.1. João Bortolus casou-se com Áurea Campos.

Filhos:

- 1 - Azaleia
- 2 - Marilea.

■ 3.2. Geraldo Modesto Ferreira casou-se com Rosalina Bortolus.

Filhos:

- 1 - Cesário
- 2 - Elza
- 3 - Marlene
- 4 - Lea
- 5 - Mauro
- 6 - Marilene
- 7 - Fernando

Resumo: 7 filhos sendo 3 homens e 4 mulheres.

■ 3.3. Cláudio Ferreira casou-se com Irene Bortolus.

Filhos:

- 1 - Mozer
- 2 - Lúcia
- 3 - Marília

- 4 - Evani
- 5 - Marcio
- 6 - Marcia
- 7 - Marco Aurélio

Resumo: 7 filhos sendo 3 homens e 4 mulheres. Márcio e Márcia são gêmeos.

▪ 3.4. Silvio Borato Neto casou-se com Maria Bortolus.

Filhos:

- 1 - Ângela
- 2 - Jaime
- 3 - Italo
- 4 - Silvana
- 5 - Edson
- 6 - Adilson
- 7 - Alcione.

Resumo: 7 filhos sendo 4 homens e 3 mulheres.

▪ 3.6. Adailton Garcia casou-se com Alzira Bortolus

Filhos:

- 1 - Marino
- 2 - Marcelo
- 3 - Marcia
- 4 - Mariza
- 5 - Marília
- 6 - Marco Aurélio
- 7 - Marco Antônio

Resumo: 7 filhos sendo 4 homens e 3 mulheres. Mário Aurélio e Mário Antônio são gêmeos.

▪ 3.7. Antônio Júlio Bortolus casou-se com Nevanda Bazutti.

Filhos:

- 1 - Marli
- 2 - Marinho

3 - Amauri.

Resumo: 3 filhos sendo 2 homens e 1 mulher.

Resumo de toda a família de Antônio Bortolus (3)
até 1958

9 filhos sendo 4 homens e 5 mulheres

33 netos sendo 16 homens e 17 mulheres

4 genros

2 noras.

▪ 4. Ângelo Bertolin casou-se com Augusta Bortolus.

Filhos:

1 - Alexandre Antônio

2 - Aroldo

3 - Ernestina

4 - Irineu

5 - Lúcia

6 - João

7 - José Adriano

8 - Raimundo Henrique

9 - Maria Francisca

10 - Pedro Honório

11 - Orivaldo.

Resumo: 11 filhos sendo 8 homens e 3 mulheres.

▪ 4.1. Alexandre Antônio Bertolin casou-se com Heroldina de Araújo.

Filhos:

1 - Wagner José

2 - Maria Helena

3 - Wanei João

4 - Walter

5 - Maria Madalena

6 - Maria de Lourdes.

Resumo: 6 filhos sendo 3 homens e 3 mulheres.

■ 4.2. Aroldo Bertolin casou-se com Maria Pamplona.

Filhos:

1 - Sandra Mara

2 - Sônia Luzia

3 - Aroldo Borsino.

Resumo: 3 filhos sendo 1 homem e 2 mulheres.

■ 4.3. Antônio Pinto da Silva casou-se com Ernestina Bertolin.

Filhos:

1 - Marina Augusta

2 - Maria Ângela

3 - José Antônio

Resumo: 3 filhos sendo 1 homem e 2 mulheres.

■ 4.4. Irineu Bertolin casou-se com Jovita Augusta da Silva.

Filhos:

1 - Orivaldo

2 - Renaldo

3 - Ubaldo José

4 - Nelson Santo

5 - Nilda Maria

6 - Maria Isabel

7 - João Batista

Resumo: 7 filhos sendo 5 homens e 2 mulheres.

■ 4.5. Silvio Frizoni casou-se com Lúcia Bertolin.

Filhos:

1 - Nilton

2 - Silvio

■ 4.6. João Bertolin casou-se com Rosa de Assis

Filhos:

1 - Maria Aparecida.

- 4.7. José Adriano Bertolin casou-se com Alaíde Augusta da Silva

Filhos:

1 - Adelaide do Rosário

2 - José Honório

- 4.9. José Augusto da Silva casou-se com Maria Francisca Bertolin.

Filhos:

1 - José Carlos

2 - Ângela Maria.

Resumo de toda a família de Ângelo Bertolin (4)
até 1958

11 filhos sendo 8 homens e 3 mulheres

26 netos sendo 14 homens e 12 mulheres

3 genros

5 noras.

- 6. Alexandre Bortolus casou-se com Maria Picinin.

Filhos:

1 - Catarina

2 - Francisca

3 - Elza

4 - Olga

5 - Tereza

6 - Araci

Resumo: 6 filhas mulheres.

- 6.1. José de Melo Rabelo casou-se com Catarina Bortolus.

Filhos:

- 1 - Maurício
- 2 - Maurílio
- 3 - Maria Cristina
- 4 - Lúcia
- 5 - Aroldo
- 6 - Alexandre
- 7 - Enedina

Resumo: 7 filhos sendo 4 homens e 3 mulheres.

- 6.2. Moacir Trindade casou-se com Francisca Bortolus.

Filhos:

- 1 - Edson
- 2 - Elza
- 3 - Carlos
- 4 - Lourdes
- 5 - Vera Lúcia
- 6 - José Alexandre
- 7 - Moacir
- 8 - Silvana

Resumo: 8 filhos sendo 4 homens e 4 mulheres.

- 6.3. Ângelo Moraes casou-se com Elza Bortolus

Filhos:

- 1 - Ângelo
- 2 - Maria Madalena
- 3 - Maria José
- 4 - José Alexandre
- 5 - Ana Maria

Resumo: 5 filhos sendo 2 homens e 3 mulheres.

- 6.4. Jair Simões casou-se com Olga Bortolus.

Filhos:

- 1 - Marlene
- 2 - Sueli
- 3 - Maria José
- 4 - Jadir.

Resumo: 4 filhos sendo 1 homem e 3 mulheres.

▪ 6.5. Luís Simões casou-se com Tereza Bertolus.

Filho:

- 1 - Luís Antônio.

Resumo de toda a família de Alexandre Bortolus (6)
até 1958

6 filhas

25 netos sendo 12 homens e 13 mulheres

6 genros

Observação: Manoel Batista Ferreira casou-se com Araci Bortolus.

▪ 7. Faustino Bortolus casou-se com Carmen Antônia Pisolatti.

Filhos:

- 1 - Raimundo
- 2 - Wilson José
- 3 - Eliseu Antônio
- 4 - Maria Carmen
- 5 - Hilton João
- 6 - Leonice
- 7 - Mário Domingos
- 8 - Hélio Damian
- 9 - Fausto

Resumo: 9 filhos sendo 7 homens e 2 mulheres.

▪ 7.1. Raimundo Bortolus casou-se com Carminha Prezotti.

Filhos:

- 1 - Ademir
- 2 - Maria Aparecida
- 3 - Almir

Resumo: 3 filhos sendo 2 homens e 1 mulher.

- 7.2. Wilson José Bortolus casou-se com Olímpia Roman

Filha:

- 1 - Marlene Maria.

- 7.3. Eliseu Antônio Bortolus casou-se com Ivete Delben.

Filho:

- 1 - Paulo Roberto.

- 7.4. Jair Sfredo casou-se com Maria Carmen Bortolus.

Filhos:

- 1 - Jair José
- 2 - Neuza Maria.

Resumo de toda a família de Fausto Bortolus (7)
até 1958

9 filhos sendo 7 homens e 2 mulheres

7 netos sendo 4 homens e 3 mulheres

1 genro

3 noras.

Recapitulação

Família de João Bortolus (Bortolus-Ceolin).

7 filhos sendo 4 homens e 3 mulheres

3 noras

3 genros.

Resumo:

Família	Filhos	Netos	Bisnetos	Afins
1 - Maria	7	45	3	10
2 - Angelina	9	34	5	11
3 - Antônio	9	33	-	6
4 - Augusta	11	26	-	8
5 - Alexandre	6	25	-	6
6 - Faustino	9	7	-	4
Soma	51	170	8	45

Total dos descendentes até 1958:

7 filhos sendo 4 homens e 3 mulheres

51 netos sendo 31 homens e 20 mulheres

170 bisnetos sendo 86 homens e 84 mulheres

8 tataranetos sendo 2 homens e 6 mulheres

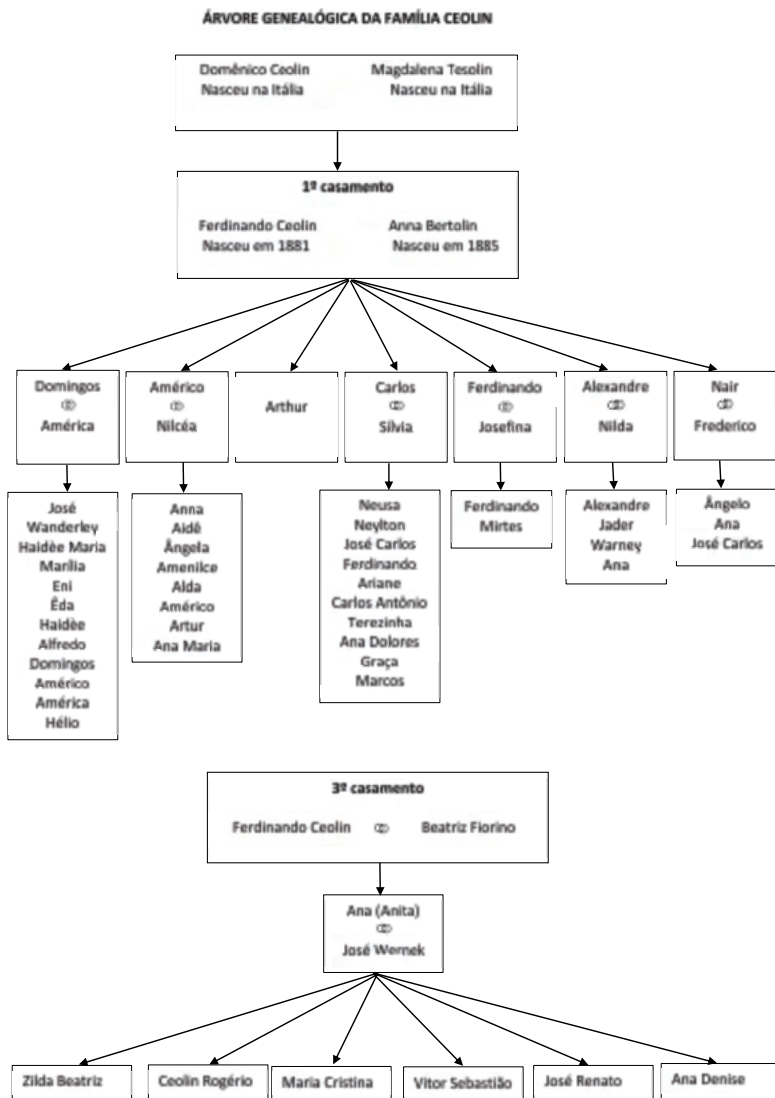
3 genros

3 noras

39 netos afins sendo 18 homens e 21 mulheres

6 bisnetos afins sendo 5 homens e 1 mulher.

10. Família Ceolin



“Ferdinando Ceolin, meu avô paterno, nasceu na Città di Porcia, Província de Pordenone, Itália, em 25.06.1881. Era filho de Domênico Ceolin e Magdalena Tesolin. Casou-se pela primeira vez com Anna Bertolin, italiana, e tiveram sete filhos: Domingos, Américo, Artur, Alexandre, Carlos, Ferdinando e Nair. Foi casado pela segunda vez com Dolores da Rocha. Pela terceira vez, casou-se com Beatriz Fiorino, com quem teve uma filha de nome Ana (Anita). Dindinha Beatriz, assim carinhosamente chamada por toda a família, era viúva de Pedro Copatti e tinha quatro filhos: Carlos (Carlinhos), Avelino (Lico), Luiza e Hélio.



Ferdinando Ceolin, Beatriz Fiorino, filhos (as) e enteados (as)

Dessa sucessão de enlaces, ficou uma curiosidade: Tia Anita, apesar de ser filha única, tinha onze irmãos.

Vovô Ferdinando emigrou para o Brasil no final do século XIX, ainda em tenra idade, fixando residência em Barbacena.

Era um homem dinâmico. Foi construtor de renome na cidade, executando importantes obras de urbanização, instalando postes em concreto armado e pavimentando ruas para a Prefeitura local.

Mais tarde assumiu as funções de fiscal do Estado e mestre de obras na construção do Grande Hotel e Termas de Araxá, de 1938 a 1944, obra essa que tinha como arquiteto o grande mestre Dr. Luiz Signorelli. Também em Araxá, meu avô foi ainda arrendatário de grandes áreas rurais para a plantação de arroz de sequeiro.

Faleceu em 24.02.1951, em Belo Horizonte.

Deixei Barbacena com um ano de idade e fui morar na Fazenda do Emparedado, em Peçanha, ficando, assim, longe do convívio de meu avô Ferdinando. No entanto, em 1942, a minha família passou uma temporada na Estância Hidromineral do Barreiro, em Araxá, onde meu pai trabalhava na construção do Grande Hotel. Foi nessa oportunidade que voltei a conviver com meu avô. Nesse período, marcou-me o Natal Festivo daquele ano, interrompido pela truculenta invasão da casa de vovô pelas tropas de segurança movidas pela insana busca aos italianos, prováveis “inimigos” ou “espiões”. De lá levaram o seu rádio RCA Victor.

Vovô, um homem pacífico e trabalhador, fora afrontado pelo simples fato de ser italiano. Estava em marcha a Segunda Grande Guerra Mundial.

Passado o susto, a alegria voltou a reinar. A macarronada preparada por minha mãe foi servida. Todos os familiares estavam lá. Também havia outros convidados de vovô, dentre eles o Dr. Luiz Signorelli e o Dr. Henrique, um alemão pançudo acostumado a tomar um saco de

cerveja, por noite. Saco? Explico: as garrafas de cerveja vinham acondicionadas em um invólucro de palhinha macia e colocadas dentro de um saco de aniagem. Dizia-se, então, um saco de cerveja. Para que as cervejas ficassem no ponto, o saco era colocado no meio da serragem molhada, misturada com sal grosso, junto com as garrafas do melhor vinho italiano que vovô sabia apreciar tão bem. Geladeira não existia.



Frente



Fundos

Casa sede da Fazenda do Emparedado, no município de Peçanha – MG, onde viveram meus pais, Domingos Alexandre Ceolin e América Brasileira Alexandre, com meus irmãos, a partir do ano de 1936.

---0---

➤ Vovô Ferdinando Ceolin casou-se pela primeira vez com Anna Bertolin.

Filhos:

- 1 - Domingos Alexandre Ceolin
- 2 - Américo Ceolin
- 3 - Artur Ceolin
- 4 - Carlos Fioravante Ceolin
- 5 - Ferdinando Ceolin Filho
- 6 - Alexandre Ceolin

7 - Nair Ceolin Chiadretti
Resumo: 6 homens e 1 mulher.

➤ Descendentes:

▪ **1 - Domingos Alexandre Ceolin** casou-se com América Brasileira Alexandre.

Filhos:

- 1 - José Ferdinando Ceolin (Juquita)
- 2 - Haidèe Maria (falecida ainda criança)
- 3 - Wanderley (falecido ainda criança.)
- 4 - Marília Ceolin (Zuzu)
- 5 - Eni Ceolin Rocha
- 6 - Êdda Ceolin de Oliveira
- 7 - Haydée Ceolin de Oliveira
- 8 - Alfredo Ceolin
- 9 - Domingos Geraldo Ceolin
- 10 - Américo Felício Ceolin (Nô)
- 11 - América Dolores Ceolin Lamas (Ná)
- 12 - Hélio Ceolin (Dr. Goy)

▪ **1.1 - José Ferdinando Ceolin (Juquita)** casou-se com A-vany Soares Ceolin.

Filhos:

- 1 - Telma Cristina Soares Ceolin
- 2 - Luiz Henrique Soares Ceolin

▪ **1.1.1 - Telma Cristina Soares Ceolin** casou-se com Flávio Mesquita da Silva.

Filhos:

- 1 - Bruno Ceolin da Silva
- 2 - Conceição Ceolin Prudente
- 3 - Rosa Maria da Silva Menna Barreto
- 4 - Ana Ceolin da Silva.

- 1.1.1.1 - Bruno Ceolin da Silva casou-se com Elis Ana Córdoba Xavier.

Filho:

1 - Vinícius Xavier Ceolin.

- 1.1.1.2 - Conceição Ceolin Prudente casou-se com Leonardo Moreira Prudente.

Filhos:

1 - Maria Luiza Ceolin Prudente

2 - João Vitor Ceolin Prudente

- 1.1.1.3 - Rosa Maria da Silva casou-se com Cristiano Gonçalves Menna Barreto.

Filhos:

1 - Marcelo Ceolin da Silva Menna Barreto

2 - Eduardo Ceolin da Silva Menna Barreto

3 - Davi Ceolin da Silva Menna Barreto

- 1.1.1.4 - Ana Ceolin da Silva teve com Malvino Salvador a filha Sofia Ceolin Salvador.

- 1.1.2 - Luiz Henrique Ceolin casou-se com Marília Rocha.

- 1.4 - Marília Ceolin (Zuzu) casou-se com Pedro Gonçalves Vilarino.

Filhas:

1 - Marta Maria Ceolin Gonçalves Corrêa

2 - Marília Marta Gonçalves Alexandre

- 1.4.1 - Marta Maria Ceolin Gonçalves Corrêa casou-se com Geraldo Cláudio Corrêa.

Filhos:

1 - Marília Ceolin Corrêa

2 - André Ceolin Corrêa.

- 1.4.2 - Marília Marta Ceolin Gonçalves Corrêa casou-se com Geraldo Alexandre Vilarino.

Filhos:

- 1 - Antônio Augusto
- 2 - Wanderley
- 3 - Marília
- 4 - José Alexandre (Netinho)
- 5 - Pedro (por adoção)

- 1.5 - Eni Ceolin Rocha casou-se com Carlos Pinto da Rocha.

Filhos:

- 1 - Ana Elisa
- 2 - Otacílio
- 3 - Nilza Maria
- 4 - Elizabeth Maria
- 5 - Carlos Geraldo (Dr. Bila)

- 1.5.1 - Ana Elisa casou-se com Raimundo Lopes Pinto.

Filhos:

- 1 - Raimundo Carlos Lopes Pinto
- 1 - Vanessa da Rocha Lopes
- 3 - José Luiz da Rocha Lopes

- 1.5.2 - Otacílio da Rocha.

Filhas:

- 1 - Natália Coelho da Rocha
- 2 - Verônica Coelho da Rocha

- 1.5.3 - Nilza Maria da Rocha, solteira.

- 1.5.4 - Elizabeth Maria casou-se com Lindon Johnson.

Filhos:

- 1 - Mateus Rocha Dutra

2 - Carlos Rocha Dutra

3 - Luiz Henrique Rocha Dutra

- 1.6.- Êdda Ceolin de Oliveira casou-se com Américo Amaral de Oliveira.

Filhos:

1 - Marisa Ceolin de Oliveira Vieira

2 - Ivanir Geraldo de Oliveira

3 - Mauro José de Oliveira

4 - Cláudio Ceolin de Oliveira

5 - Cláudia Ceolin de Oliveira

6 - Ivan Ceolin de Oliveira

7 - Maurício Ceolin de Oliveira

- 1.6.1 - Marisa Ceolin de Oliveira Vieira casou-se com José Vieira Filho.

Filhos:

1 - Fabrício José Vieira Ceolin

2 - Thales Augusto Ceolin Vieira

- 1.6.1.1 - Fabrício José Vieira Ceolin casou-se com Camila de Freitas Barros Ceolin.

Filha:

1 - Beatriz Barros Ceolin

- 1.6.1.2 - Thales Ceolin Augusto Vieira casou-se com Natália Lima Duarte.

Filha:

1 - Marina Duarte Ceolin Vieira

- 1.6.2 - Ivanir Geraldo de Oliveira

Filha:

1 - Tarcila Isadora Amaral de Oliveira.

- 1.6.3 - Mauro José de Oliveira casou-se com Luciana Fleury Barcellos.

Filhos:

- 1 - Rafael Barcellos Ceolin de Oliveira
- 2 - Gustavo Barcellos Ceolin de Oliveira
- 3 - Felipe Barcellos Ceolin de Oliveira

- 1.6.4.a - Cláudio Ceolin de Oliveira casou-se pela primeira vez com Luciana Gomes de Castro e tiveram o filho Lucas Castro Oliveira Braga Ceolin.

- 1.6.4.b - Cláudio Ceolin de Oliveira casou-se pela segunda vez com Laisa Helena Braga.

- 1.6.5 - Cláudia Ceolin de Oliveira, gêmea com Cláudio, casou-se com Madson Fabrício Pimenta de Oliveira.

Filho:

- 1 - Henrique Ceolin Pimenta de Oliveira

- 1.6.6 - Ivan Ceolin de Oliveira casou-se com Ivânia Amaral Gonçalves

Filhas:

- 1 - Bruna Paula Ceolin Amaral
- 2 - Laura Amaral Ceolin

- 1.6.7 - Maurício Ceolin de Oliveira casou-se com Gilselela Belizário Rico.

Filha:

- 1 - Aline Rico Ceolin

- 1.7 - Haydée Ceolin de Oliveira casou-se com Washington Amaral de Oliveira (Zico).

Filhos:

- 1 - Maria Célia de Oliveira Corrêa
- 2 - Ana Maria Ceolin de Oliveira

3 - José Wilson de Oliveira

▪ 1.7.1 - Maria Célia Ceolin de Oliveira Corrêa.

Filhos:

1 - Paulo Guilherme de Oliveira Corrêa

2 - Douglas Eduardo de Oliveira Corrêa

3 - Daniel Augusto de Oliveira Corrêa

4 - Mônica de Oliveira Corrêa.

▪ 1.7.1.1 - Paulo Guilherme de Oliveira Corrêa casou-se com Carina Cristina dos Santos.

▪ 1.7.1.2 - Douglas Eduardo de Oliveira Corrêa casou-se com Tatiana Faria de Resende.

Filho:

1 - Benício Resende Corrêa.

▪ 1.7.2 - Ana Maria Ceolin de Oliveira e Silvério de Abreu Santos. Descendentes de Ana Maria:

Filhos:

1 - Bruno Leonardo Ceolin Ferrari

2 - Ana Paula Ceolin Ferrari Bacelar

▪ 1.7.2.1 - Bruno Leonardo Ceolin Ferrari casou-se com Priscila dos Santos Ferrari.

Filha:

1 - Yasmin Ceolin Ferrari

▪ 1.7.2.2 - Ana Paula Ceolin Ferrari Bacelar casou-se com Guilherme Patrício de Assis Bacelar

Filhas:

1 - Catarina Ceolin Ferrari Bacelar

2 - Antônia Ceolin Ferrari Bacelar

- 1.7.3 - José Wilson de Oliveira casou-se com Maura Márcia de Oliveira. Descendente de José Wilson:
Filho:
 - 1 - Paulo Márcio Cassimiro de Oliveira.

- 1.8.a - Alfredo Ceolin casou-se pela primeira vez com Maria do Rosário de Oliveira Ceolin.
Filhas:
 - 1 - Lúcia Maria Ceolin Mendes
 - 2 - Adriana Maria Ceolin Portella Nunes
 - 3 - Marília Maria de Oliveira Ceolin

- 1.8.b - Alfredo Ceolin casou-se pela 2ª vez com Marília Breder Ambrósio.

- 1.8.1 - Lúcia Maria Ceolin Mendes casou-se com Humberto Mendes Braga.
Filhas:
 - 1 - Mariana Lúcia Ceolin Mendes
 - 2 - Marcela Adriana Ceolin Mendes

- 1.8.2 - Adriana Maria Ceolin Portella Nunes casou-se com Marcos Saldanha Portella Nunes.
Filhos:
 - 1 - Felipe Ceolin Portella Nunes
 - 2 - Victor Ceolin Portella Nunes

- 1.8.3 - Marília Maria de Oliveira Ceolin casou-se com José Luiz Martins de Oliveira Ceolin.

- 1.9 - Domingos Geraldo Ceolin casou-se com Maria das Graças Freitas Braga Ceolin
Filhas:
 - 1 - Érica Jandira Ceolin Silva
 - 2 - Tarsila Braga Ceolin

- 1.9.1 - Érica Jandira Ceolin Silva casou-se com Alexandre José de Matos Silva

Filhos:

- 1 - Letícia Ceolin Silva
- 2 - Gustavo Ceolin Silva
- 3 - Felipe Ceolin Silva

- 1.9.2 - Tarsila Braga Ceolin casou-se com Joacy Victor Araújo Maia.

Filhos:

- 1 - Pedro Victor Ceolin Maia
- 2 - João Ceolin Maia

- 1.10. - Américo Felício Ceolin (*Nô*) casou-se com Terezi-
nha (Tetê) de Jesus Miranda Ceolin

Filhos:

- 1 - Eliane Miranda Ceolin
- 2 - Lúvia Miranda Ceolin
- 3 - Alexandre Miranda Ceolin

- 1.10.1 - Eliane Miranda Ceolin casou-se Gilson Queiroz Costa.

Filhos:

- 1 - Sara Queiroz Costa Ceolin
- 2 - Philipe Queiroz Costa Ceolin

- 1.10.2 - Lúvia Miranda Ceolin teve a filha Letícia Miranda Ceolin Custódio. Lúvia e Márcio José da Silva tiveram os filhos Alcília Miranda Silva e Isaac Miranda Silva.

- 1.10.3 - Alexandre casou-se com Maria das Graças Ceolin.

- 1.11 - América Dolores Ceolin Lamas (Ná) casou-se com Justino Lamas.
Filhos gêmeos:
 - 1 - Flávio Ceolin Lamas
 - 2 - Sérgio Ceolin Lamas

- 1.11.1 - Flávio Ceolin Lamas tem o filho Henrique Fernandes Lamas.

- 1.11.2 - Sérgio Ceolin Lamas casou-se com Simone Pinheiro Ferreira Lamas.
Filho:
 - 1 - Lucas Pinheiro Lamas

- 1.12 - Hélio Ceolin (Dr. Goy) casou-se com Alda Vieira e Braga Ceolin.
Filhas:
 - 1 - Karen Vieira Ceolin
 - 2 - Karla Vieira Ceolin RangelLaura Ferreira Ceolin é filha de Hélio Ceolin.

- 1.12.1 - Karla Vieira Ceolin Rangel casou-se com João Ferreira Rangel
Filhas:
 - 1 - Ester Vieira Ceolin Rangel
 - 2 - Alice Vieira Ceolin Rangel

- 2 - **Américo Ceolin** casou-se com Nilcéa Guimarães.
Filhos:
 - 1 - Ana Maurília Ceolin
 - 2 - Aidê Maria Ceolin
 - 3 - Ângela Márcia Márcia Ceolin Soares
 - 4 - Amenilce Marta Ceolin do Vale
 - 5 - Alda Marília Ceolin Silva
 - 6 - Américo Martinho

7 - Artur Murilo Ceolin

8 - Ana Maria Ceolin Salomé Silva

- 2.7 - Artur Murilo casou-se com Maria Cristina Coelho Ceolin.

Filhos:

1 - Bruno Coelho Ceolin

2 - Gustavo Coelho Ceolin

- 2.8 - Ana Maria Ceolin casou-se com Geraldo Salomé da Silva.

Filhas:

1 - Ana Paula Ceolin da Silva

2 - Maria Ceolin Carolina da Silva

3 - Ana Cláudia Ceolin da Silva

- 3 - **Artur Ceolin**, solteiro.

- 4 - **Carlos Fioravante Ceolin** (Tio Carlinhos) casou-se com Sylvia Alexandre Ceolin (Nhá)

Filhos:

1 - Neusa Ceolin Pires

2 - Neylton Ceolin

3 - José Carlos Ceolin

4 - Ferdinando Ceolin Neto

5 - Ariane Silvia Ceolin Schmitt

6 - Carlos Antônio Ceolin

7 - Terezinha Ceolin Rocha

8 - Sebastião Marcos Ceolin

9 - Ana Dolores Ceolin Dabés

10 - Maria das Graças Ceolin

- 4.1 a - Neuza Ceolin Pires casou-se pela primeira vez com José Pires.

Filha:

1 - Silvia Maria Ceolin Pires

- 4.1.1 a - Silvia Maria Ceolin Pires casou-se com James.

Filho:

1 - Giovanni Pires Leão

- 4.1.1.1 - Giovanni Pires Leão casou-se com Aline Costa e Silva Leão.

Filhos:

1 - Amanda Costa e Silva Pires Leão casou-se com Rafael.

2 - Ângelo Costa e Silva Leão.

- 4.1.1 b - Silvia Maria Ceolin Pires uniu-se a Javert.

- 4.1.1 b - Neuza Ceolin Pires uniu-se a Adjalma Nascimento Gomes.

- 4.2 - Neylton Ceolin, solteiro.

- 4.3 - José Carlos Ceolin casou-se com Edméa Rizza Pimenta Ceolin.

Filhos:

1 - Isabel Cristina Pimenta Ceolin

2 - Marina Pimenta Ceolin

3 - José Carlos Ceolin Júnior

- 4.3.1 - Isabel Cristina Pimenta Ceolin casou-se com Anderson Avelino de Faria.

Filho:

1 - Rodrigo Pimenta Ceolin Avelino de Faria

- 4.3.3 - José Carlos Ceolin Júnior casou-se com Aline

- 4.4 - Ferdinando Ceolin Neto casou-se com Ilda Moreira Duarte Ceolin.

Filhos:

- 1 - Ferdinando Duarte Ceolin
- 2 - Ana Letícia Duarte Ceolin
- 3 - Humberto Duarte Ceolin

- 4.4.2 - Ana Letícia Duarte Ceolin casou-se com Bruno Abras Rajão.

Filha:

- 1 - Maria Fernanda Ceolin Rajão

- 4.5 - Ariane Silvia Ceolin Schmitt casou-se com Celestino Ambrósio Schmitt.

Filhos:

- 1 - Alessandra Ceolin Schmitt
- 2 - Daniel Ceolin Schmitt

- 4.5.1 - Alessandra Ceolin Schmitt casou-se com Benjamin Jack Jones

- 4.5.2 - Daniel Ceolin Schmitt casou-se com Fernanda

Filha:

- 1 - Antonela Lopes Schmitt

- 4.6 - Carlos Antônio Ceolin casou-se com Lúcia do Rosário Fátima Alvarenga Ceolin

Filhos:

- 1 - Carlos Antônio Alvarenga Ceolin
- 2 - Marcelo Alvarenga Ceolin
- 3 - Andréa Alvarenga Ceolin

- 4.6.3 - Andréa Alvarenga Ceolin teve o filho Guilherme Ceolin França.

- 4.7 - Terezinha Ceolin Rocha casou-se com José Cardoso
Filhos:
 - 1 - Marciano José Ceolin Rocha
 - 2 - Carlos Adriano Ceolin Rocha
 - 3 - Marcièlly Ceolin Rocha Silva
 - 4 - Homero Robson Ceolin Rocha

- 4.7.1 - Marciano José Ceolin Rocha casou-se com Eliane Dias Rufino Rocha
Filhos:
 - 1 - Marcela Rufino Rocha
 - 2 - Otávio Rufino Rocha

- 4.7.2.a - Carlos Adriano Ceolin Rocha casou-se pela primeira vez com Diana Cesário
Filho:
 - 1 - Carlos Ceolin Cesário Rocha

- 4.7.2.b - Carlos Adriano Ceolin Rocha casou-se pela segunda vez com Zilá Domingues Sabino
Filha:
 - 1 - Indayá Roberta Rocha

- 4.7.3 - Marcièlly Ceolin Rocha Silva casou-se com Maurício Assis da Silva
Filhos:
 - 1 - Jhainy Ceolin Rocha e Silva
 - 2 - Gabriel Ceolin Rocha e Silva

- 4.7.4 - Homero Robson Ceolin Rocha casou-se com Flávia Torres Gregório Rocha
Filho:
 - 1 - Miguel Gregório Rocha

- 4.8 - Sebastião Marcos Ceolin casou-se com Maria do Amparo Vilarino Ceolin
Filho:
 - 1 - Marcos Rivelino Ceolin

- 4.8.1 - Marcos Rivelino Ceolin casou-se com Dáurea Coelho Ceolin
Filho:
 - 1 - Carlos Fioravante Ceolin 2º
 - 2 - Bianca Coelho Ceolin

- 4.9 - Ana Dolores Ceolin Dabés casou-se com Ciro Eustáquio Duarte Dabés
Filhos:
 - 1 - Henrique Ceolin Dabés
 - 2 - André Ceolin Dabés
 - 3 - Thiago Ceolin Dabés

- 4.9.1 - Henrique Ceolin Dabés casou-se com Antonella Cavedoni
Filhos:
 - 1 - Luca Cavedoni Dabés
 - 2 - Felipe Cavedoni Dabés

- 4.9.2 - André Ceolin Dabés casou-se com Amanda Araújo Dabés. Alice Araújo Reis de Oliveira é filha de Amanda.

- 4.9.3 - Thiago Ceolin Dabés casou-se com Juliana Mendes Gomes. Iara Valentina Carvalho é filha de Thiago Ceolin Dabés.

- 4.10 - Maria das Graças Ceolin casou-se com Fábio José de Souza Gardini.

- **5 - Ferdinando Ceolin Filho** (Tio Nandinho) casou-se com Josefina Muller Ceolin.

Filhos:

- 1 - Ferdinando Ceolin Neto
- 2 - Mirtes Marlene Ceolin

- **6 - Alexandre Ceolin** casou-se com Nilda de Matos Claro Ceolin.

Filhos:

- 1 - Alexandre Claro Ceolin
- 2 - Jader Claro Ceolin
- 3 - Warney Claro Ceolin
- 4 - Ana Guiomar Claro Ceolin

- **6.1 - Alexandre Claro Ceolin** casou-se com Jeanette Santos Ceolin.

Filhos:

- 1 - Alexandre Ceolin Neto
- 2 - Carlos Alberto Ceolin
- 3 - Daniela Ceolin
- 4 - Marco Antônio Ceolin

- **6.2 - Jader Claro Ceolin** casou-se com Elzy Vasconcelos.

Filhas:

- 1 - Sandra Ceolin
- 2 - Márcia Ceolin

- **6.3.a - Warney Claro Ceolin** casou-se pela primeira vez com Lucélia Muniz.

Filhos:

- 1 - Warney Ceolin Júnior
- 2 - Kathylin Muniz Ceolin
- 3 - Carla Adriana Muniz Ceolin
- 4 - Cesar Augusto Muniz Ceolin

- 6.3.b - Warney Claro Ceolin casou-se pela segunda vez com Irene Torres

Filhos:

- 1 - Cláudia Madalena Torres Ceolin
- 2 - Jonatan Torres Ceolin
- 3 - Alexandra Torres Ceolin

- 6.4 - Ana Guiomar Claro Ceolin, solteira.

- 7 - **Nair Ceolin Chiadretti** casou-se com Frederico Chiadretti

Filhos:

- 1 - Ângelo Ceolin Chiadretti
- 2 - Ana Maria Ceolin Chiadretti
- 3 - José Carlos Ceolin Chiadretti

7.1 - Ângelo Ceolin Chiadretti casou-se com Lúcia Chiadretti.

Do terceiro casamento de Vovô Ferdinando Ceolin com Beatriz Fiorino (Dindinha Beatriz), nasceu a filha Ana Ceolin (Anita).

- 1 - Ana Ceolin da Silva (Anita) casou-se com José Werneck da Silva

Filhos:

- 1 - Zilda Beatriz Silva Campos Abreu
- 2 - Ceolin Rogério da Silva
- 3 - Maria Cristina Silva Costa
- 4 - Vitor Sebastião da Silva (Tito)
- 5 - José Renato Werneck Ceolin
- 6 - Ana Denise Ceolin Silva Veloso

- 1.1 - Zilda Beatriz Silva Campos Abreu

Filhos:

- 1 - Ana Helena Alvares de Campos Abreu
- 2 - Edgardo Alvares de Campos Abreu
- 3 - Frederico José Alvares de Campos Abreu

- 1.2 - Ceolin Rogério da Silva casou-se com Berenice Ferreira Paulino.

Filhos:

- 1 - Leonardo Paulino Werneck Ceolin
- 2 - Álvaro Paulino Werneck Ceolin

- 1.3 - Maria Cristina Silva Costa casou-se com Marcos Fernando Teixeira Costa.

Filhos:

- 1 - Renata Cristina Silva Costa
- 2 - Patrícia Luiza Silva Costa Servilha Reina
- 3 - Ana Paula Silva Costa
- 4 - Flávia Augusta Silva Costa
- 5 - Fernando Marcos Ceolin Costa

- 1.3.1 - Renata Cristina Silva Costa

Filhos:

- 1 - Marcelo Rubens Coelho Barreto Filho
- 2 - Marcel Fernando Coelho Barreto

- 1.3.2 - Patrícia Luiza Silva Costa casou-se com Osvald Pereira Servilha Reina

Filhos:

- 1 - Lara Cristina Costa Oliveira
- 2 - Rodrigo Costa Servilha Reina

- 1.4 - Vitor Sebastião da Silva (Tito) casou-se com Ibéria Campos Botelho.

Filhos:

- 1 - Luiz Francisco Botelho Werneck Ceolin
- 2 - Luiz Botelho Werneck Ceolin

3 - Pedro Botelho Werneck Ceolin

- 1.5 - José Renato Werneck Ceolin casou-se Patrícia Maria Avelar Diniz.

Filhos:

- 1 - Renato Diniz Werneck Ceolin
- 2 - Mariana Diniz Werneck Ceolin

- 1.6 - Ana Denise Ceolin Silva Veloso casou-se com Romero Veloso dos Santos.

Filhos:

- 1 - Gustavo Ceolin Silva Veloso
- 2 - Júlia Ceolin Silva Veloso.

---o---

RESUMO DA FAMÍLIA DE FERDINANDO CEOLIN ATÉ 2019

Filhos	08
Netos	45
Bisnetos	80
Trinetos	48
Tetra netos ou tataranetos	04
Genros	02
Noras	06
Total	193

Curiosidade – As Sete Marílias

Marília tem origem teotônica. Vem lá da Europa antiga. Depois os portugueses tomaram posse do nome e chegou ao Brasil onde se eternizou no papel de musa de um poeta inconfidente, Tomás Antônio Gonzaga.

Era, na sua imaginação, a Marília de Dirceu, apelido carinhoso que animou seus belos poemas.

E é por isso que começa a história das Sete Marílias.

1ª – Marília Ceolin (Zuzu) casou-se com Pedro Gonçalves Vilarino. Filha de Domingos Alexandre Ceolin e América Brasileira Alexandre. Costureira e fazendeira nasceu em Barbacena e faleceu em Peçanha.

2ª – Marília Marta Gonçalves Alexandre (Lia do Geraldo), filha de Zuzu. Casou-se com Geraldo Alexandre Vilarino. É professora e reside em Peçanha.

3ª – Marília Alexandre, filha de Marília Marta (Lia) e Geraldo. Casada com Ronaldo Vieira. É professora e reside em Peçanha.

4ª – Marília Maria de Oliveira Ceolin, filha de Alfredo Ceolin e Maria do Rosário de Oliveira Ceolin. Casada com José Luiz de Oliveira Ceolin. É médica e reside em Belo Horizonte.

5ª — Marília Ceolin Corrêa (Didida), filha de Marta Maria Ceolin Gonçalves Corrêa e Geraldo Cláudio Corrêa. É advogada e reside em Belo Horizonte.

6ª — Marília Rocha Ceolin, casada com Luiz Henrique Soares Ceolin. É pedagoga e reside no Rio de Janeiro.

7ª — Marília Breder Ambrósio, filha de Maura Breder Ambrósio e Vicente Ambrósio. Casada com Alfredo Ceolin. É professora e reside em Belo Horizonte.

[Fonte: Livro “Carta Sem Resposta” – Ceolin, Alfredo - 2ª edição – 2019 – Gráfica “O Lutador”] e outras crônicas.

11. Família Discacciati



Camilo Discacciati e Magdalena Ceolin Minighin.

“Camilo Discacciati nasceu em 18 de dezembro de 1913, na Colônia Rodrigo Silva, em Barbacena e faleceu em 13 de agosto de 1993, em Barbacena.

Estudou na Escola Pública Primária da Colônia Rodrigo Silva e começou suas atividades na indústria cerâmica de seu pai na Colônia.

Ao lado de seu sogro, Marino Ceolin, trabalhou por muitos anos ajudando-o a construir a tradicional Chácara Ceolin.

Foi membro ativo da Diretoria do Sindicato Rural de Barbacena, ocupando vários cargos.

Pertenceu ao Sindicato dos Choferes de Barbacena.

Foi sócio fundador do Rotary Clube de Barbacena.

Pertenceu à 1ª Comissão de Fruticultura do Estado de Minas Gerais, atuando em cargos de sua Diretoria.

Recebeu várias homenagens do Município de Barbacena, como participante em feiras e exposições agropecuárias. Recebeu homenagens em exposições de Belo Horizonte e Juiz de Fora. Foi homenageado pelo Sindicato do Comércio Varejista de Barbacena.

Em 1956 recebeu homenagem da Radio Itatiaia de Belo Horizonte como agricultor destaque em Minas Gerais, na área de fruticultura.

A revista O Lince, de Juiz de Fora, no seu nº 1.311, de maio de 1959, em homenagem especial a Barbacena, aludindo à Fruticultura Barbacenenense, assim se referiu a Camilo Discacciati:

Fruticultura Barbacenenense um exemplo pujante de realizações. O que, no entanto merece nossa admiração é a inteligência invulgar aliada a capacidade administrativa do Sr. Camilo Discacciati, o qual, à frente da Fruticultura Barbacenenense, soube com brilhantismo e entusiasmo chegar ao auge da linha traçada pelo seu saudoso sogro Marino Ceolin.

➤ Fruticultura Barbacenenense - Marino Ceolin

“Barbacena orgulha-se de possuir uma das mais belas e organizadas fruticulturas do País.

Atualmente, sob a sadia orientação do Sr. Camilo Discacciati, que, tendo como bandeira a Exma. Sra. D^a. Maria Santa Rosa, sua veneranda sogra, sua Exma. esposa, D^a. Magdalena e seus queridos filhos pôde, mercê de sua técnica, aprimorar e aumentar a produção de enxertos de laranajeiras, ameixeiras, pereiras, marmeleiros etc., bem como a colheita de uvas, ameixas do Japão, peras, castanhas e muitas outras frutas de difícil aclimação.

A Fruticultura Barbacenense possui aproximadamente 484 ha de boas terras, dispondo dos mais modernos recursos da técnica agrícola, tais como: tratores, arados, sistema de irrigação próprio etc. e todos os instrumentos necessários a um progresso cada vez mais acentuado.

O ilustre fundador desta magnífica obra, Marino Ceolin, soube aliar a técnica ao conforto de uma grande chácara. Possui esta uma moderna sede, com confortáveis instalações de um escritório e recantos maravilhosos, como o lago, que se pode ver abaixo e uma belíssima cascata, na divisa de suas terras”.

Camilo casou-se com Magdalena Ceolin Minighin, depois Magdalena Minighin Discacciati, nascida em 1918 e falecida em 21.4.1964, em Barbacena, com 45 anos de idade, filha de Marino Ceolin e Maria Santa Rosa.

Vera Lúcia Discacciti, filha de Camilo e Magdalena, depois Vera Lúcia Discacciati Sad, nasceu em 18.12.1938, em Barbacena. Fez curso de magistério no Colégio Imaculada Conceição de Barbacena em 1958.

Vera Lúcia casou-se em 17.9.1960, em Barbacena, com Fernando Costa Sad, nascido em 19.1.1930. Industrial, cursou administração de empresas no Rio de Janeiro (RJ), cursou e fez estágios na Espanha e Itália em indústrias de fabricação de meias. Implantou indústria de meias em Barbacena, a Malharia Cruzeiro. Foi Diretor da Fábrica de Tanques Jofeir Comércio e Indústria. Filho de Chaquib Itar Sad, nascido em El Knaisse Chouf, no Líbano, e Guimar Costa Sad, nascida em Barbacena.

Stella Maris Discacciati Sad, depois Stella Maris Discacciati Sad Coelho, filha de Vera Lúcia e Fernando, nasceu em 17.6.1961, em Barbacena. É contadora e funcionária do Tribunal de Justiça em Belo Horizonte (MG), exercendo a assessoria de planejamento.

Stella casou-se em 1.2.1986, em Barbacena, com Adhemar Abrantes Coelho, nascido em 16.11.1954, em Baixo Guandu (ES). Engenheiro civil da CEMIG em Belo Horizonte (MG), filho de Adhemar Castilho Coelho e Rita Abrantes Coelho.

Bernardo Discacciati Sad Coelho, filho de Stella e Adhemar, nasceu em 24.11.1991, estudante em Belo Horizonte.

Juliana Discacciati Sad Coelho, também filha de Stella e Ademar, nasceu em 20.8.1993, estudante em Belo Horizonte”.

[Fonte: “Discacciati – Da Itália a Barbacena: História de uma família, de Henrique Sérgio Discacciati” – 2ª edição – 2012].

12. Outros Casamentos e Seus Casos

“Ceolin Francisca (La Checa) casou-se com Bortolus Giovanni, na Itália.

Apreendeu a ler nas horas vagas, às escondidas, com um tio, mas não sabia escrever.

Era católica fanática.

Dos seus 7 filhos, Raimundo morreu solteiro, afogado no Rio Paraibuna, em Afonso Arinos RJ, com a idade de 24 anos, em 1923.

Dizia ela que a maior preocupação da *nonna* Bortolus era ver todos casar, por ser a lei de Deus...

E ficava brava quando eu lhe dizia que Cristo, os Santos, os Padres e outros não se casaram ou não se casavam.

Bortolus era o mais gordo e Sfredo Olivio, o menor homem da Colônia.

---o---

Bertolin (Viccies) Valentin lote nº 2 casou-se com Antônia e tiveram 4 filhos, sendo 1 homem: Adão e 3 mulheres: Maria, Emília e Perina.

---o---

Gava (Bosco) Paulo casou-se com Maria e tiveram o filho Pedro. Lote nº 3.

---o---

Magri Luigi (Bidin) lote nº 4 casou-se com Giuditta Bertolin (Viccies) tiveram 8 filhos sendo 4 homens: José Guerino, Ulisses, Orestes e Eusébio e 4 mulheres: Matilde, Irene, Regina e Emília.

Embora tivessem dinheiro e muitos bens eram miseráveis.

Ela era carola e gostava de chamar atenção aos outros, mas fazia da religião um meio de vida, pois com toda a família ia às missas, rezas ou outras funções sacras,

carregados com latas de leite, cestas cheias de frutas ou outros produtos.

Giuditta estava na Matriz puxando as contas de um enorme terço, quando seu filho Eusébio se chegou.

Imediatamente ela ajuntando as contas:

- *Um fiorin; dui fiorin; tré fiorin (Um florim; dois florins; três florins...)*. Guardou o terço no bolso da saia, esquecendo-se de Nosso Senhor Jesus Cristo para pensar no vil metal.

Seu filho Guerino gosta também de fazer reparações religiosas às pessoas de suas relações, mas se esquece de que apesar de casado tem uma amante e filhos sendo muito comentado por não ser correto a um bom católico como ele se julga, fazer observações que não lhes dizem respeito.

Certo dia Eusébio me disse que eu ia à Igreja, mas não rezava, por não me ver mexer a boca.

- Ora Eusébio, eu rezo é com o pensamento. Oração não é palavra; oração é sentimento. Se você estivesse cuidando de sua devoção não teria tempo para observar ninguém. Isto é muito feio. Cada um por si e Deus por todos.

Não é assim?

---o---

Sfredo Olivo, lote nº 5, casou-se com Ana e tiveram 8 filhos, sendo 4 homens: Jacó, Ângelo, Antônio e Sebastião e 4 mulheres: Maria, Lisa, Catarina e Angelina.

---o---

Gava Pietro (Piero Bosco) lote nº 6, casou-se com Violetti Giovanna e tiveram 12 filhos sendo 7 homens: Paulinho, João, Luis, José, Olivo, Ângelo e Ernesto e 5 mulheres: Maria, Luisa, Amabile, Rosa e Cecília.

---o---

Luís Gava morreu, quase de repente, de uma congestão, deixando sua mulher, 8 filhos e o lote nº 7, onde residia.

Seu mano Paulino, ganancioso, abusando da simplicidade de sua cunhada Angelina, a viúva, começou a surrupiar-lhe uns tantos objetos, dizendo que lhes doara o falecido, chegando até a usurpar-lhe um lindo cavalo.

E ainda não contente dizia a todos que além de sua família precisava sustentar a do seu mano Luís, o que, aliás, era uma falsidade.

A conversa foi ter aos ouvidos dos outros irmãos dele residentes no Galego, que, logo foram à casa da viúva saber da verdade e ajudá-la, também, no que fosse preciso.

Angelina, então, com as lágrimas nos olhos, contou-lhes o que se passava.

Paulino foi desmascarado e posto a correr, por indesejável.

Paulinho Gava é ambicioso e quis audaciosamente dar um golpe, mas recuou vencido e desmoralizado.

---o---

Picinin Giacomo (Barbon Picinin), lote nº 7 casou-se com Maria e tiveram 4 filhos sendo 2 homens: Ângelo e João e 2 mulheres: Regina e Salute.

---o---

Picinin Giuseppe, lote nº 8 casou-se com Teresa e tiveram 5 filhos, sendo 3 homens: Marco, Pedro e Luís e 2 mulheres: Ângela e Maria.

---o---

Carlo Piacentini, lotes nºs 9, 10 e 11, era irmão de D. Albina, casada com o Sr. Fiorita, empresário de navegação marítima. Tinha um armazém e fornecia vários produtos aos colonos.

---o---

Micciel Caldo, lote nº 13, era trabalhador e gostava de passear. Mas o homem da casa era sua mulherzinha Madalena, que com um cavalinho da orelha torta e dois moinhos de milho, mantinha a família, fez casa nova, casou seis filhos e ainda deixou dinheiro, provando assim que tamanho não é documento.

Aos domingos e dias santos, Micciel bebia e ficava tomado de espírito engarrafado. Falava com voz grossa e respondia com fina. O nariz dele parecia uma batata e vivia encardido de tanto rapé. Nesses dias sua família sofria com as suas impertinências.

Deixaram oito filhos: Angelina, Paulina, Dozolina, Maria, Regina, Aurea, Eugênio e João.

Os dois velhos Loschi entregaram a alma a Deus no mesmo dia 12 de novembro de 1938.

---o---

O Bia Martin era casado com Giuana. Tiveram seis filhos: Augusta, Santa, Constanza, João, José e Rodrigo. Esta família morava no lote nº 14, onde havia todo o ano, na terça feira de Carnaval, um grande baile, servido a vinho de uva, produzida no pomar.

---o---

O lote nº 14 do Bia Martin meio é hoje do seu filho Giuseppe, que vendeu metade do mesmo a qual foi revendida a Borgo Fortunato.

---o---

O casal Usgualdo Savestrin e Regina Picinin lote nº 15, vendeu o lote aos Sfredos e foi residir com filhos lá pelos bandos do Cará, onde adquiriu terreno. Tiveram os filhos: Carmelita, João, Jacob, Ângelo, Amélia, Maria, Luís e Antônio.

---o---

Delben (Savestrin) Antônio casou-se com Turin Maria, lote nº 17 e tiveram 6 filhos, sendo 5 homens: Oswaldo, Pedro, José, Santo e Luís e 1 mulher: Luísa.

Moraram também no lote nº 17 Luigi, irmão de Antônio, solteiro e Ângelo, irmão de Maria, mas não deixaram descendência.

---O---

O Gigi Savestrin herdou de sua mãe viúva de Dalben Antônio, o lote nº 17. Casou com Maria Furtado, tendo os filhos Antônio, Roberto, Laura e Yolanda.

Ele é o único vizinho indesejável. Implica com estradas, cercas, passagens, porteiras, pessoas etc. Fica agitado por todo e qualquer progresso. É um doente de corpo e alma.

Parece que depois de ter convivido com animais quadrúpedes adquiriu deles umas tantas semelhanças.

Deve ser também por remorso por ter permitido a expulsão de sua santa mãe da casa dada a ele por ela.

Ela dizia com as lágrimas nos olhos que se o Gigi tivesse morrido em alto mar, por ser ele muito doente, então, não lhe teria causado tanto desgosto na sua velhice.

---O---

Nizio Marin era casado na Argentina e tinha dois filhos, quando fugiu para o Brasil com o dinheiro destinado ao pagamento de uma turma de trabalhadores, de que era encarregado.

Aqui, na Colônia lhe foi doado o lote nº 18, vivendo, maritalmente, até morrer com Mariuta (Maria Payassoll) a qual tinha uma filha, Amélia, cujo pai era Passini.

De sua convivência com Mariuta, vieram as filhas Angelina, Carolina, Antônia, Olivia, Adélia, Regina, Helena, todas loiras e bonitas, e o filho João.

Nizio foi o maior amigo do nonno Marco Roman.

---o---

O Barbon Fiorit proprietário do lote nº 22 era casado com Mariuta Savastrin, pais da Santina casada com Tiazzi Arturo, lote nº 23.

O Barbon Fiorit foi o introdutor da indústria sérica em Barbacena.

Foi com ele que Amílcar Savassi aprendeu alguma coisa de sericicultura.

A Santina Fiorita ficou viúva ainda moça com os filhos Roberto Otávio, Adolfo, Carlos e Irene.

Carlos morreu jovem. Irene, em 1951. Roberto em 17.05.1956 e Satina santamente em 21.08.1957.

Restam Otávio e Adolfo, dois beberrões inveterados, completamente inutilizados pela bebida.

---o---

Tio José era especialista em pedras de moinho, torneador de madeira, carpinteiro e tinha uma boa oficina, mas não sei por que, tornou-se indiferente a tudo e perdeu o estímulo de viver, ficou sórdido.

Nasceu católico. Depois ficou protestante por lhe ter dado uma Bíblia seu colega de trabalho.

Rosina Loschi, sua mulher, com os filhos o abandonaram no lote, sob protesto, e foram morar na cidade por ficarem mais perto da fábrica onde trabalhavam.

---o---

João, o Nanne Fiorit, casou-se com Dominga Loschi a Nenega e ficou morando na casa do pai (Beppe Fiorit). Mais tarde, seus filhos, Lúcia e Luís, fizeram uma casinha nova.

O Nanne Fiorit foi o homem mais preguiçoso da Colônia, mas mesmo assim fez na sua mulher Nenega 8 filhos, sendo 5 homens: José, Pedro, Antônio, Augusto e Luís e 3 mulheres: Madalena, Lúcia e Salute.

Quando bebia, o Nanne era desbocado e maldoso para sua família.

Viveu oitenta e tantos anos e bem assim, a Nene-ga sua mulher.

---O---

João Roman, casado com Angelina Bortolus, como caçula, ficou com o lote nº 21 depois de próprio entendimento com os demais herdeiros.

Ele podia estar vivendo de rendimentos se tivesse tido um pouco de visão das coisas. Botou fora muitos bens. Vendeu por pouco as casas e terreno que hoje são da família do saudoso Júlio Ferreira e deu o dinheiro ao seu irmão Santo para negociar, mas sem documento e acabou perdendo tudo por ter ele falecido repentinamente.

Se não fossem os filhos teria vendido, também o lote nº 21 onde estamos localizados, por trabalhar com os braços e não com a cabeça, o que sinceramente lastimamos, visto ter papai ideias ainda do século passado.

Nós os seis irmãos vivemos em harmonia, apesar de umas pequenas coisas, visto não ter nada cem por cento.

Há o caso da Maria que casou com um salafório e nos tem causado alguns aborrecimentos.

Geraldo, casado com Noêmia, embora seja um tanto arredo, tem melhorado muito; chegou a ter amante, o que deu uma certa desarmonia no lar, cuja solução vai sendo resolvida, com o tempo.

Laurita vive regularmente com o Pião, seu marido, que gosta de mulheres, mas habilmente sabe se defender bem. E assim vai levando.

Mamãe sofreu muito com doenças e com papai que gostava de crioulas, mas com a idade chegou nos eixos.

A ela devemos nossa formação moral, cristã e sã e que Deus lhe dê muitos anos de vida para nossa glória.

Os descendentes de nossos pais até dezembro eram em número de 48.

---o---

Roman Antônio, viúvo, morou no lote nº 25, com sua filha Ângela, solteira, que assim morreu.

Era pai de Giorgio, Marco, Ângela e Basílio. Este morreu na Itália.

Antônio faleceu com a idade de 80 anos mais ou menos, logo após sua chegada.

Roman Giorgio casou-se com Antônia Maluta, lote nº 172 no registro, com quem teve 5 filhos: Valentina, João, Carla, Santa e Fortunato.

Fortunato não deixou filhos. Dos descendentes de João, só um, José, é do sexo masculino.

As três filhas deixaram muita prole.

Filhos de Georgio (Dordi), irmão do vovô Marco:

1 - Fortunato casou-se com Dezulina Martin. O casal não teve filhos.

2 - João casou-se com Regineta Trezoti e tiveram 4 filhos:

I - Rosário casou-se com João Gava. Filhos: José, Ernesto, Antonio, Juscelina, Irene, Maria e Deolinda.

II - Clementina casou-se com José Tonussi: Filhos: Geraldo Orlando, Natal, Natalin Horácio, Maria, Alzira, Ormenzinda e Odete.

III - Maria casou-se com Paulino Gava. Filhos: Santo, Pedro, Laurita, Italina e Carmen.

IV - José casou-se com Dirce Bortolucci (Ciande).

3 - Carla casou-se com Emiliano Candian e tiveram 5 filhos:

I - Lucindo

II - Américo

III - Angelina

IV - Carlos

V - Evaristo. Filhos: Joana, Antonia, Luzia, Deolin-da e Norma.

4 - Santa casou-se com José Tófolo. Filhos: Virgilino, Carlos e mais 2 mulheres.

5 - Valentina, casou-se e não teve filhos.

---o---

Beppe (José) Roman ficou com a morte de avô Antônio, com o lote nº 25.

Casou-se com Marcolina Blazuti para se esquecer de Genoveva Madalin que fugiu com outro faltando poucos dias para se casar com ele.

Marcolina era muito doente, mas vivia diariamente para casa dos vizinhos deixando o lar um tanto desleixado.

Apesar disso teve nove filhos, 4 homens e 5 mulheres.

Perderam em poucos dias 3 filhas e 1 neto de tifo. Pedro e 1 filho, e Silvano e Letícia no mesmo dia.

---o---

Os filhos de Bernim Giuseppe e de sua esposa Carolina, lote nº 27, são seis, 2 homens: Herculano e Ferruccio e 4 mulheres: Italina, Cesira, Ema e Catarina.

---o---

Turchetti Giuseppe (Beppe Fiorit) lote nº 28 casou-se com Madalena, donde vieram 7 filhos; 4 homens: João, Antônio, Luís e Pedro e 3 mulheres: Josefina, Luísa e Joana.

---o---

Dapiene Pasquale (Pascoalim Simet) e sua mulher Giuseppina (Pina) vinham da Itália para Barbacena, e eu

Juiz de Fora. Pasquali Simet desceu do trem e foi buscar água em um tanque próximo à estação, quando o mesmo partiu deixando-o.

Pasqualin corre atrás do trem, mas não consegue apanhá-lo. E chorando: - *Addio Prima no ti vedo pi...*(*Adeus prima não te vejo mais...*)

Mas no dia seguinte tornou a ver sua querida Pina que pensou ter perdido para sempre.

Foi-lhe doado, na Colônia, o lote nº 29.

Filhos: 9, sendo 4 homens: Ângelo, Adão, Antônio e Germano e 5 mulheres: Madalena, Amabile, Marcolina, Maria e Luísa.

Atualmente o lote nº 29 é dos 4 filhos de Antônio Sfredo: Olavo, Jair, José e Pedro.

---o---

Santarosa Guiovanni (Guiane Lucon) casou-se com Turguetti Giovanna e daí vieram 10 filhos, sendo 6 homens: Luís, José, Alexandre, Plínio, Júlio e Jacó, e 4 mulheres: Santa, Maria, Constansa e Genoveva. O lote nº 30 do velho Lucon, é hoje de Alexandre Santarosa, seu filho.

---o---

Loschi Luigi casou-se com Marguerita, lote nº 31. Filhos: 2 homens: Felice e Pietro e 1 mulher: Batistina.

Loschi Pietro casou-se com Moras Maria. Filhos: 8, sendo 5 homens: Luís José, Ângelo, João e Carlos e 3 mulheres: Margarida, Erlinda e Elizena.

---o---

Loschi Felice casou-se com uma austríaca de nome Marta, a qual o abandonou com uma filha, desaparecendo. Lote nº 32.

---o---

Bertolin (Viccies) Luigi, lote nº 33, casou-se com Reinin Regina, a qual era parteira e capadeira de galos.

Filhos: 6, sendo 3 homens: Augusto, Ângelo e Olivo e 3 mulheres: Giovita, Anna e Amabile.

---o---

Saviotti Antônio, lote nº 34, casou-se com Luigia. Filhos: 5, sendo 2 homens: Felice e Júlio e 3 mulheres: Maria, Clementina e Giuseppina.

---o---

Bertolin Ângelo (Andolon Viccies) lote nº 35, casou-se com Benin Olivia (Ema). Filhos: 11, sendo 4 homens: José, Luís, Herculano e Américo e 7 mulheres: Ana, Regina, Maria, Joana, Carolina, Dorzolina e Antônia.

---o---

Paulino Gava, seu vizinho, gostava de diminuir os outros e julgar-se superior dizendo vender os seus produtos por preços elevados e ter muito dinheiro por isso.

Residindo no lote nº 36, que fora do Frederico Nadalin tentou incorporar terras do lote nº 20, do seu vizinho Faustino Bortolus, por julgar que as mesmas não tivessem dono.

Não conseguindo por ter Faustino escritura legalizada, Paulino disse que o velho Bortolus, ficara com as terras com vinho doado ao engenheiro, em outros tempos.

Se ele, Paulino sabia disso porque se atreveu a tanto?

---o---

Dos 8 filhos de Pietro Martin e de sua esposa Giovanna o único homem é o Antônio (Toni). As 7 mulheres são: Regina, Mariutta, Emília, Angelina, Marcolina, Duzolina e Guarsera.

---o---

Ceolin Antônio (Toni) casou-se com Roman Maria, lote nº 37, hoje de Alexandre Santarosa. Filhos: 9.

Morava também com o Barba (tio) Toni, a *bisnonna* Cattina, sua mãe.

Assim somos parentes da família de Antônio Ceolin pelos dois lados.

Possuía o Barba Toni no lote um bananal e na colheita fazia uma festa na qual compareciam parentes e vizinhos.

Havia também a festa da melancia em que contribuíam alguns vizinhos.

Numa delas, Luís Copatti na véspera furtou as melancias de Marino Ceolin e as levou à casa do compadre Toni, cientificando-o do que fizera.

No domingo, Marino foi à festa e todo sem graça contou o que lhe acontecera.

Mas o Barba Toni, bem humorado, oferecendo-lhe *fette de angurie (fatias de melancia)*. Dizia-lhe:

- *Oh!...Va lá nó conta nó... (Não conta não...)*

- *Magna Manino... Magna angurie, come fosse della toe. (como se fossem dedos do pé).*

---o---

Bertolin (Verdolot) Alexandro casou-se com Caríssima, lote nº 39. Filhos: 10, sendo 4 homens: Ângelo, João, Jacob e Antônio e 6 mulheres: Rosina, Maria, Luísa, Ana, Palmira e Ernesta.

---o---

A família Puiatti veio da Itália. Era composta de Pietro, Ângelo, Germânico, Giovanna, Santo e Ernesto.

Ficou estabelecida na Lavrinha, no lote nº 40.

Pedro casou-se com Judita Santarosa com quem teve 10 filhos, sendo 4 homens e 6 mulheres.

Ângelo, Marco (Germânico) e Ivana morreram solteiros e bem velhos.

Santo casou-se com Antônia Ceolin e tiveram 11 filhos, sendo 6 homens e 5 mulheres.

O progenitor da família Puiatti chamava-se Lourenço e a esposa Fiorina Santarosa, não tendo nenhum parentesco com Judita Santarosa.

Faleceram pouco depois de terem aqui chegado.

---o---

Vitoretto Giuseppe casou-se com Paiaroll Teresa, lote nº 40. Filhos: 8 sendo 5 homens: Ernesto, Silvio, Rafael, Domingos e Mário e 3 mulheres: Marieta, Joana e Dorvalina.

---o---

Martin Antônio casou-se com Roman Teresa, ficou com o lote nº 36, do seu pai Pietro. Prole: 13 filhos. O lote de Antônio é o nº 43.

---o---

Toni, casado com Maria Cardinalli entregou os pontos, deixando viúva, sete filhos e ainda, sua mãe solteirona.

---o---

Puiatti Santo casou-se com Ceolin Antônia. Filhos: 12, sendo 6 homens: Aniceto, Vitório, Evangelista, José, Fiorelo e Lourenço e 6 mulheres: Olímpia, Helena, Angelina, Maria, Carlinda e Vitalina.

---o---

Ustin Viccies era manco de uma perna e tinha uma venda na Ponte Nova, onde a italianada se reunia aos domingos e dias santos para beber, jogar bocce, cartas e outras coisas mais.

Era casado com uma austríaca com quem teve alguns filhos, apesar de ser manco.

---o---

O Peppe Martin casou-se com Saviotti Giuseppina e tiveram 9 filhos, sendo 4 homens: Alvo, José, Dair e Moacir e 5 mulheres: Requilinda, Luísa Joana, Maria e Carmen.

---o---

Humberto Candian casou-se com Grissi Rosa. Filhos 10, sendo 5 homens: Alderico, José, Mário, Érico e Randolpho e 5 mulheres: Luísa, Guilherma, Justina, Josefina e Joana.

Candian Emiliano casou-se com Roman Carla. Filhos 10 sendo 5 homens: Lucindo, Américo, Ângelo, Evaristo e Carlos e 5 mulheres: Joana, Antônia, Luzia, Deolinda e Norma.

Humberto Candian foi um dos poucos amigos do Savassi, na Colônia.

Apesar de boa pessoa era espoleta o que o tornou antipático.

Parece que sua saída da Colônia para a cidade foi motivada pelo ambiente político hostil criado por ele mesmo entre seus vizinhos.

---o---

Jorge Austríaco (Wagner Giorgio) casou-se com Ana. Morava em um lote da Serra do Piauí.

Tinha barba comprida e era mau para a família.

Fez um caixão de defunto e deitava-se nele quando brigava com a mulher e no meio da cama fez também uma cerca para se separar dela, a esposa.

Até que um dia a morte os separou para sempre.

---o---

Os irmãos Discacciati tiveram na Ponte Nova uma bem montada cerâmica, mas divergindo separaram-se, ficando Celeste com a mesma e Ernesto com algumas casas na cidade.

Com a crise de 1930, tudo deu para trás e os negócios para o Celeste andaram mal.

Depois a cerâmica foi ter às mãos de Oseas Cordeiro, que vendeu todo o maquinário e o que encontrou, só ficando uma chaminé como marco.

Celeste contraiu matrimônio duas vezes. A primeira com Delben Luísa. Filhos: 5 sendo 3 homens: Humberto, José e Carlos e 2 mulheres: Maria e Vitória.

E a segunda vez com Loschi Batistina, de cujo consórcio houve 8 filhos: 6 homens: Artur, João, Celeste, Camilo, Antônio e Lucas e 2 mulheres: Luísa e Angelina.

Ernesto casou-se com Dani Stela. Filhos: 11 sendo 7 homens: Afonso, José, Carlos, Luís, Henrique, Ernesto e Waldemar e 4 mulheres: Angelina, Ernesta, Maria e Carmen.

Embora criados juntos os filhos do Celeste, do segundo matrimônio, com os do Ernesto, nota-se uma diferença grande quanto à educação e os meios de vida.

---o---

Andreto Pasquale veio de São João Del Rei para a Colônia, viúvo, com dois filhos: Frederico e Maria.

Aqui, casou-se pela segunda vez com Martin Regina de cujo consórcio houve 9 filhos sendo 5 homens: Fioravante, Atílio, Roberto, Antônio e Silvio e 4 mulheres: Genoveva, Adélia, Augusta e Maria.

Pasquale era rude e não foi bom para a família. Fazia até as filhas trabalhares na olaria. Daí serem doentes devido aos maus tratos.

---o---

Bergamaschi Antônio casou-se com Bertolin Emília e tiveram 11 filhos, sendo 6 homens: Pedro, José, Valentin, Carlos, Valeriano e Aurélio e 5 mulheres: Teresa, Maria, Pasqualina, Laurita e Enedina. Eredina é Irmã de Caridade - Vicentina.

O velho tem mais de 80 anos e sempre foi pouco amante do trabalho. Os filhos quase todos são dados a rixas.

---o---

Xixico da Fazenda (Francisco Justiniano Pereira), casado, com 5 filhos sendo 4 homens e 1 mulher, morava na velha fazenda da Ponte Nova, que foi depois comprada por Angelina Violetti e construiu casa nova.

Xixico fazia marmelada, pessegada, goiabada e outros doces para venda.

Estimadíssimo por todos por ser prestativo e dar medicamentos a doentes.

Era “Bonifacista”, mas sabia tratar com todos sem animosidade o que não acontecia com o seu vizinho Humberto Candian, adversário político, cuja contenda foi amenizada com o casamento de um filho seu com a filha dele, Candian.

Foi professor de Amílcar Savassi e quando entrava na IRSB (Inspetoria Regional de Sericultura de Barbacena), ia logo perguntando:

- Cadê o João? Oh João?

Chamava-o de João porque Savassi no inquérito de 1924, saiu da Repartição, como fazem outros passariños com o João-de-barro.

E depois ia ao Calixto:

- Pedro? Oh Pedro?

Calixto foi assim apelidado, por ter São Pedro sempre acompanhado ao Cristo, como fazia ao Savassi.

E ao Edgard:

- Barão? Oh Barão?

Por ser Edgard filho natural de um barão do império.

Ao Camilo “Biista”, fanático:

“Seu” Camilo queira-me bem, que não lhe custa dinheiro...”

Quando se despedia e se lhe dizia:

- Ainda é cedo, Capitão (de patente), ele respondeu:

- É por causa disso mesmo. Se fosse mais tarde eu pediria pousada.

---o---

Delben Santo residia à beira da Estrada Barbacena-Ibertioga, próximo à ponte do rio das Mortes, na parte mais alta, onde existiu uma casa e venda, e, nos fundos, uma lagoa. Do outro lado da estrada era o pouso dos tropeiros.

Atualmente o lote é do agrônomo Arnaldo Augusto Vieira.

Campolide deve a sua igreja de São Sebastião a ele, Santo Delben, que nas festas punha especiais da E.F.O.M., para Barbacena e Sítio, dando grande animação, as quais deixaram saudades.

Depois se mudou para a cidade e abriu um armazém na casa que era de papai, à Rua Campolide, mas breve teve de falir pela concorrência que lhe moveu Celeste Discacciati, estabelecido pouco adiante, no mesmo ramo de negócio.

Aliás, meu pai, também, teve noutros tempos de fechar um armazém pelo mesmo motivo, no mesmo local.

Santo fugiu, então, para Araçatuba, SP, envergonhado.

Era casado com Goretti Josefina. Filhos: 6, sendo 3 homens: Carlos, Mário e Irio e 3 mulheres: Guilhermina, Luísa e Maria.

---o---

Luís Pilão (Luís Silva) papudo, casado com a Sá Barbara, tinha uma filha, Maria.

Morava pelos lados da Serra do Piauí e gostava de fazer bailes.

Sua casa era de chão, iluminada por lampião a querosene.

De madrugada levantava uma poeira que se misturava com o cheiro do suor e do petróleo.

E Luís Pilão ao som da chorosa sanfona cantava:

- Cigarrinho de palha,
Fumo verde o fumega,
Aonde tem moça bonita
O meu coração não sossega.
E, o papo dele chiava...
- Os galos estão cantando
Os passarinhos também,
Menina vamos embora
Que a barra do dia já vem.

E o papo continuava a chiar. E assim por diante até o dia clarear.

Deixando tudo isso, saudades...

---o---

Entre o lote que foi do Humberto Candian, hoje de Ernesto Puiati e o dos Ciande, foi localizada a única família francesa da Colônia, a de Lebourg Jean casado com Adriane.

Ele morreu numa casa de saúde e ela bem velhinha, no seu juízo perfeito, estimadíssima de todos.

Deixaram 6 filhos, sendo 4 homens: Pedro, Antônio, José e Henrique e 2 mulheres: Germana e Maria, esta é Irmã de Caridade.

---o---

Bortolucci (Ciande) Giovanni casado com Bertolin (Verdolot) Maria tinha por vizinho, de um lado o Xixico da Fazenda e do outro o francês Lebourg. Filhos: 13, sendo 5 homens: José, Ernesto, Celeste, Alberto e Ângelo e 8 mulheres: Maria, Regina, Ilda, Norma, Ana, Dirce, Dozolina e Beatriz.

O velho Ciande não usava sapatos. Andava descalço com as calças arregaçadas e os cordões das ceroulas aparecendo.

Enviuvando, ficou aborrecido com a partilha do lote e foi morar com o seu genro Paulino Gava, onde morreu pouco depois.

---O---

Nas proximidades da escola da Ponte Nova mora a viúva Nenê, do Gastão Tertuliano, com sua filha Neca, seu genro e seus netos.

Apesar de o marido ter falecido, Nenê continuou sempre a amar, no que foi imitada por sua filha e netas.

Um dos seus grandes amores foi o do compadre Ilídio, que deu muito de falar.

Nenê ia à cidade e trazia doces para ele e pedia as meninas da fábrica para fazer a entrega, mas elas, de marotagem, resolveram comê-los. Ilídio virou onça e de onça ficou apelidado.

Uma noite ia ele para a casa de Nenê e ao atravessar uma pinguela alguém deu um tiro e Ilídio, de susto caiu dentro da água, molhando-se todo.

---O---

Na serra do Piauí estavam estabelecidos os dois irmãos Liporatti: Giufin e Giuanin.

Giufin casou-se depois de velho com Regina, filha do Fumaça, mas mesmo assim conseguiu fazer uma filha.

Tinha ele seis dedos em cada mão e com a idade ficou míope e quase surdo.

Dá tornou-se insuportável, sendo a mulher e a filha obrigadas a abandoná-lo.

Giuanin casou-se com Cardinali Chiarina, esta era o homem da casa. Filhos: 1 homem e 7 mulheres.

Ela ia tanto à igreja católica como frequentava sessões espíritas.

Giufin dizia que seu irmão era um banana, um burro, por ser mandado pela mulher, feiticeira, que se intrometia nos negócios dos homens.

Vivia sempre brigando com seu irmão Giuanin por causa de água, porteiras e divisas.

Ele ia à procura do Savassi para resolver os casos, que, odiando os colonos, o empurrava ao Calixto, ficando sempre tudo na mesma, até que foi resolvido com a morte de Giufin e a mudança de Giuanin, com a família para a cidade.

---o---

A estrada de cima da Colônia tinha fama de assombrada.

Bem no alto existe uma cruz e atrás um tronco de uma árvore seca, onde um escravo se enforcou com medo dos castigos do patrão por ter perdido alguns vinténs na venda de leite na cidade.

Muitos viram coisas e mais coisas. Pura imaginação.

Numa noite muito escura, relampeando e ameaçando chuva, tio Santo passando por ela, a cavalo, via bem na frente, toda a vez que relampeava um homem carregando um caixão de defunto nas costas.

Quando chegou perto da cruz viu, ao relampejar, um homem em frente à mesma, assentado sobre o caixão, fumando um cigarro.

Era um preto dos Bodecos que levava um caixão para um amigo falecido.

Hoje as assombrações, com o desenvolvimento das coisas, desapareceram”.

[Fonte: “Cadernos” de Clariano Roman].

13. Os imigrantes na comunidade barbacenense

“Dos imigrantes e seus descendentes, Barbacena herdou e continua a receber importante contribuição ao seu desenvolvimento, em atividades das mais variadas. Seria impossível precisar em que setores deixaram suas influências; podendo-se citar a literatura, a imprensa, a música, cinemas, hotéis, ciência, engenharia, medicina, direito, ensino etc.

Discorrendo sobre os imigrantes que se deatacaram para além das fronteiras da colônia, o historiador Altair José Savassi considera a tarefa impraticável - “prefiro não fazer menções especiais a esse respeito, não especificando nomes, para não pecar por eventuais e involuntárias omissões”.

Mais difícil ainda seria relatar o papel desempenhado na comunidade barbacenense, região e até mesmo no Estado, pelos descendentes destes homens pioneiros dos núcleos de colonização instalados no século passado e início deste.

O certo é que os descendentes que hoje ainda residem em Barbacena ou mesmo em qualquer outro lugar do País, são cidadãos plenamente incorporados à brasilidade, absorvidos por diversas atividades de interesse social, político, econômico e cultural, como é público e notório.

Mas falando dos imigrantes que deixaram ou abandonaram a Colônia Rodrigo Silva para exercer outras atividades ou mesmo tentar a sorte de forma independente, Altair José Savassi chega a enumerar algumas famílias: “Eram da Colônia Pedro Bianchetti e irmãos, que se estabeleceram em Alfredo Vasconcelos com indústria cerâmica; Artur Savasai, que desenvolveu a indústria de laticínios em Belo

Horizonte; Fiorelo Nadalin, os Bertolin, os Meneghin, os Ceolin, os Candian, os Tófoli e muitos outros (...)”.

A seguir, destacamos alguns nomes dentre muitos italianos que ao longo dos anos integraram-se de forma definitiva ou não na comunidade barbacenense, marcando, de certa forma, pelo trabalho ou personalidade, a vida da cidade:

Vitalino Meniconi - Natural de Toscana, onde nasceu na cidade de Pisa, veio para o Brasil no ano de 1865, tendo se estabelecido como comerciante na cidade de Mar de Espanha.

Em 1892 transferiu-se para Barbacena, fixando-se à Rua 15 de Novembro, no prédio junto ao que residiu o coronel Timóteo de Freitas. Foi representante de várias firmas comerciais do Rio de Janeiro.

Exerceu, por algum tempo, funções no Conselho Distrital do município de Barbacena. Juntamente com Pedro Massena, iniciou a construção dos passeios cimentados da cidade com o desaparecimento das elevações e das escadas de pedra que havia em frente aos prédios. Todos os seus filhos casaram-se em Barbacena. Faleceu em 1905 (Nestor Massena, 1985).

Orlando Piergentile - “Não sei, também quando Orlando Piergentile aportou em Barbacena (...). Sei, porém, que ao fim do século passado já era ele barbacenense de residência, de idéias, de alma e de coração.

Instalou em Barbacena o primeiro cinema - Cinema Moderno. Introduziu também na cidade os primeiros aparelhos mecânicos de fabricação de pão e foi quem primeiro trafegou de automóvel pelas ruas de Barbacena.

Construiu rink para patinação, lançando na região esse esporte; organizou corridas de bicicletas e cavalos e deu a Barbacena o espetáculo das

cavalcadas. Foi dele a sugestão da abertura da Avenida Bias Fortes, e articulou ele mesmo, junto aos moradores e ao poder público, a tarefa de construí-la.

Chegou a elaborar um plano de viação ferroviária para Barbacena a fim de dotar a cidade de bondes elétricos, mas não conseguiu o apoio das autoridades municipais. Faleceu na Itália, em 1941". (Nestor Massena, 1985).

Amílcar Savassi - "Nasceu em 15 de agosto de 1877, na Itália. Encontrava-se no Brasil desde 1887. Aqui construiu toda a sua vida. Foi administrador do núcleo colonial Rodrigo Silva, Chefe de Agricultura Prática do Estado de Minas Gerais, diretor da Escola Sericícola de Barbacena, diretor da Estação de Monta de Barbacena, integrou em 1924 a comissão incumbida de estudar a sericultura no sul do País, Inspetor-Chefe da Inspetoria Regional de Sericultura de Barbacena.

Editou dois importantes trabalhos, entre outros: A Sericultura no Brasil (1927) e aos interessados pela criação do bicho da seda (1936). Fundou e dirigiu o jornal "O SERICULTOR". (Nestor Massena, 1985).

Inês Piacesi – "Filha de Orlando Piergentile, tornou-se Piacesi após o casamento com o primo Aroldo, em 1913, aos dezessete anos. Jornalista desde jovem iniciou escrevendo para O SERICULTOR com o pseudônimo de D. Paula. Posteriormente, escreveu para os jornais Cidade de Barbacena e Correio da Serra. Fundou e dirigiu o jornal O RUBICON.

De sua atuação, escreve Nestor Massena: "(...) em que se lhe reconhecem as qualidades de escritora de pulso, de polemista arrojada, de doutrinadora esclarecida e de publicista de largos e brilhantes recursos de inteligência e de cultura, com o estilo inconfundível, em linguagem fluente e escorreita, de forma original, de conceitos seguros e de substância sempre útil".

Como professora, aprimorou seus conhecimentos de Educação e Pedagogia Infantil destacando-se magnificamente no Congresso Nacional de Educação de 1942 em Goiânia” (Nestor Massena, 1985).

Agostinho Pardini - Escreveu Massena: “Não me recordo do ano certo em que chegou a Barbacena, passando a residir ali, Agostinho Pardini, de nacionalidade italiana. Sei, porém, que isso se deu no primeiro decênio do século XX”.

Comerciante, era proprietário do estabelecimento denominado Padaria do Comércio, que era, ao mesmo tempo, padaria, açougue e loja de secos e molhados. Em 1909, ofereceu à Biblioteca Municipal de Barbacena vários volumes e importantes manuscritos.

Mudou-se para São Paulo, onde destacou-se nos meios intelectuais com seus estudos de numismática brasileira. Mais tarde, transferiu-se para Belo Horizonte, onde faleceu. Teve cinco filhos.

Jeremias, Alberto e Nicolau Paulucci - Os três irmãos chegaram a Barbacena em fins do século passado. Alberto estabeleceu-se no município de Tiradentes (MG) onde instalou indústria cerâmica, até recentemente pertencente a seus descendentes.

Teve dois filhos, Martim Bellusci Paulucci, renomado cirurgião-dentista, e Agostinho Paulucci, grande médico, estudioso, humanitário e benfeitor, fundador do Hospital São José.

Nicolau exerceu atividades ligadas à serralheria e ferraria. Jeremias firmou-se como comerciante, sendo ainda de propriedade de seus descendentes a centenária casa “A Bota de Ouro”.

Antonio Bertola - Nasceu a 30 de setembro de 1885, em Udine, Itália. Chegou ao Brasil em 1890, com os

pais, Luiz e Luiza Bertola, fixando-se na localidade denominada Lavrinha, na Colônia Rodrigo Silva.

Trabalhou na lavoura, na plantação de flores - fornecendo grande quantidade para o Rio de Janeiro e Belo Horizonte e, posteriormente, dedicou-se à fabricação de tijolos que serviam para obras na cidade.

Foi Antonio Bertola o introdutor em Barbacena da primeira máquina para o fabrico de tijolos. Faleceu aos 81 anos.

Ernesto e Celeste Discacciati - Embora não na primeira leva de imigrantes, chegaram praticamente juntos. Ocuparam, a princípio, os lotes 13, 20 e 21 da Colônia Rodrigo Silva, passando depois, Ernesto e Celeste, respectivamente, para os lotes 20 e 22, localizados na Fazenda Ponte Nova (loteamento urbano).

Montaram na colônia uma grande cerâmica que abastecia a cidade e região. Também instalaram grande estabelecimento comercial na Pça. Santos Dumont, no bairro do Campo.

Eduardo Prenassi – Nasceu em 1882, na localidade de Grionos, alta Itália. Veio para o Brasil em 1888 acompanhando a família para João Gomes (Santos Dumont).

Seu pai, José Prenassi, chegou a adquirir uma propriedade em Perobas, mas logo a vendeu, vindo morar em Barbacena, na Colônia Rodrigo Silva. Contava, Eduardo, com dez anos de idade.

Ainda garoto, vendeu doces, atuou como candieiro e trabalhou na cerâmica dos Fígola. Daí foi trabalhar para Carlos Piacentine. Depois trabalhou com o pai na Colônia Rodrigo Silva.

Em 1906 entrou para os quadros da Prefeitura; passando logo a ocupar o cargo de Encarregado de Cobras Públicas.

Na Prefeitura desempenhou trabalho importantíssimo: não havia obra na cidade, até a década de 50, que não tivesse sua participação direta. Para citar um pequeno exemplo, foi ele quem orientou o alinhamento, nivelamento e o calçamento da Rua XV de Novembro, Rua do Campo, Pça Conde de Prados, Alto da Fábrica, Alto da Boa Vista; etc.

Casou-se, em primeiras nupcias, com Luiza Bianchetti, irmã do grande industrial Pedro Bianchetti. Viuvo casou-se em segundas núpcias com Lindaura de Melo, de tradicional família barbacenense.

Era seu filho o dinâmico Valentin Prenassi, de grande espírito público, que na Prefeitura seguiu os passos do pai, sendo, no seu tempo, o grande “obreiro” da cidade. Ao todo, Eduardo teve quinze filhos.

Os Bianchetti - Bianchetti Luigi aqui chegou com Bianchetti Agostini, em janeiro de 1889. Eram, respectivamente, bisavô e avô de Pedro Bianchetti, barbacenense que fundou no Sítio Margarida uma cerâmica (hoje; no local, está a sede campestre da Associação Atlética do Banco do Brasil).

Pela dificuldade de transporte, mudou-se para Alfredo Vasconcelos (localidade então pertencente ao município de Barbacena, hoje distrito de Ressaquinha), nas proximidades da ferrovia.

Os Loschi - Há duas famílias com o mesmo sobrenome. Loschi Miguel (1ª) ocupou um lote na Colônia perto da Estação Sericícola, dedicando-se à agricultura. Chegou à cidade em abril de 1888. Loschi Miguel (2ª) ocupou o lote nº38 da colônia e chegou a Barbacena em janeiro de 1888.

Da mesma família são Loschi Virgílio, Loschi Luigi (tio de Fiorelo Loschi) que, por sua vez era neto de Loschi Miguel e filho de Loschi Giacomo, todos

chegados à mesma data.

Os Picinin - Picinin Giacomo e Picinin Giuseppe chegaram a Barbacena em 13 de abril de 1888, fixando-se, respectivamente, nos lotes 07 e 08 da colônia.

Deles descende a numerosa e progressista família Picinin, sendo de se destacar o saudoso João Picinin, mecânico de alta qualificação, que construiu em sua oficina doméstica um automóvel e benfeitor que colaborou com inúmeras obras sociais.

Os Roman - Roman Marco, nascido em Udine, veio para o Brasil em março de 1888, fixando-se no lote 21 do núcleo colonial Rodrigo Silva. Em 1907, o Presidente do Estado de Minas Gerais Dr. João Pinheiro da Silva concedeu-lhe título de propriedade do mesmo, onde, segundo o documento oficial, mantinha cultura efetiva e morada habitual.

O lote compreendia a área onde hoje está grande parte do Bairro Roman, às margens da estrada MG-061. Em 1889, veio para Barbacena, também para a colônia, Roman Jorge, vindo de Udine e irmão de Marco. Fixou-se no Registro (hoje o distrito de Antônio Carlos, Sá Fortes).

Os Stefani - Rômulo Stefani veio para o Brasil em fevereiro de 1889. Em 1901, chegaria sua mulher Geny. Romulo não era lavrador e em Luca, sua terra natal na região de Toscana, ele exercia a profissão de sapateiro. Quando jovem chegou a servir no exército italiano tendo lutado na desastrosa batalha de Ádua contra os abissínios.

Logo ao chegar a Barbacena, empregou-se numa sapataria existente na Rua 15 de Novembro. Mais tarde compraria a sapataria e colocaria o nome de A Bota Preta. Algum tempo depois resolveu mudar de ramo e montou a Padaria Trieste, que viria a ser uma

das grandes casas comerciais da região.

Romulo fazia vinhos e durante muito tempo comercializou com o ramo vinícola. Junto com Romulo vieram outros italianos: Família Quílicci e Pardini. Romulo e Geny morreram com idade avançada e deixaram muitos descendentes em Barbacena.

Lídio Nusca - Filho de Giovanni e Anatólia Nusca nasceu em Roma em 1929 e chegou ao Brasil em 1939, acompanhando um parente, fixando-se no Rio de Janeiro. Naturalizou-se brasileiro em 1950.

Formado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, já em 1955 lecionava a matéria na Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica. Posteriormente, foi professor do Colégio Estadual Professor Soares Ferreira e da Escola Normal Embaixador José Bonifácio.

Em 1972, ingressou na política candidatando-se a Prefeito da cidade, recandidatando-se em 1976 e 1982, sendo eleito nesta última, estando atualmente no exercício do mandato.

Giacinto Calvi - Nasceu em 1926, em Modugno (Bari), chegando ao Brasil em 1952, fixando residência no Rio de Janeiro. Casou-se com a barbacenense Elge Ausônia Piacesi, que conhecera em Roma no ano anterior, sendo este um dos motivos de sua vinda para o Brasil.

Em 1957, transferiu-se para Barbacena instalando o Gino's Bar Pizzaria e Confeitaria, introduzindo o estilo moderno "american bar" e a pizza, até então pouco explorada na cidade. Em 1967, ampliando suas atividades, inaugurou o atual Restaurante Pizzaria e Churrascaria Gino's Il Candelabro, marcando época em Minas Gerais.

Tornou-se o pioneiro e o grande incentivador dos músicos e da música ao vivo na cidade, funcionando o seu restaurante como casa dançante e de shows, além

de abrigar importantes eventos culturais e sociais. Em 1969, montou a primeira casa noturna da cidade - “Boite Hironnelles”, transformada posteriormente em Discoteca, Gafieira e Danceteria.

Gino - como é chamado pelos amigos - é considerado como o “rei da noite” e sua casa é vista como verdadeiro “cartão postal”. É cidadão honorário de Barbacena, membro do Lions Clube da cidade e desde 1978 exerce a função de Agente Consular da Itália em Barbacena.

• Famílias de ascendência italiana

Um levantamento minucioso das famílias barbacenenses com raízes na Itália revelou que existem cerca de 250, obviamente que desmembradas em troncos com o passar das gerações e os constantes entrelaçamentos. Podemos, pois, citar as seguintes famílias de ascendência italiana: Accerbi, Acciari, Accorsi, Acorsi, Alevato, Allevato, Ambrozano, Andretto, Ansano, Attademo, Bacchieri, Bageto, Baldi, Bargamaschine, Barrote, Barto, Bartolin, Bellusci, Bergamaschi, Bergamaschine, Bergami, Bergamini, Bergamo, Bernini, Bertola, Bertoleti, Bertolin, Bertolino, Bertolucci, Bettoni, Bianchetti, Bino, Bissoli, Bonato, Borato, Boratto, Bortolucci, **Bortolus**, Bortolusci, Boussada, Brunelli, Bruneli, Buscacio, Buzato, Cabete, Calmeto, Calvim, Candian, Cantaruti, Cantarutti, Canton, Canuto, Capelupi, Capelupe, Carnevale, Caruso, Cataldi, Cavaliere, **Ceolin**, Cestari, Cimino, Cobucci, Cobuci, Coducci, Corrieri, Corteleti, Cosenza, Crisafuli, Crisafulli, Cyrino, Dani, Dapieve, Delbem, Dellucas, Demuelenaere, Detomi, Dibella, Dinalli, **Discacciati**, Discacciate, Discacciatti, Fajardo, Falco, Falzoni, Ferrarezi, Filardi, Fiochi, Fiorino, Florentino, Fofano, Fortini, Fratini, Frizon, Frizzoni, Froasard, Fullin, Galego, Gali, Gallindo, Garibaldi, Gava, Germano, Germeni, Giarola, Giordano, Giudice, Gorini, Grissi, Grossi, Guilarducci, Guimuzzi,

Imbroisi, Jarrazi, Lagioto, Laguardia, Leijoto, Leporati, Liguori, Locarno, Lodi, Lombardi, Loschi, Lozasso, Luige, Magri, Malaguti, Manqualde, Maquiné, Marchetti, Marconi, Marini, Maroni, Marteleto, Martinelli, Martoni, Mazoni, Mazzoni, Maziotti, Meneghim, Meneguim, Montanari, Mussoline, Muzi, Meniconi, Marluci, Neri, Nusca, Paolucci, Pardini, Paschoalini, Passarini, Pastorini, Paulinelli, Paulucci, Pavani, Pazzini, Pazutte, Perucci, Piacesi, Piazzzi, Picinin, Pissalate, Pissolati, Piva, Polli, Prenassi, Prenazzi, Presot, Prezot, Prezoti, Prezotti, Puiati, Puiatti, Quilicci, Quinelato, Rettore, Ricinin, Rigon, Rigotti, Risolo, Riveli, Rivelli, Rolim, **Roman**, Romão, Rosseti, Rossi, Russo, Rotatori, Salgarello, Sandi, Sandim, Santarosa, Santoro, Sanzio, Savassi, Savia, Saviotti, Scaldini, Scaramelo, Scari, Scarpelli, Schettino, Sclafani, Scolari, Servulo, Siervo, Sogno, Solo, Sponda, Stefani, Sucasas, Svizero, Tafuri, Taluly, Tanagino, Tarchi, Tedaldi, Terzi, Toffoli, Tolomelli, Tonelli, Tonholo, Tonussi, Tornussi, Travessoni, Tre, Turquetti, Valentini, Vallini, Vespoli, Vicentine, Vicentino, Viol, Vigiane, Vilardi, Vittori, Zanetti, Zille e Zonzin”.

[Fonte: Andrada, Antônio Carlos D. de - Um século de História - A imigração italiana em Barbacena (1888/1988)].

2ª PARTE - O Dia a Dia

14. Os Hábitos e os Costumes no Dia a Dia

- “Refeições: Pela manhã, ao levantar-se, café simples. Às oito horas, merenda: café com leite, angu, pão feito em casa *panhoche*.

Almoço ao meio dia, o *disná*, sopa de feijão com arroz ou macarrão *mignestra*, misturada com verduras ou legumes, com *companazigo*, *muzet*, *pansseta*, mocotó de porco etc. e café.

Pela tarde, às duas horas, café com pão, angu, batata doce, mandioca etc. Frutas de vez em quando.

Jantar. A *sená* depois das seis horas: carne de porco ou galinha, verduras ou legumes, salame, *figadel* etc. O *radicci*, almeirão amargoso era quase diariamente em salada, leite com angu e café.

Aos domingos e dias de festas, comida branca. Sopa de galinha, de carne de vaca ou de porco, macarronada, carnes com outros complementos, salada de verduras e legumes, vinho e café. Doce só em dias de festas especiais.

- Casamentos: Depois do namoro, os pais do rapaz iam à casa da moça para fazerem o pedido de casamento, o que era festejado com um almoço regado a vinho de uva quase sempre feito na própria casa.

Os noivos usavam uma medalha tendo de um lado o retrato do rapaz e do outro o da moça.

Os casamentos eram aos sábados.

O enxoval do dia, da noiva era doado pelo noivo e as despesas da festa divididas pelo meio entre as duas famílias.

Na 5ª feira o noivo ia buscar o enxoval da noiva com carro de boi e ganhava uma gravata branca.

O candeeiro também recebia um lenço branco.

Sexta feira, véspera do dia, iam os dois jovens confessar e comungar.

Nesse dia o padrinho ia dormir com o noivo e a madrinha com a noiva.

Sábado, cedo, chegavam com o noivo, os convidados à casa dos pais da noiva a quem davam certa importância em dinheiro, a qual, os presenteavam com um lenço branco.

A madrinha de crisma dela dava-lhe uma camisa ou um vestido.

O noivo vestia-se todo de preto, com camisa e gravata brancas e na lapela do paletó um botão de flor de laranjeira e a noiva toda de branco.

Antes, os casamentos eram a pé. Dois a dois de braço. Na frente ia a noiva com o padrinho, em seguida o noivo com a madrinha e os demais, atrás.

Mais tarde apareceram os carros de praça, puxados por dois cavalos.

Os pais não assistiam o enlace matrimonial da filha.

Depois de casados no civil e no religioso, nas primeiras horas da manhã, voltavam para a casa dos pais do noivo, soltando foguetes, e muitas vezes tocando sanfona, onde eram recebidos com brindes e grande regozijo.

Logo após era servido o jantar “frango”, cujos pratos, um por vez, a começar pelo “risoto à milanese”, macarronada etc. Tudo regado com vinho, cerveja e soda.

À noite, grande baile que se prolongava até o amanhecer do dia seguinte.

Durante a noite os convidados eram fartamente servidos de comes e bebes.

Os móveis do quarto dos casadinhos eram uma cama de feitio simples ou cavaletes, um cabide na parede, uma mezinha e um móvel tipo cômoda levado pela noiva com o enxoval.

No domingo seguinte os pais da casadinha iam almoçar na casa dos pais do genro e no outro domingo o almoço era na casa dos pais dela.

Ao nascer o primeiro filho, os padrinhos do casamento no religioso eram os padrinhos da criança também, conforme o costume.

A mãe depois de ter o filho ia à igreja receber a benção e a quarentena era religiosamente observada.

Mãe e filho eram visitados e recebiam presentes.

O rapaz morava com os pais até o casamento de outro irmão e, assim, até o último deles; quase sempre o caçula ficava residindo definitivamente com os pais, de quem herdava a propriedade com o consentimento dos outros irmãos.

Era costume dos velhos colonos fazerem avaliação dos enxovais de casamento de suas filhas.

Os enxovais das filhas de Marco Roman, meu avô, foram assim avaliados.

Maria Roman, de 14 de março de 1898, casada com Antônio Ceolin: 220\$000.

Regina Roman, de 28 de janeiro de 1902, casada com Amílcar Savassi: 210\$500.

Teresa Roman, de 7 de junho de 1905, casada com Antônio Martin: 318\$000.

Angelina Roman, 26 de novembro de 1914, casada com João Bertolin: 282\$350.

Lúcia Roman, de 24 de novembro de 1920, casada com Eugênio Ramos da Costa: 238\$000.

Agora vejamos o maior deles, especificado:

Carta di data, di Roman Thereza com Martin Antônio, Barbacena, 7 de junho de 1905, *fato* por Santos Delben.

Nº de ordem	Total
1 coberto de lã	15.000
1 colcha de algodão	15.000
2 peças de amorim a 15.000	30.000
2 ditas de americano a 5.000	10.000
1 dita de americano	11.000
1 dita de americano	11.000
Enfeites para fronha	14.000
12 lenços a 500	6.000
2 pares de brincos de ouro	19.000
4 fronhas	5.000
1vestido de chita usado	6.000
1 dito novo	10.000
1 dito novo de lã	12.000
1 dito novo de fazenda	17.000
1 dito novo de lã	18.000
1 dito novo de chita	10.000
1 dito novo de chita	10.000
Vestidos usados	10.000
1 par de botinas	5.000
1 par de meias de lã	5.000
4 paletós de diversos feitos a 5.000	20.000
3 saias de baixo a 5.000	15.000
Diversos objetos velhos	10.000
2 toalhas de rosto a 2.000	4.000
1 baú para roupas	30.000
Soma	318.000

(Roman Thereza, Martin Antônio, Roman Marco e Santos Delben)

Os padrinhos de crisma davam aos seus afilhados um brinco de ouro para ser pregado na orelha direita.

Meu bisavô Antônio, o velho Lucon, o velho Viccies, o velho Zille usaram tal brinco. E quando algum deles passava alguém dizia:

- Olha o velho do brinco.

Aqui, o costume só foi adotado com raras exceções pelos velhos, embora todos o ganhassem.

Muitos ainda possuem o brinco de ouro guardado como lembrança.

- **Costumes:** Os colonos eram prestativos, principalmente em casos de doenças e, quando havia alguma morte, no velório, rezavam a noite toda.

O enterro dos adultos era só acompanhado por homens.

Se uma mulher ficava viúva, um deles saía com um carro de boi, na colheita, a fim de receber auxílio para a mesma, em milho, feijão e outro qualquer mantimento.

Nossas avós nos contavam histórias que nos deleitavam e cantavam lindas canções da pátria distante que se perderam com os tempos.

Elas tomavam uma mãozinha de um netinho e começava pelo dedinho e acabava no dedão:

- *"Dindim beli / done che te va? / la vella nonna / fa che? / magna pepe e late / gite, gite, gite, gite gite"...*
Fazendo cócegas na palminha da mão.

Diziam que as pessoas más iam para o inferno e aqueles ruins demais o diabo não as queriam e tinham que ir para *moncianina*.

- **Diversões:** De espírito alegre e desprendido, não obstante a distância da pátria, os italianos gostavam de praticar o futebol e bocce. Apreciavam o jogo de cartas, principalmente o tresette, briscola, scopa, e mora. Realizavam bailes aos sábados em casas residenciais, como também nos feriados e vésperas de dias santos. Gostavam de dançar valsas, polcas, chotes, mazurcas, quadrilhas, tarantelas e outras danças daqueles tempos.

Chegaram a organizar uma banda de música, sob a direção de Banto Delben.

Seus maestros foram Nadalin Acorsi, Belmiro Teixeira e Vicente Bigorna.

Seus músicos foram Santo Delben, Fiorelo Nadalin e Ferdinando Ceolin.

Pistonista - José Roman

Requintista - Luiz Delben

Trombonista - João Roman

Baixista - Angelo Rosseti

Clarenitistas - Antonio Martin e Edmundo de Oliveira

Bombardinista - Marino Ceolin

Tarolista, bombista e pratista - Antonio Bortolus, Angelo Dapiene e Franklin de Melo

Saxista - (Si bemol) - Vitorio Savassi

Saxista - (Mi bemol) - Antonio Ceolin

Bombista - Outros.

- **Doenças:** Geralmente os colonos adoeciam para morrer.

Morriam de congestão, pneumonia, tifo, angina e outras moléstias sempre em casos isolados.

Dos 392 descendentes do meu avô Marco Roman, morreram 59, dos quais cerca de 20 recém-nascidos, 9 adultos e os demais menores.

Isso em 70 anos. Não dando assim um desaparecimento por ano.

Em 236 descendentes do meu *nonno* Bortolus, morreram 13, sendo 3 adultos e 10 menores.

- **Profissões:** Geralmente, nos tempos das águas, cuidavam das plantações de milho, feijão, arroz, batatas, hortaliças, árvores frutíferas, como videiras, laranjeiras, mexeriqueiras, tangerineiras, ameixeiras, pereiras, pessegueiros e muitas outras.

Tratavam, também, das criações de bois, vacas, porcos, cavalos, galinhas, perus, gansos, marrecos, etc.

Enfim, cada lote era uma fazenda em miniatura.

No tempo da seca os colonos tocavam olarias. Faziam tijolos e telhas. O campeão da fabricação de tijolos foi Adão Viccies, que fazia 5.500 por dia, e o campeão das telhas foi Paulin Bosco que fazia 1.500 diariamente.

Outros foram e são comerciantes, industriais, construtores, carpinteiros, marceneiros, relojoeiros, artífices, mecânicos, etc.

Eram da Colônia, Pedro Bianchetti e Irmãos, Artur Savassi e Irmãos, Fiorello Nadalin, Fortunato Roman, os Discacciatis, os Matelettos, os Vitoretis, os Bortolus, os Meneghins, os Ceolins, os Danis, os Candians, os Tófoles e muitos outros que se acham espalhados por este Brasil afora.

Alguns filhos dos colonos das 25 famílias citadas, mais destacados:

Amílcar Henrique Savassi, filho de Regina e neto de Marco Roman é advogado, Diretor da Caixa Econômica Federal e Prefeito do Município de Barbacena.

Altair José, seu irmão, advogado, ex-prefeito e é professor da Escola Agrotécnica e da E.P.C. do Ar.

Sua irmã Áurea é professora do Colégio Estadual.

Mires, filho de Virginia e neto de José Roman é engenheiro civil.

José Brunelli Caldo, filho de Paulina, neto do Micciel é médico.

Mirtes, filha do João, neta de José Roman é professora na Escola de Ponte Nova.

Maria Dapiene, filha de Pascualin Simet, já falecida, foi freira.

Guido Roman, filho de João e neto de Marco Roman e João Bortolus é construtor.

Seu mano, Mário José, é empreiteiro, eletricista, bombeiro e tem uma oficina, onde monta e conserta rádios.

Os irmãos Picinin, filhos de João e netos do Barbom e do Bortolus, têm oficinas mecânicas e postos de gasolina.

Os Santarosas, filhos do Gigi e netos do velho Lucon têm uma oficina de carpintaria e marcenaria.

E assim, muitos e muitos outros, que seria longo enumerar.

Convém lembrar que o velho Bias Fortes e o Embaixador José Bonifácio diziam:

- O italiano não precisava de instrução, por já nascer sabido. E se ele fosse instruído, passaria a dominar tudo.

Aí está a razão deles nunca se terem interessado pelo progresso da Colônia.

Mas o que tem de acontecer acontece, como estamos vendo. Não dominando e sim colaborando no progresso, apesar do otimismo dos descendentes dos velhos políticos acima citados.

■ **Clima:** O clima seco, apesar de ser considerado um dos melhores (e não o melhor como diz a Rádio Perereca) do

Brasil, deixa, às vezes, de ser ameno pela queda brusca da temperatura de 10 ou mais graus em poucas horas, ocasionando distúrbios nos aparelhos respiratórios de todos os seres vivos.

Ultimamente o clima tem se modificado muito pela ausência de chuvas, sendo a média de 18 graus centígrados.

▪ **Comunicação:** A Colônia, geograficamente está mal situada devido ao seu terreno acidentado o que dificulta os meios de comunicação entre os seus habitantes, tendo cinco estradas completamente diferentes que dão à cidade, formando grupos desunidos, dispersando, assim, energias tão necessárias ao progresso do País.

As vinte e cinco famílias localizadas nos primeiros 30 lotes formam quatro grupos: os lotes 1, 2, 3 e 8 servem-se da estrada do Pau-de-Barbas. Os lotes 4, 5, 6 e 30 têm a Estrada-de-Cima. Os lotes 15, 18, 19, 22, 23 e 27 têm a Estrada de Boa Morte. E os demais se servem da estrada Barbacena-Ibertioga.

Os Piazzis e os Payarolls Martins estão distantes de nós apenas cinco minutos a pé e, entretanto, passamos dias e dias sem nos vermos, o mesmo acontecendo com os Santarosas, os Magris e outros, por causa dos meios de comunicação com a cidade.

De minha casa eu posso ir à cidade por quatro vias distintas.

Enfim, a Colônia é composta de pequenos grupos isolados entre si, devido à sua formação física e os seus meios de comunicação, como o é o Brasil onde “nada nos une e tudo nos separa”.

▪ **Condução.** É raro o rapaz que não tenha uma bicicleta para o seu transporte.

Os carros de bois vão sendo aos poucos substituídos pelas camionetes e pelos caminhões, o mesmo acontecendo com as charretes”.

[Fonte: “Cadernos” de Clariano Roman].

15. Casos Amorosos

“O compadre Celeste era um homem que gostava de variar seus amores e, quando podia, não perdia a oportunidade.

Um dia cantou a viúva D. mas como não havia preparado bem o terreno, ela lhe respondeu:

- Porco, eu vou contar a meu irmão.

- Não é preciso contar a ele. Se você quer dá, bem, mas se não quiser não precisa dizer nada a ninguém. Mas uma coisa eu vou te dizer, que a terra come, come...

---O---

Faltavam poucos dias para que Genoveva Nadalin se casar com Beppe Roman quando fugiu com José Ribeiro.

Passados mais de 40 anos, encontro Genoveva em casa de meu padrinho Firelo, que, depois de lhe ser apresentado, me pergunta:

- Como vai o José Roman?

- O tio José vai bem mas mora só...

Dona Eunice, senhora do padrinho Firelo, então diz:

- Agora que vocês estão vivos podem se casar.

Genoveva:

- Vê lá se ele vai querer se casar com uma velha, feia, caolha e quase cega.

E Genoveva casar-se-ia com o Beppe se ele quisesse.

Assim são as mulheres...

---O---

Fiorelo Nadalin era noivo da Angelina Roman, mas sabendo ela que ele tinha uma amante com uma filha (Laurita), desfez o noivado.

---o---

Lúcia Roman ia se casar com Luís Delben, mas ela, da casa de sua irmã Regina, o viu pular a janela e entrar no quarto da Maria Chacrinha, recém-casada com Olivo Rossetti.

Daí brigaram e ela não mais quis saber dele.

Maria Chacrinha mandou dizer à Lúcia que podia casar-se com o Gigi, porque ela não lhe tinha tirado pedaço nenhum.

Depois o Luís noivou com Maria Furtado com quem se casou, mas antes convidou Lúcia para fugir com ele, o que foi recusado, por não confiar, ela, mais nele.

---o---

Valentin namorava Dorvalina, à antiga, na sala, com os velhos e até uma certa hora.

Ele despedia-se e esperava lá fora, que todos fossem dormir, e ela abria-lhe a janela do quarto, onde ele entrava e ia dormir com ela até de madrugada.

Tempos depois começou ela a sentir os efeitos da gravidez. Seus pais, pensando estar ela doente, deram-lhe fortificantes, bons vinhos etc. até que um dia veio tudo à luz. Aí ouve uma briguinha e tudo acabou bem com o casamento dos dois sem vergonha.

Passaram-se os anos.

Valentin trabalha e mora com a família na IRSB, mas ele tem um defeito, o de gostar de intrigas.

Com a vinda da E.P.C. do Ar, duas de suas filhas, altas horas da noite, com dois cadetes estavam numa galinhagem tremenda perto da casa do José.

Teixeira, outro morador da Inspetoria, o qual pediu que fossem namorar noutro lugar, por estarem incomodando sua mulher que estava doente.

Mas elas lhe disseram que, quem estava mandando, agora, era a Aeronáutica. Diante disso, José Teixeira os pôs a correr.

Elas queixaram ao pai e o bobo do Valentin, dois ou três dias depois, levou os dois gozadores ao Falzoni, então, Inspetor Chefe, para provar que eles tinham outras intenções com suas filhas.

Foi Falzoni que me contou o acima referido e acabou me dizendo:

- Ele é um imbecil! O que é que ele pode esperar dessa gente... Coitado! Está pondo as filhas a perder.

Dias depois Valentin disse na Inspetoria que uma de suas filhas ia ser operada por estar com apêndice supurado.

Mas ela estava é com uma bruta gonorreia o que deu muita conversa a respeito.

---o---

Barba Mondo (dos Martins) era um beberrão e maltratava muito a mulher que aos poucos foi definhado até entregar os pontos.

Mas antes dela se ir lhe disse:

- Eu vou morrer, mas você não se casará com outra porque virei busca-lo logo.

Ele não lhe deu crédito e ia se casar com a Gobbita Puiati, quando, bêbado, descendo um morro, escorregou e caiu de costas em cima de um toco. Deixou de respirar...

Assim ela o levou para onde estava.

---o---

M. foi amante de Amélia. Quase enlouqueceu de amor. Ficou em estado de alucinação. Não podia trabalhar, comer, dormir, nem fazer nada sem estar pensando nela.

Emagreceu muito. Ela o estava espoliando.

Tentou reagir. Nada adiantou. Então foi ao Pai Santo e este lhe disse:

- É coisa feita com seu esperma. Se até o dia tal às três horas da tarde você não se esquecer dessa mulher, estará irremediavelmente perdido.

Às três horas do dia marcado M. sentiu como um estrondo na cabeça e quase desmaiou. A imagem de Amélia desaparecera e ele estava salvo desse amor que mata”.

[Fonte: “Cadernos” de Clarianmo Roman].

16. Outras histórias

“Conheci o Chaves aqui na I.R.S., em 1932. Depois em São Carlos, na fazenda Canchim, em 1935. Era pessoa de confiança do Teixeira Viana, Inspetor Chefe da I.R. da D.F.T.A. que o chamou de Goiás, onde servia na Fazenda Experimental de Frutas.

Chaves morava na fazenda em uma casa ao lado da sede da Inspetoria onde era encarregado do gado.

Aconteceu que sendo os dois filhos do Chaves endiabrados, viviam brigando na frente da Inspetoria o que impressiona mal.

Viana, então, chamou o Chaves e vez ver-lhe que não ficava bem e que fizesse com que os meninos fossem brincar nos fundos da casa para não causar má impressão às pessoas que viessem à Repartição.

Chaves não gostou e Tulinha, sua mulher, todas as vezes que o Viana passava em frente da casa, batia-lhe com a porta ou as janelas, na cara.

Diante disso Chaves teve que desocupar a casa e residir na cidade.

Em São Carlos, Chaves engraçou-se com Rosalina, mulher do Escriturário Eustáquio, a qual contou ao marido, rompendo, assim, as relações amistosas e fechando-lhe a porta da casa.

Chaves faleceu em 29.09.1958. Bom amigo. Tinha um defeito: Fazer mal juízo das mulheres dos outros.

Em 1934 (princípios), estava estudando com o Professor Antônio Olinto, para o concurso de “Escrevente datilógrafo”, cargo que ocupava interinamente, por não ter querido Savassi, que o fosse efetivo.

O Professor A. Olinto não podendo continuar a me dar lições por não lhe dar prazo o “Jornal de Barbacena”,

desceu a ladeira comigo e fomos à casa do Professor Honório Arnoud, pedindo-lhe para me lecionar.

Honorinho logo se recusou alegando ser membro de bancas examinadoras e que poderiam falar.

A. Olinto disse-lhe que eu não ia fazer exames para o ginásio, nem colégios e sim para um concurso no Rio, mas ele não quis atendê-lo.

Percebi que o Professor Honório Arnoud, príncipe dos poetas mineiros, não quis humilhar-se dando um pouco do seu saber a um plebeu.

Então, o Professor Antônio Olinto, que me levou à casa do Professor Concesso Nogueira Campos, sendo imediatamente atendido, dizendo, depois o Professor Concesso, que as aulas que ele me dava eram verdadeiras palestras.

Mas Honorinho, para Laura Borgo deu lições na casa dela, eu vi, presidindo depois a prova de habilitação para a qual ele a preparou, sendo classificada, graças a marmelada, em primeiro lugar. Para ela não teve medo que falassem. Mas falaram, e muito.

Em 12.12.1938 morreu o Professor Honório Arnoud. E, “Perante o Além” ele disse:

- Odeio se ele existe, o próprio Deus.

Assim morre o homem com a sua obra.

---O---

Em 24.10.1934 cheguei a Ribeirão Preto e, no dia seguinte, vim da Inspetoria com o Eustáquio que me convidou para visita-lo, o que fiz logo, conhecendo assim Dona Rosalina e suas filhinhas Mariinha e Celia.

Eustáquio tinha sofrido duas operações, uma em São Paulo e outra em Ribeirão Preto, operações que lhes foram dispendiosas.

Queixando-se ele de estar endividado, com empréstimos e não saber mais como fazer, D. Rosalina lhe

disse que dispensaria a empregada e com Mariinha faria todo o serviço da casa; pegaria na costura e outros trabalhos de agulha para auxiliá-lo no pagamento das dívidas.

Emprestei-lhe, então, três contos de reis, com que pagou quase todas as contas.

Daí em diante nossa amizade tornou-se cada vez mais sólida, a ponto de causar inveja a muita gente.

---O---

Chaves, não contente com o acontecido, disse-me que Rosalina frequentava “rendez-vous” e que não ficava bem ele e família irem à casa do Eustáquio, porque lhes mostravam presentes do Roman, do Roberto, do Ary, do Boulte e outras pessoas, dando para pensar certas coisas.

Chaves, disse-lhe eu:

- Não é verdade o que você diz. Rosalina é estimada e muito prestativa. Ninguém nunca a viu sozinha na rua. Sai sempre acompanhada. Quando faz entrega de serviço, sai sempre com uma de suas filhas, cuja renda auxilia o marido a pagar dívidas.

Quanto aos presentes, foram dados por lavagem de roupa e outros serviços, por funcionários de passagens pela cidade e, aniversários da família, quando somos convidados para jantar.

Ele:

- É... Mas ela não é séria. Fulano disse isto. Sicrano disse aquilo e Beltrano aquilo outro.

Eu:

- Conversa fiada, mas ninguém prova nada.

Ele:

- Você diz isto porque também anda...

Eu:

- Chaves, o que é isso?!... Mesmo que ela fosse o que você diz, eu não me atreveria a tanto. Jamais trairia

a um amigo que me franqueou a casa e deposita inteira confiança em minha pessoa.

---o---

Em 1936, regressando a Barbacena, Chaves, por estar inimizado com o Viana, me incumbiu de tratar de sua transferência para a I.R.S.R., com o Savassi e Viana, seu primo, filho do Professor Soares Ferreira, o que foi conseguido.

Chaves me escreveu pedindo para arranjar-lhe uma pensão, o que fiz na Dapiene.

Fui esperá-lo na estação e ao chegar ao quarto da pensão, a primeira pergunta de D. Tulinha foi:

- Clariano, porque a Rosalina brigou com a gente?

Respondi-lhe que o motivo eu não sabia por que eles apenas me disseram que estavam com as relações cortadas com vocês. E, como não ficava bem eu bisbilhotar, ficou nisso.

Em Barbacena, Chaves teve outra aventura, que, quase deu em tragédia.

Foi a de ter ele cantado a mulher do Cavalcanti, almoxarife da Inspetoria.

Vi o Cavalcanti na Secretaria, com um revolver, dizendo que daria um tiro no Chaves por ter tido o atrevimento de desrespeitar sua esposa, o que não se deu, graças a intervenção apaziguadora do Calixto.

Chaves morreu moço.

Que Deus o perdoe se o merecer.

---o---

Crispim já velho, viúvo casou-se com Guilherma, também viúva.

Doente de velhice, Crispim foi consultar um curador de nome "seu" Miguel. Este lhe disse que sua doença era mal feito de mulher.

Começou, então, a maltratar a esposa que não podendo mais suportá-lo, quis saber o motivo e ele acabou confessando tudo.

- Bem, disse ela, vamos à polícia e lá “seu” Miguel dirá na sua presença qual é o mal que eu estou fazendo a você.

Aí Crispim caiu em si e mudou logo de atitude.

Hoje, 26.05.1952, acabaram-se todos os seus males neste mundo e, não sabemos, se no outro mundo ele foi para o inferno.

Deus o tenha.

Mas ela para esquecê-lo, arranjou outro homem.

Começaram os mexericos e ele:

- Minha gente, eu não sou mais criança e sei o que estou fazendo.

---O---

Edgard faleceu em 03.12.1940. Ele me contava, poucos dias antes de sua morte, com as lágrimas nos olhos que devia o emprego a José Bonifácio, mas que fora obrigado a acompanhar a política “Bias Fortes”, por trabalhar no “Jornal de Barbacena”.

Viveu por muito tempo com a família sobressaltada, visto residir no prédio do jornal e a política contrária (ditadura), ameaçar empastelá-lo.

Família grande e ganhando pouco.

Sua mulher, empregada no Centro de Saúde, foi posta na rua. Por intriga foi obrigado a deixar o edifício do Jornal e pagar aluguel.

Depois ofereceram a uma das suas filhas um lugar de professora, na roça, no Vermelho, que recusou por não querer enterrar sua filha em um local sem recursos e de difícil condução. Outra filha, desgostosa, foi ser freira.

Deram um cargo que tinham prometido ao genro, no Hospital Colônia, a outro.

Enfim, foi esquecido depois de ter exposto a vida em benefício da política Bias Fortes.

- D. Marília, sua esposa, exaltada disse:

- Onde está o chefe do meu marido que morreu por ele?

- Dona Marília, o Savassi pode ludibriar os amigos, mas a Deus, nunca. E, fatalmente pagará, porque ninguém foge à lei do Karma.

---o---

Em 11 de junho de 1945, à tarde, o velho Studenic, tcheco para uns, francês para outros, mas de nacionalidade duvidosa, o mocinho Rogério, francês, o professor Cunha e sua senhora Rachel, tcheca, fizeram uma visita à minha casa.

Quando estávamos no pomar, junto a um tomateiro, arbóreo, diz o velho:

- Este tomate é francês.

Rogério vira-se e diz:

- Nunca vi na França tomate assim. É a primeira vez que vejo um pé de tomate desse jeito.

Continuando a andar chegamos perto de um arbusto espinhoso carregado de flores cor de rosa parecidas de cera. Aí madame Rachel me pergunta:

- Como se chama esta flor? Que bonita!

- Senhora, ainda não pude saber-lhe o nome, apesar de ter procurado nos livros e consultar a várias pessoas.

O velho Studenic:

- É uma flor francesa.

- O nome? Pergunta o professor.

- Não me lembro, responde o velho.

Eu e o professor trocamos um olhar daqueles...

Mais adiante, próximo a um limoeiro, a senhora Rachel faz mais uma pergunta:

- Que qualidade de laranja é esta?
- Não é laranja; é limão rosa, respondi-lhe.
- Madame Rachel, fala o velho, este limão é francês.

O professor Cunha não pode mais se conter:

- Para vocês tudo é francês, parece até que vocês não conhecem a França, visto essas coisas não existirem lá.

Todos riram gostosamente.

---O---

Regina, para dar bem estar a um homem a quem amava, tanto trabalhou até ficar inutilizada.

Apesar de lhe fazerem ver que o tal possuía amantes, ela não dava crédito e ainda dizia:

- Coitado do M., as coisas andam mal e eu preciso ajudá-lo. E na sua boa fé se sacrificou para auxiliá-lo no gozo da carne com mulheres de vida fácil.

Morreu cedo por lhe faltar a compreensão da vida e no outro mundo, ainda será castigada por ter sido uma pecadora, amar a quem não merecia.

Regina desencarnou hoje, 30.07.1945, depois de muito sofrer.

---O---

Léo tem vinte e poucos anos, estatura média, moreno e moço como é, gosta de “pequenas”, pois está na idade do amor. É noivo em Mococa SP.

As moças em toda a parte tem certa loucura pelos rapazes de fora, e sendo ele moço simpático e atraente, não pode fugir ao destino de ser tentado pela carne fatal.

Apesar de inteligente, Léo procurou seduzir moças honestas com o fim exclusivo de gozar da carne.

A primeira que escolheu foi a G., ele quis tentar com juras de amor e promessas de casamento, dizendo

que depois se casaria, assim que se capitalizasse lá na sua terra, Limeira SP.

Mas ela lhe disse que esta história de ir primeiro para São Paulo e depois se casar não servia e que, quanto ao dinheiro, ele não precisaria se incomodar por ter ela o bastante para isso. Sendo ele apanhado em falso, ela o pôs a correr.

A segunda D. S. foi mais difícil por não lhe dar brecha. Mas, uma noite teve uma oportunidade e entrou com o jogo planejado, violentamente. Não teve sorte e ainda levou uma bruta lição de moral.

Ela lhe disse:

- Léo, eu não gosto dessas brincadeiras e se suas intenções são estas, vamos por ponto final nisso.

- Oh! Não...

Léo me disse que não desanimou e que de qualquer jeito realizará o que deseja, porque depois dará o fora e tudo se acabará não lhe importando o que aqui disserem por não ser ele de Barbacena.

Tive vontade de chama-lo de canalha, mas me contive e apenas lhe disse:

- Sim, mas antes disso você poderá ir parar na cadeia, passar por uma decepção, ou se casar com ela por ser menor e de boa gente. E ainda você poderá ficar desmoralizado aqui e lá em Limeira. Ouça o meu conselho:

- Fuja desta embrulhada enquanto for cedo, senão vai dar sujeira da grossa. Este mundo é pequeno e está cheio dessas coisas. Léo pensa bem!

- Você está louco? Eu me casar aqui? Impossível... Sei que estou procurando chifre na cabeça de cavalo, mas não desisto. Vou esperar outra oportunidade favorecida pela lua. Hei de realizar de qualquer maneira o que quero, custe o que custar...

- Bem, bem, eu não tenho nada com a vida dos outros, mas uma coisa eu vou lhe afirmar que se você conseguir o que tem em vista para depois dar o fora como pretende e tudo lhe correr bem, mais tarde você será duplamente castigado, porque as leis da natureza são severas e é aqui neste mundo que se paga tudo o que se faz. “Os filhos pagarão pelos atos dos pais”.

Léo não gostou do que lhe disse e ficou daí para cá, indiferente comigo. Fiquei sentido, mas a verdade foi dita e eu estou tranquilo. Espero não vê-lo passar, futuramente, por aborrecimentos procurados pela sua cabeça de vento.

Deus o permita que ele compreenda em tempo o erro que quer cometer e que tudo acabe em paz.

Numa noite muito fria de setembro, nova tentativa, que não deu resultado, por ter ela resistindo a alguém trapalhado.

Embora a tentação de ambos continuasse, o amor foi esfriando até acabar como começou.

E eu que esperava outro desfecho, fiquei sem graça e com cara de burro, mas contente por ter acabado tudo bem.

Léo deixou Barbacena em 15.11.1945.

---o---

Em 13.09.1946 o sino da “Boa Morte” dobra para o G. que está sendo levada à sua última morada.

Mais de 15 anos são passados. Quantas recordações! Tudo era tão diferente. Vivia-se...

Lembro-me de uma daquelas tardes que estando em casa do Sr. Orozimbo, Dona Augusta me disse:

- Meus parabéns seu Clariano, o senhor está namorando G. uma moça, costureira e muito prendada.

- Sim. G. é uma excelente pequena, de boa família, merece coisa melhor do que eu, mas na cor dela.

- Então o senhor não a está namorando?

- Não, Dona Augusta, Eu considero G. como amiguinha e nada mais. Sou ainda muito moço para pensar em casamento.

F., filha de Dona Augusta ouviu e foi contar a G. o que eu dissera, a seu modo.

No primeiro encontro da turma, num baile, notei G. um tanto indiferente para comigo. Quis saber o porquê. Convidei-a para dançar. E entre outras coisas ela me disse ter F. lhe dito que eu não a queria namorar, por ser preta.

Disse-lhe:

- G., em parte é verdade. Você é uma linda morena, mas merece coisa melhor do que eu, na sua cor. Espero que a nossa camaradagem não vá se alterar por causa de uma intriga. Eu não estou namorando você e nem a nenhuma outra, porque ainda sou muito moço para tratar disso. E você sabe a vida assim é melhor. E se for do destino...

Ela concordou e continuamos como dantes.

Depois ela se casou. O tempo foi passando. Hoje vai ser sepultada, deixando marido e cinco filhos.

E o sino dobra para a finada, que lá se vai para sempre.

---o---

Em 12.10.1947, manhã fria com um pouco de geada.

Alguém diz:

- Morreu o Toni Mistadi.

- Morreu?

- Morreu sim, de doença ruim.

Coitado!

Toni era solteiro e morava com sua irmã também solteirona.

Ele, um pobre camponês, resolveu casar-se com Maria, moça que poderia ser sua filha, bonita e cheia de vida.

Com o tempo vieram os filhos e com eles a miséria foi aumentando do dia para dia, até que não aguentando mais o batente caiu seriamente doente.

Vendo seu estado, sua irmã, na véspera de seu falecimento, foi chamar um médico, o Doutor Teobaldo, candidato a Prefeito, que se recusou a visita-lo, por vê-la, talvez, em trajes pobres e descalça.

Assim morreu Toni sem assistência médica e de doença ruim no dizer da irmã e do povinho.

Toni deixou mulher, sete filhos menores, que crescerão e depois multiplicarão a miséria desta terra tão cheia de sofrimentos e acabarão mal porque este é o destino dos pobres.

---o---

Em 17.10.1951 no Salão Rex.

Enquanto espero a minha vez para cortar o cabelo, entra um homem sadio, de meia idade, papudo, que vive mendigando pelas ruas e se aproxima do Geraldo Filardi, pedindo-lhe trocar um punhado de níqueis por notas.

Geraldo contou o dinheiro e disse-lhe que faltava CR\$0,60 para CR\$20,00. Então o homem deixou os níqueis e saiu, voltando em menos de dez minutos, trazendo CR\$2,80. Levou uma nota de vinte e mais o restante.

Puxa, diz alguém:

- Como ganha esmola essa gente!

Um outro:

- Também, pudera, com um papo daqueles...

Razões têm eles quando dizem que pedir esmolas dá muito mais do que trabalhar.

---o---

Em 04.01.1952, desencarnou o espirita “seu” Eduardo Reis.

“Seu” Eduardo foi um homem bom. Era estimado de todos. Viveu em harmonia muitos anos amasiado com Maria, até a mesma partir para o além.

Depois casou com uma mulher que poderia ser sua filha, que o maltratou tanto por não poder o mesmo satisfazê-la, no amor, levando-o à sepultura.

Um dia estávamos em casa de D. Lina, na cozinha tomando café, eu, D. Lina e Sá Conceição e falando que “seu” Eduardo era muito malhetado pela mulher.

D. Lina:

- Eu não sei o que houve ali.

Sá Conceição:

- Pois é eu estava lá quando a Maria baixou. Ela falou para o “seu” Eduardo arranjar uma companhia, para não ficar sozinho, mas não disse se era homem ou mulher.

D. Lina:

- Parece até coisa feita.

Sá Conceição:

- Qual nada. Aquelas mulheres lá da sessão é que puseram na cabeça do velho, o casamento. Mas não foi isso o que a Maria disse.

Agora eu pergunto:

- Porque a Maria não tornou a baixar antes dele se casar e fazer-lhe ver o erro que cometia? É que o médium que recebeu Maria casou com “seu” Eduardo.

Esse espiritismo está mal contado.

---o---

Estando em Itacuruçá, Maria e Cecílio me aconselharam ir a Tinguçu, a um quilômetro e pouco de distância.

Domingo 20.10.1957, às 13 horas tomei a estrada e fui.

Nas proximidades ouvi tambores.

Perguntei a um homem humilde, que caminhava na mesma direção, o que era aquilo! E ele me respondeu ser macumba. Disse-me mais:

- Que na noite anterior havia ali para mais de duas mil pessoas, vindo de ônibus e em carros grã-finos, mas que ele não cuidava dessas coisas por ser católico.

Tinguçu é uma montanha muito alta, coberta de mato, descendo no meio dela um rio encachoeirado sobre enormes pedras o que oferece ao visitante, agradável impressão.

Tive, então, a oportunidade de ver nada menos de uns doze terreiros de macumba, em plena luz do dia, tendo cada um deles, cerca de vinte pessoas de ambos os sexos, todos descalços e vestidos de branco.

Via-se dezenas de velas acesas em diversos pontos do mato.

Na entrada de cada terreiro tinha sinais cabalísticos. No centro, uma mesa improvisada no chão, coberta com toalha riquíssima, sobre a qual se viam imagens de santos de nossa igreja católica, pombos brancos degolados, carne, macarrão e outros pratos finos; vinho Xerez, Porto, Chianti, cachaça etc.

Formavam roda e cantavam ao som dos tambores. Os médiuns, quase sempre mulheres de cor com o cabelo em pé, rodavam tanto e faziam gestos até cair no chão como se estivessem tomadas de um ataque de epilepsia. Depois levantava e abraçava a todos do grupo, para, em seguida, continuar a mesma coisa.

Num dos terreiros mataram uma galinha preta, jogaram o sangue na cabeça de uma velha vestida de verde, dando-lhe a seguir um banho na água gelada do rio. A

velha preta tremia feito vara verde. E as cantorias prosseguiram.

O espetáculo era impressionante, mas nada tinha de interesse ou sobrenatural. Saí dali contristado por ver o atraso do nosso brasileiro que ainda se dedica a praticar ritos importados pelos pobres negros da África.

---o---

Maria Ismaria de Souza Moreno desencarnou em 3 de dezembro de 1958.

Era de cor preta, mas tinha alma branca.

Foi minha professora e guardo dela as melhores lembranças dos seus ensinamentos.

Nomeada Professora de S. Sebastião das Torres, lá ficou muitos anos, sendo depois removida para o 2º Grupo Escolar de Barbacena e estava aposentada há pouco tempo.

Doralice Savassi, quando estudava na Escola Normal de Barbacena, morava em nossa casa à Rua Campolide e era colega da Maria Ladi e de Maria Ismaria. Doralice e Maria Ladi tinham vergonha de irem à Escola com Maria Ismaria por ser preta, mas perdiam a mesma vergonha, quando não sabiam uns tantos pontos, e iam procurá-la para que lhes ensinassem.

E ainda diziam não saberem por que aquela negrinha era a melhor delas por tirar sempre notas melhores, prêmios e até medalhas.

D. Maria Ismaria, depois da morte de sua mãe, D. Rosalina, morava com Júlio, seu sobrinho, criado por ela, mas que a maltratava muito, apesar de ter feito tudo por ele.

Mas sendo ela espírita, achava ser tudo provação e agora partiu para o além.

E, se de lá, onde está, puder, espero receber seus benéficos fluidos como nos foi dado na minha infância.

Quinta feira, D. Teresa, na Praça Conde de Prados me disse que Roberto seu marido estava ali.

---o---

Foi numa romaria a Aparecida do Norte SP, em 25.05.1972, na qual participou nosso amigo Antônio Moreira da Bernadete.

Aconteceu que regressaram antes da hora marcada 4 ½, deixando lá seu aviso prévio. O amigo Antônio passou muito frio, pois teve de regressar de madrugada. Os agasalhos tinham ficado no ônibus que regressara com os colegas ursos.

Teria passado por grandes dificuldades se não tivesse levado dinheiro bastante para a passagem e outras coisas mais.

Ficou muito ressentido com tais amigos, mas que não vai protestar pelo que lhe fizeram. Como? Deixa prá lá... Como pode ser isto?

Então, há qualquer coisa de certo nos diz Peter Fleming:

- Nenhum brasileiro como você demonstra a menor surpresa ou ressentimento, quando é atraído pelo companheiro. Sempre espera por isto.

Dá o que pensar...

---o---

“Em Paris, uma mostra de arte moderna foi premiada o quadro de “Lebret”. Falando à imprensa, o autor da obra confessou depois que se tratava de um papel que forrava sua mesa, e no qual limpava os pinceis e experimentava os craions” (L.C. de 26-XI-72).

---o---

O caso acima faz lembrar o que há anos se deu em Lourdes, numa exposição de quadros de arte moderna com uma obra que foi premiada em primeiro lugar.

O artista declarou à imprensa que o quadro tinha sido feito com o rabo de um burro, colocando (o burro) entre o cavalete e uma banquetta com tintas e um pincel amarrado ao rabo, o asno balançando o mesmo, fez o quadro famoso.

Então aconteceu que alguns dos críticos adoeceram e ficaram de cama por uns dias, envergonhados.

---o---

Em 15.06.1973, falece o Padre Sinfrônio Augusto de Castro, com 92 anos incompletos de idade e 68 anos de sacerdócio.

Glória e orgulho de Barbacena.

Nenhum padre jamais falou como ele, pois o seu coração estava inundado pela inspiração do Pai Celestial.

Os Sermões das Sete Palavras, do Encontro, do Descendimento da Cruz e muitos outros, sensibilizavam a todos que ouviam.

Foi um Sacerdote com fé e a fé terá salvado sua alma.

Viveu pra graça da perseverança da fé até o derradeiro momento.

Entregou o seu espírito a Deus na consumação da sua missão sacerdotal.

Réquiem in Pace. Amém.

---o---

- Hei Clariano?

Como vai Diguim?

- Eu não vou bem não; só morrendo.

Por quê?

- Fui ao médico; e ele me pediu uma porção de exames, que ficam em mais de nove mil cruzeiros, não contando os remédios. Eu não tenho dinheiro e acho melhor morrer porque dá menos despesa.

- Diguin, um funeral hoje não fica barato e você ainda está moço. Deve se tratar e viver muitos anos.

- Não sei, mas estou tão desanimado.

- É a doença.

- Será o que Deus quiser.

Diguin viveu ainda muitos anos. Faleceu em 06.08.1975.

---O---

Dona Laura estava sendo atacada por um tamanduá.

Ora fugia, ora ele a pegava; até que conseguiu meter-lhe a pata num dos pulsos e ela caiu desmaiada. Então, corri, em seu socorro.

Os pais dela estavam presentes. Eu pedi-lhe uma navalha, ou uma faca afiada.

Não sei como, apareceu uma faquinha com bom corte.

Cuidadosamente fui cortando a pata, que foi tirada aos pedacinhos.

Então disse ao Sr. Aristides e a Dona Rosa:

- Vamos levá-la para que possa descansar e recuperar-se do susto. Acordei. Eram 5:40 do dia 29.09.1975.

---O---

Aconteceu no dia 29 de abril de 1977, dentro da Basílica de São José, durante o 14º Jubileu de 21 de abril a 1º de maio de 1977.

Norma estava cumprindo seu dever religioso e quando colocava o véu para comungar, entregou sua alma a Deus.

Não nos consta que alguém tenha tido a felicidade de falecer dentro de uma igreja, como Norma, que teve de passar desta vida para outra tão gloriosamente.

---O---

O relógio marcava 1:10 h do dia 12 de março de 1978. A noite estava escura, mas estrelada.

Fazia calor e eu estava debruçado na janela do meu quarto de dormir, tomando ar, quando fui surpreendido por um globo luminoso do tamanho de uma bola de futebol, desprendendo radiações de várias cores: amarela, verde, vermelha, prateada, furta-cor. Ele veio do Monte-Mário, passou próximo do lado esquerdo da casa e desapareceu no espaço infinito, sempre luzente com grande intensidade. Passou tão baixo, que cheguei a pensar que fosse esbarrar na árvore em frente à janela, onde me encontrava.

Foi uma coisa maravilhosa nunca vista por mim.

A Rádio Globo, às 6 horas, noticiou o acontecimento, que foi visto por várias pessoas do Rio e fez comentários a respeito.

---o---

Manhã de 10.01.1979. Em frente à janela do meu quarto, do lado esquerdo, um João-de-barro fez sua casa em um galho de ipê ali existente, para seu ninho de amor.

Mas, na sua ausência, um casal de periquitos amorosos, ali apareceu e começou a examinar a morada para talvez, ali viver, como costumavam fazer os de sua família.

Não demorou muito e o “seu” João veio bravo e pôs os intrusos em fuga.

Joãozinho então abriu o bico, as asas, e cantou alegre vitorioso.

---o---

Em 02.05.1979, fui à Loja do Baú da Felicidade, nesta cidade, com um carnê de 660 cruzeiros pagos adiantadamente.

Lá, vejam bem, duas mulatas feias, displicentemente me atenderam, o que não gostei.

- Bem, o senhor tem 660 cruzeiros. Só.
- E a correção monetária?
- Mais 9,00 = 669,00 cruzeiros. Pode escolher.

As mercadorias são numeradas e revistas em um livro, onde estão os preços.

Verifiquei que tudo era mais do dobro dos preços correntes na praça.

Tive vontade de rasgar o carnê e atirar os pedaços na cara da sujeitinha.

Escolhi: um cobertor, CR\$500,00. O mesmo nas lojas de CR\$240,00 a CR\$250,00; uma panela nº 16, de alumínio Globo CR\$150,00, custando nas lojas o mesmo número Rochedo CR\$85,00. E para finalizar: um pano de cozinha CR\$40,00. Nas Lojas Pernambucanas, o mesmo CR\$16,90.

Depois de ter sido furtado em mais de 300 cruzeiros, tive ainda de pagar mais CR\$21,00 de diferença.

Não contente, queria que eu fizesse novo carnê. Que atrevimento!

Assim, é que o famigerado Silvio Santos, ex-camelô, abusa da boa fé de todos, com o seu Baú da Felicidade que deveria se chamar “Baú da Gatunagem”.

---o---

Waldemiro e Zizinha iam se casar no dia 22.12.1979.

Sábado, 15.12.1979, fizeram o “Chá de Panela”, na casa do noivo.

Leni diz a Fortunato que estava um tanto alto:

- Você está bêbado; não devia estar aqui.

E ele:

- Infelizmente certa moça (Leni) tem um filho que ninguém sabe quem é o pai dele, o que é de se lastimar, por não querer dizer como foi.

---o---

Lair desencarnou às 22,30 horas do dia sete de abril de 1981, depois de muito sofrimento.

Esteve hospitalizada mais de uma vez em BH, e também aqui, sendo desenganada pelos médicos.

No dia 22.11.1980, véspera da minha saída do Hospital Ibiapaba, Orlando, filho dela, me informou que sua mãe estava passando mal no ambulatório do mesmo hospital.

Antes de sair fui visitá-la.

Lá estava ela. Logo que me viu transformou-se toda, parecendo uma fera pronta para atacar. E desabafou:

- Você precisa ter mais cuidado, senão morre de repente. Sonhei que você tinha morrido e que veio me buscar. Tome cuidado para isso não lhe acontecer.

Diante de tal destampatório imprevisto, perdi a fala e nada pude dizer.

Não morri antes dela e não sei quando vou morrer. Os que ficam vão dizer.

Ao que parece, vou viver mais algum tempo, sem me preocupar com a morte.

Deixarei este mundo quando chegar a hora predefinida e não por insinuação de quem que seja...

Espero não dar trabalho a ninguém por ser velho, doente, indesejável, imprestável nesse fim de vida.

Que Deus me proteja!

---o---

Uma certa mocinha, muito nossa conhecida, de rabo quente, foi por uma amiguinha levada à gandaia.

Da fornicação apanhou doenças venéreas. Curada, ficou grávida e por um golpe de audácia acusou um camarada que acabou por se casar com ela.

Acontece que o fruto do amor iria aparecer muito antes da data prevista para tal fim. Então foi feito o aborto e tudo vai bem, felizmente.

Sabe-se de outros casos parecidos ou iguais a este. Zé B. é agricultor. Está bem de vida, depois de muitos sacrifícios passou a ser novo rico maníaco.

Possui no Bairro Santa Tereza um palacete ultra-moderno. Luxuoso.

Casou-se e acha importante comer todos os dias carne de três qualidades, beber finas bebidas, e mais isso e mais aquilo outro...

Tem dois carros na garagem.

Mas ele continua bronco por não ter tido a oportunidade feliz de se civilizar.

Domingo, 21.06.1981, a mulher dele veio visitar um tio e família.

Depois ela pediu ao tio para leva-la de carro a casa de seu pai, que mora em Campolide.

E para que servem os dois carros na garagem?

Assim há por aí muitos novos ricos que se tornaram ridículos.

---o---

Desaparece uma vaca do velhinho Sfredo.

Este foi fazer responsório e lhe disseram que a vaca havia sido matada por um seu vizinho muito gordo.

O Sfredo não teve dúvida e acusou seu vizinho, o Bortolus, que era o mais gordo.

No primeiro domingo depois da missa, encontrou o Bortolus.

O Bertolus ficou sem entender nada, por não saber do que se passava.

Aí o compadre Bidin Magri o pôs a par da causa do desaforo do “garnizé”.

Ah! Se não acodem o gigante teria esmagado o homenzinho.

Dias depois a vaca foi encontrada em uma vargem próxima a um mato, pastando.

E foi assim que o velhinho Sfredo perdeu um amigo, ficou ridicularizado por todos, graças a sua superstição tola.

---o---

A estrada de cima da Colônia tinha fama de assombrada.

Bem no alto existe uma cruz e atrás um tronco de uma árvore seca, onde um escravo se enforcou com medo dos castigos do patrão por ter perdido alguns vinténs na venda de leite na cidade.

Muitos viram coisas e mais coisas. Pura imaginação.

Numa noite muito escura, relampeando e ameaçando chuva, tio Santo passando por ela, a cavalo, via bem na frente, toda a vez que relampeava, um homem carregando um caixão de defunto nas costas.

Quando chegou perto da cruz viu, ao relampejar, um homem em frente à mesma, assentado sobre o caixão, fumando um cigarro.

Era um preto dos Bodecos que levava um caixão para um amigo falecido.

Hoje as assombrações, com o desenvolvimento das coisas, desapareceram.

---o---

Madalena xingou o velho preto Zé Elói por ter feito caretas e assustado seu filho, e ele lhe disse:

- Deixa estar que você me paga.

Pouco tempo depois ela machucou o calcanhar e nada de sarar. De vez em quando sentia dores agudas a ponto de gritar.

Experimentou de tudo, mas o sofrimento cada vez maior.

Aconselhada foi ao Pai de Santo, que lhe disse:

- É coisa feita. Olha? E mostrou-lhe um espelho em que viu a sombra do Zé Elói, preto feiticeiro. Esse negro no seu rastro enfiou três estacas e de quando em quando, ele bate nelas o que produz as dores agudas que a senhora sente.

Mas vai ficar boa logo.

E ficou mesmo, como por encanto.

---o---

Lourdes era noiva do Zeca, quando ele foi convidado para almoçar na casa do futuro sogro.

Enquanto esperava a boia, no pomar, entre outras frutas, ele comeu uma jaca das grandes, o que causou pasmo a todos, principalmente na noivinha.

No almoço comeu tanto e com tanta sofreguidão que os demais ficaram em falta, embora houvesse sido feito comida em quantidade para sobras.

Em vista disso Lourdes não quis mais se casar com o Zeca.

Então seu pai lhe perguntou o por quê?

E ela:

- Não vê pai, ele come muito. Faz vergonha... Não dá certo... Não tem comida que chegue... E... Não, não quero mais saber dele.

---o---

Uma turma de vagabundas profissionais vive audaciosamente exigindo de tudo como se fossem damas.

Também elas encontram ambiente favorável, pois as mulheres aqui da Colônia não sabem o quanto custam as coisas. É só buscar nos sacos, nas latas... E dar, porque depois vão para o céu, conforme dizem os Padres, os quais não se vê dar nada a ninguém.

Essas pedem assim:

- Vá dizer a sua mãe que eu estou precisando de gordurinha, arroz...

- Eu quero feijão, fubá, açúcar... E assim por diante.

As mulheres vão dando porque é só buscar.

E conforme vão recebendo vão exigindo mais outras coisas.

Mas recusam abóboras, inhames, frutas... Por serem pesados para carregar.

Andam quilômetros e quilômetros, de casa em casa, enchendo um saco de mantimentos sem nenhum trabalho, graças à boa fé dessas mulheres ingênuas.

A gente deve fazer o bem a quem precisa e merece; não a essas vagabundas exploradoras da bondade alheia e que devem ser corridas por indesejáveis.

---O---

Maria Gagá é uma mulher vagabunda, sem vergonha. Bebe, fuma e...

Está sempre arranjando mais um filho.

Vive pelas estradas e pelas casas, pedindo as coisas para poder manter os seus filhinhos e o seu macho.

Pede dinheiro para comprar querosene, cachaça...

À distância de uns cinco metros sente-se um bafo de onça, misturado com a murrinha dela, suja. Dá náuseas.

O mundo tem dessas coisas desagradáveis e que incomodam.

---O---

Glorita se julga muito sabida e entendida em leis. E como é vaidosa do seu saber! Acontece, que por não pagar o aluguel da casa em que mora e pelo desleixo da mesma, o dono da casa pediu a sua desocupação.

Aí, então, Glorita entrou com a sua sabedoria, fazendo o marido, soldado de polícia, a quem ela domina, recusar a dívida dizendo inverdades.

No Batalhão, ao ser interrogado, ele se atrapalhou todo e acabou por pagar o que devia e ainda tomou quatro dias de cadeia, por não poder um militar mentir. Tudo isto por ter ele dado atenção a conversa de mulher e deixado de cumprir com o seu dever.

---o---

Valentim contou:

- José Felipe morreu muito gordo, embuchado.

Eu, como sempre fui um puxa-saco muito bobo, estava lá na hora do enterro. Então me chamaram para pegar no caixão. Eu peguei na frente e ao descer pela estreita escada de ferro, o diabo do turco quase me matou de tanto peso, pois ele morreu sem cagar e pesava mais do que um porco gordo.

---o---

B. rapaz forte, bonitão é chofer, mas não gosta nada com a dureza e leva a vida folgada.

Arranjou uma namorada e está preocupado com o casamento.

Precisa de muito dinheiro.

Quer um emprego público, de ganhar muito e não fazer nada.

Emprego particular não serve, porque tem de dar duro, obedecer a horário e outras coisas mais, o que ele não está habituado, pois gosta de levantar a hora que bem entende, folgadoamente.

E assim é a maioria dos mocinhos modernos, que fogem ao trabalho.

Cuidado rapazes! A ociosidade é a mãe dos vícios e a perda da personalidade.

---o---

Em conversa com o Chiquito sobre o Rio e outras coisas, eu disse que o Cristo do Corcovado tinha 38 metros de altura sem as fundações; mas ele disse:

- Não, não? Tem isto não... Não tem mais de 10 metros de altura. E eu:

- Mas os guias turísticos não dizem assim.

E ele:

- Nada disso. Eu fui lá e vi que não tem mais de 10 metros.

É que a inteligência é curta e não dá para ver as coisas como são.

Sua filha Esterina reuniu a família para dizer-lhe que iria morar maritalmente com um funcionário de banco, casado com dois filhos e que ficaria com eles para criar. A família concordou.

Será que a mãe das duas crianças iria se separar dos filhos? Eu acho que não. Felizmente não deu certo.

O que Esterina queria era imitar a sujeira de Mari-za, filha do Celestinho que fugiu com um homem casado, com dois filhos, destruindo assim um lar.

---o---

Lorenzin é um rapaz bonito e que possui belas qualidades físicas. Daí ser cobiçado pelas mocinhas.

Com uma delas teve um caso que custou muito a se ver livre.

A lição foi boa. Agora não ficou nada com as tais casadoiras; que só querem segurança.

Outro dia veio uma se oferecer. Mas ele lhe disse que quer mulher que apresente carteira profissional, certidão de estado e outros documentos. Elas são assim mesmo: casam com uns e depois procuram um imbecil para lhes dar garantias, inventando meios poucos recomendáveis para serem resolvidos na polícia.

---o---

É o caso do Romeu que um tanto mulherengo andava com uma empregada doméstica de um oficial da Aeronáutica. No final, dois de seus filhos fizeram-lhe um

“Zezinho” e depois quiseram culpar Romeu, para se livra-rem dela. Deu que fazer para se livrar.

---O---

Bastiana era da roça. Tendo perdido seus pais, quando criança viveu de favores de pessoas piedosas. Trabalhava de sol a sol para poder ter as coisas de maior utilidade. Teve sorte em casar-se com o Carlinhos que tinha uma casa onde podia viver com certo conforto e está próxima da cidade.

Bastiana não ficou satisfeita. Tanto tentou que fez o marido trocar a vivenda por outra inferior na cidade.

Passou algum tempo, ela quis outra casa por achar defeitos na que morava, sendo esta vendida, mas o dinheiro não deu para fazer outra nova como era do seu desejo.

Daí surgiram dificuldades sérias. A família aumentava e Bastiana exigia cada vez mais, o que não estava na alçada do marido. Este não aguentou mais e desorientado deu em Sebastiana uma tremenda surra para valer e chegá-la ao uso da razão, o que acertou.

Hoje Bastiana está uma uva e em segunda lua de mel.

Assim, há mulheres que precisam apanhar para compreenderem as coisas, como no caso de Bastiana.

---O---

Neste mundo o homem vale pelo que tem.

Se não tiver dinheiro é uma sombra que caminha sem destino.

Poucas são as pessoas que conseguem se realizar devido a sua imprevidência.

Mas julgam-se com o direito ao que não lhes pertence, recorrendo com astúcia a empréstimos monetários para fazerem aventura em negócios duvidosos, e depois

pagarem se tudo correr bem, o que dificilmente acontece.

Outros pedem para pagar dentro de dois ou três meses; são fiadores que nada têm. Mas quase sempre dão dor de cabeça para se reaver o que se fez por favor.

---o---

Zeca já passou dos setenta anos. Tem muitos filhos e parentes que estão bem de vida.

Já, anos atrás, Zeca cobiçava minhas economias como se eu as tivesse feito para o bel prazer dele.

Certa vez, seu pai falou para você me emprestar dinheiro.

-Eu vou negociar e depois te pago com juros.

Bem, eu não tenho dinheiro para emprestar. Papai que disponha do que é dele não do que é meu.

-Tu és um merda. Tu não vales nada. Tu não és homem, não tem mulher.

Bem, cada um sabe de si e Deus de todos.

De quando em quando tenta tomar meu dinheiro.

Zeca ficou viúvo e casou-se com Yolanda, que o repudiou vindo ela a falecer pouco depois.

Ele casou-se pela terceira vez com uma viúva que tem dois filhos e desquitou-se dele por não poder mais aturá-lo.

Então, Zeca tornou a me procurar dizendo:

- Tu vai me emprestar dois milhões para eu pagar o desquite.

- Não, não pode ser.

- Mas tu tens dinheiro.

- Tenho sim, para atender as minhas necessidades.

- Mas, eu te pago com o tempo.

- Certo. É que eu posso precisar de um dia para outro e você não tem com que me pagar. E como eu vou me arranjar?

- Tu és um merda. Não vale nada.

Agora se amigou com uma mulher largada de um soldado de polícia. Apareceu um filho que se diz ser filho dela e fez vender um barracão para lhe dar o dinheiro.

Infeliz do homem que se deixa governar pela mulher

---O---

Candinha (L.S.B.) fez uma prova proforma de habilitação para ingressar na I. R. S., tendo por professor H. A., presidente da banca examinadora. Daí caiu de paraquedas na frente dos outros, graças à suja política B.F.

Escrevia porcamente à máquina. Não sabe redigir duas linhas e nem o emprego de “este” e “esse”, apesar de ter cursado bons colégios. Tudo o que faz é com rasura e mastigado, mesmo quando se trata de simples cópia, ela omite ou atrapalha o texto. É uma nulidade.

Quando morava na cidade falava tanto e tanto, que ficava com os olhos vidrados, escumando nos cantos da boca e de queixo caído.

Ela sabia tudo: segredos de alcova, namoros, vida privada, enfim, tudo, tudo o que se possa imaginar. O dia inteiro era pouco para ela falar da vida alheia. Dava até náuseas. Que horror!

Agora que está na roça, felizmente fala menos, mas vive chorando um telefone para saber o que se passa na casa do outros.

Candinha até os trinta anos de idade nunca soube o que foi ter uma dor de cabeça, por ter tido uma vida no *dolce far niente*.

Casou-se duas vezes; a primeira foi casada e a segunda casou.

O primeiro marido deu-lhe conforto, não tendo jamais trabalho ou contrariedades de espécie alguma.

Vivia em festas, bailes, teatros, etc, etc. Para ela, esse marido não foi bom. Não prestava.

Bom é o segundo com quem casou a muque, por ter duas casas e dinheiro e ela nada. Está comendo o pão que o diabo amassou com o rabo, mas este é o marido ideal.

Este cada vez mais miserável, tão miserável que é um pensionista dentro de sua própria casa. É um escravo do dinheiro.

Ela não nasceu para o batente, mas precisa trabalhar para manter a si e a casa também.

Ele não lhe dá a menor atenção.

Ela quis casar e tem que aguentar as consequências.

Vive alucinada pelo dinheiro. O que ganha é pouco para quem estava habituada a gastar à vontade, sem saber de onde saía. O do maridinho querido é dele, só dele, para guardar.

Quem compreende a mulher?

---O---

Fortunato me falou estar cheio com sua mulher (Candinha) e família e que iria morar na Colônia, na casa que comprou.

Mas, disse-lhe eu, a L. e o velho não querem vir por não gostarem de roça e se sentirem bem na cidade.

- Eles que fiquem lá. Eu quero é sossego e me sinto bem na roça.

Embora eles detestassem o campo, vieram de mansinho, “aonde vai a caçamba vai a corda”, disse Dona Rosa, mãe de Candinha, e esta, que não estava acostumada ao trabalho rude, começou logo a sofrer as consequências.

Encerar casa, tratar da horta, tirar leite de vaca, viagens constantes, a pé, à cidade e outros afazeres do-

mésticos, resultou em um atrito, que, quase a levou à sepultura.

A roça é muito boa, mas estraga e envelhece as mulheres depressa. Foi o que aconteceu à Candinha. Envelheceu dez anos em menos de dois.

---o---

Candinha fala o diabo do velho Locarino e que o mesmo a faz sofrer muito.

No entanto, esquece que seus dois filhos são educados e mantidos às expensas dele, e diz a todos com orgulho:

- *I figli sono miei - sono del mio sangue.*

(Os filhos são meus - são do meu sangue)

E se não fosse ele, os mil e poucos cruzeiros da Repartição não dariam para os meninos terem a vida de príncipes, que levam.

Várias vezes, antes dela recasar, Locarino disse a mim e ao Port. que aquela família lhe dava enorme despesa, por não fazerem nada e gostarem de passar do bom e do melhor.

Mesmo assim, depois, frequentemente, ia toda a família dela, composta de oito pessoas, inclusive a empregada, à casa do velho para almoçar ou jantar, como donos, o que fez o velho se revoltar e os pôs a correr.

Ela se esquece de que ao recasar deixou de ser da família e não usar mais o nome Locarino.

---o---

Falávamos sobre a eleição de Jussara “Miss Brasil”, quando Candinha diz:

- Jussara não é um tipo de beleza.

Eu: a senhora não deve dizer tamanha tolice. Se ela é “Miss Brasil” é por ter todos os requisitos exigidos.

Ela: - Mas não é tipo de beleza.

Eu:

- Tanto tem o tipo que é “Miss Brasil”, título que lhe foi conferido por um júri.

Ela:

- Não é bonita. Não é. Não é. O papai falou... E começou a chorar.

De quando em quando temos cenas como esta: papai falou, mamãe falou.

Não tendo opinião própria, só diz tolices, e quando é contrariada põe-se a chorar.

---O---

Conversando sobre lareiras por estar frio, eu disse que, por ser o nosso clima muito variável, talvez o calor artificial não nos fizesse bem.

Candinha: - Os meus pais, na Itália, sempre tiveram lareira e nunca se sentiram mal.

Eu:

- O que a senhora diz é na Itália, onde o clima não sofre as irregularidades do nosso clima Barbacenense.

É digna de lástima por não ter noção das coisas.

---O---

Candinha diz que teria vontade de comprar alguns enxertos de roseiras, mas que não tem lugar para plantá-los em frente da casa.

A senhora deve plantá-los na horta, digo-lhe.

- Na horta não; lá ninguém vê.

Pois, eu, planto para o meu agrado e não para os outros verem.

Para ela só têm valor as aparências, quem tem posição e principalmente quem tem dinheiro, e como ela perdeu tudo isso, sofre horrivelmente.

---O---

Em 1951, eu, Diva, Irene e Laura fizemos um pedido de sementes de hortaliças à Casa Costal e bem assim de um “Guia do Horticultor”, com exceção de Laura que

não quis porque o Fortunato não precisava de instruções para o tal cultivo.

Logo que as sementes chegaram, fui à casa de Candinha leva-las. Assim que as recebeu correu para entregá-las ao Fortunato, dizendo-lhe:

- Olha a tua mulherzinha como é boa, comprou para você estas sementes.

Ele:

- Não Laura, não. As sementes são para você mesmo. Você é quem vai semeá-las e tratá-las.

Laura com cara de choro: - Eu posso semeá-las, mas você tem de preparar a terra.

Ele:

- Sim, eu preparo a terra, mas o resto é com você.

Agora, 1952, ela faz novo pedido de sementes e pede também, um “Guia do Horticultor”.

Por que não o fez antes?

---O---

Em 1952 - Carnaval. Candinha com voz chorosa fala sobre o carnaval e eu maldosamente: pois é, se a senhora ainda fosse viúva, iria dançar no Clube Barbacenenense com o velho Locário.

- Com ele não. Eu ia era com D. Cecilia...

Está certo. E D. Cecilia com quem vai? Não era com ele?

Ela fala muito mal do velho, mas percebe-se que sente saudades dele que a levava por toda parte e considerá-la como filha por ser a mãe dos seus dois netos.

Vive angustiada porque o maridinho ideal não a leva em parte alguma.

Está enterrada e sofre com razão.

---O---

Eu ao Fortunato:

- Então você ganhou uma caneta tinteiro “Parker”, da mulherzinha, hein seu felizardo?

Ele:

- Eu não pedi nada. Ela deu porque quis.

Laura:

- Candinha diz ser casamenteira, talvez por casar duas vezes. Uma ela foi casada e na outra casou.

Pireni sua amiga de Juiz de Fora ia se unir em matrimônio com aquele que se casou com a segunda filha do Dr. Isidoro, mas tendo ele amante, não quis.

Mas Pireni casou-se com o seu amigo de colégio, Rogério Campi, que tinha amante na sua própria casa, por arranjo de sua amiga Laura!

Seu filho Orestino já teve duas namoradas, uma em Goiás e a outra aqui, que ela as fez deixar por serem pobres e não terem posição social elevada.

Agora Renato namora uma cearense, filha de mulata com grego, comerciante rico.

Esta ele faz gosto porque os pais têm dinheiro. Por aí se vê que Candinha sofre as consequências de uma educação defeituosa e a transmite aos filhos.

Por ter mania de grandeza, Orestes está cheio de dívidas e em situação desesperadora.

Queixando-se de estar muito endividado fiz ver que podia arranjar emprego para seus filhos o que viria auxiliá-lo nas suas dificuldades.

Ele:

- Não. Não. Eu quero coisa melhor de empreguinho para meus filhos.

Eu:

- Ora, você dando a eles o curso ginásial, dá de mais.

Ele:

- O que! Eu quero que eles entrem para o serviço público por cima. Você vai ver. Você vai ver...

Eu:

-Mas você está em condições de lhes dar um curso superior?

Ele:

- Hei de conseguir de qualquer jeito. Deixarei de pagar todo mundo, mas os meus filhos serão formados de qualquer jeito. Você vai ver. Você vai ver.

Sabe-se que vários comerciantes já lhe cortaram os fornecimentos de gêneros alimentícios por falta de pagamento, os quais ele ainda tem a coragem de difamar.

É um infeliz por querer o que não está dentro de suas possibilidades.

---o---

Fui fazer uma visita à D. Lina que estava doente.

Pouco depois, vi pela greta da porta, entrar Valentim. Tininha avançou para ele como uma fera, pegando-o pelas abas do paletó e sacudindo-o, disse-lhe:

- O que você está pensando? Você tem de fazer o que eu quiser, senão você vai ver o que acontece... Ela disse o diabo e ele nada.

Dona Lina que, também, ouviu tudo, me disse:

- Clariano, ela faz dele o que quer. Nunca vi um homem tão bobo! Veja você a que ponto ela chegou! Chega a dizer que eu e o Tatão somos dois precipícios por sermos velhos e estarmos dando trabalho, nos deseja a morte.

Quanta ingratidão. Nós que fizemos tudo por ela. Quanto sofrimento nesta vida!

O mundo é assim: quem cria víboras tem de ser mordido por elas, fatalmente.

---o---

Na casa de D. Lina eu era considerado como filho por dotar a amizade de nossas famílias, desde quando morávamos onde hoje é a Padaria Santa Terezinha, sendo meu mano Guido, seu afilhado.

D. Lina casou-se com Tatão contra a vontade da família dele por ser ela escura. Era analfabeta, espírita, cartomante, macumbeira, etc.

Sua casa anda sempre cheia de gente de todas as classes sociais para consultar.

Dizia ser médium vidente e ter como guia (anjo-da-guarda), uma moça loira, de cabelos compridos, pintora e se chamar Clarice.

Tatão pôs fora tudo o que tinha, com mulheres. Era carpinteiro e vivia no que era de D. Lina.

Não tinham filhos, mas adotaram entre outros, Trajano, Felício e Tininha, esta filha natural do Dico, irmão do Tatão.

Dona Lina me propôs casamento com Tininha dizendo ter duas casas e mais de vinte contos no banco rendendo juros. Nunca gostei da Tininha para casar.

Não era o meu tipo, mas disse-lhe ser ainda moço, ganhar pouco e que se estivéssemos destinados por Deus, tudo daria certo, pois do destino ninguém foge.

Ela achou que eu tinha razão e não se falou mais nisso.

Depois quis casá-la com Fortunato, por lhe ter dito uma cigana que ela se casaria com um estrangeiro.

Finalmente casou-se com Valentin que se vê no inferno com ela.

D. Lina me convidou para assistir sessões do seu centro espírita.

Comecei, então, a frequentar por curiosidade às sessões Kardecistas.

Lá compareciam o mestre Viana, Quinha, Luiza, Luiz e Waldemar Costa, Mário Nunes, Dulce, a mulher do Paulino Mendes e suas três filhas, os Bortolus, José Franco e família, Fortunato e muitos outros.

Depois da prece de Caritas, Pai Nosso etc. D. Lina, médium vidente, recebia o protetor do Centro, Bezerra de Meneses, que dizia:

- A paz de Deus esteja convosco, meus irmãos. Irmãos preparai os corações para receber as bênçãos de Deus e aí os trabalhos se iniciavam.

Quase sempre quem presidia era Tatão, ateu, maçom, e de pouca cultura.

Se aparecia um espírito encabulado, Tatão lhe dizia:

- Vamos, fale? Se não quer falar, vai embora.

Pouca coisa aproveitava-se num ambiente de tão pouca cultura.

Petita, sobrinha de Tatão, pequena namoradeira e falada, era um dos médiuns. Certo dia baixou um espírito dizendo ser Santa Izabel e disse um punhado de asneiras próprias da sensualidade do médium, chegando até a me dizer, na mesa: (eu estava em frente):

- Deixa eu abençoar este irmão de cabelo tão loiro.

Depois, comentando o fato eu disse:

- O espírito que baixou não pode ser o de Santa Izabel. Fomos ludibriados...

Por que?

Se um espírito de luz como o de Santa Izabel, pudesse abaixar no nosso Centro, cairíamos fulminados pela luz, como aconteceu a Saulo de Tarso, na estrada de Damasco. Nós ainda somos muito materialistas para isso...

D. Lina, então disse:

- De fato, em Petita há mais matéria do que espírito.

Na sessão seguinte Petita iria receber Santa Terezinha. Deixei de ir para não me aborrecer com mais besteiras.

Dias depois, Petita e suas duas irmãs foram encontradas nuas com uns rapazes, no matinho, nos fundos da Pecuária. O escândalo foi grande e Paulino Mendes, pai delas, de vergonha, mudou-se com a família para Belo Horizonte.

---o---

Dulce foi corrida da sociedade por ter feito intrigas entre as Braguinhas e as Moreiras e refugiou-se na casa de D. Lina.

Aí arranjou seu casamento com Waldemar, que não deu certo, embora o mesmo tivesse sido feito pelos espíritos do além.

Dico seduziu Maria e fez nela três filhos e depois a desamparou. Ela antes de desencarnar rogou-lhe uma praga de que deveria se consumir como o azeite da lâmparina. E fugiu assim que ele acabou.

Muitos anos depois, no centro espírita de D. Lina eles baixaram.

Dico, espírito cheio de luz e Maria, espírito sofredor. Ora, se ela era um espírito sofredor, ele deveria ser muito mais por ter desencaminhado uma moça de boa família e a abandonada com as suas três filhas.

É que ele era parente do médium, daí a luz.

Coisas de espiritismo que não me convenceram.

---o---

Olga é uma moça interessante, chegando até a me despertar certa curiosidade. É noiva do amigo Silvio a quem namora desde os tempos de grupo escolar.

Não sei por que, coisas de moças, Olga me ofereceu um convite para um baile no clube, com a condição de dançar par constante com ela.

- Mas Olga, você se esquece do Silvio? Não se incomoda com ele?

Vou lhe dizer que estou muito cansado e que não irei ao baile para ir domingo cedo à missa.

- Olga veja bem o que você vai fazer! Você é noiva dele e não fica bem fazer o que tem em vista.

- Ora, deixa de se preocupar com o Silvio. Só se você não quiser.

- Quero... Quero... Mas...

- Bem, está combinado. Toma o convite e já sabe: par constante comigo.

- Está bem, Obrigado.

Quando cheguei ao clube lá estava ela, toda cor de rosa, linda como uma madame dançando com o Silvio.

Achei graça e fiquei contente de me ver livre num meio tão rico de belezas femininas e de pertencer a todas, quando ela queria fazer-me joguete de um capricho.

E que sofrimento não seria o meu se ela tivesse conseguido o que desejava.

No outro dia, Olga toda atrapalhada veio se desculpar. Disse-me que tinha combinado com o Silvio de não irem ao baile, mas que quando lá chegou o encontrou de cara feia, e que lhe disse asperamente:

- Com que ordem você veio ao baile? Ao que ela respondeu:

- Eu vim ao baile com as mesmas ordens que você veio.

Dançaram par constante todo o baile, mas não se deram uma palavra.

Para os dois, o baile deve ter sido bem aborrecido, mas para mim foi mais do que bom; ótimo.

---O---

Perguntei ao Sr. Raimundo Cavalcanti se era da família dos “Cavalcantis” de Pernambuco.

- Sim, respondeu ele com entusiasmo. Minha família é de lá.

- Então é verdade isso aqui?

Apresentei-lhe o livro “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freire, 3ª edição, aberto à página nº 189, onde ele leu em voz alta: “... Palavras do povo: Não há Wanderley que não beba; Albuquerque que não minta; Cavalcanti que não deva; nem Souza Leão ou Carneiro, da linha, que não goste de negra”.

Seu Raimundo ficou vermelho feito uma brasa e me entregou o livro fechado dizendo irritado:

- Joga fora este livro. Esse sujeito é doido.

- Seu Cavalcanti, se ele é doido não sei. Só sei que é um sociólogo de valor.

- Você acredita nisso... Ele é um caluniador. Você não deve perder tempo em ler essas coisas.

- Não é preciso ficar zangado. Perdoe-me se o ofendi sem querer e não falemos mais nisso.

Se os “Cavalcantis” de Pernambuco têm horror de pagar dívidas não posso afirmar, mas o certo é que o Sr. Raimundo Cavalcanti deixou Barbacena devendo a muita gente.

- Será mal de família?

---O---

Renato chega em casa, depois do serviço, antes da seis, embora o pudesse fazer mais cedo, mas como tem encontro com a turma, demora.

Certo dia deu sete, oito horas e nada dele chegar. A sua mulher Judite começou a ficar inquieta e a pensar coisas ruins. Eu lhe disse que talvez ele tivesse ido ao cinema.

O tempo foi passando. Dez... Onze horas e nem sinal. Lá longe um cão uivou.

E ela:

- O Renato não vem. Aconteceu alguma coisa com ele!

Eu vou falar com o Guido para ir procurá-lo com o caminhão.

Fiquei, então, apreensivo, pois a segunda seção do cinema havia acabado e não tinha motivo nenhum para tal demora.

Para agravar a situação a coruja cantou.

Judite angustiada disse:

- O Renato morreu...

- Qual nada. Retruquei. Se tivesse acontecido alguma coisa com ele, nós já teríamos notícias.

Finalmente era quase meia noite quando ele chegou.

Ficara passeando com um grupo de amigos.

Tudo acabou bem embora nos tivesse inspirado alguns cuidados.

---o---

Oswaldo deixava a mulher em casa sozinha, até altas horas da noite.

Ela estava grávida e certa noite, seriam quase onze horas, quando começou a sentir as dores do parto.

Estando só, ficou desorientada; pôs-se a gritar pedindo socorro.

Felizmente, Maurinho, seu vizinho, estava chegando da escola, ouviu e ela foi atendida pela família dele, no que era necessário à *délivrance*.

De madrugada, quando chegou, encontrou gente nova em casa e tudo resolvido, graças à generosidade de boas almas.

Envergonhado, derramou lágrimas, mas não se emendou.

Tempos depois passou a morar na cidade, a fim de poder, como o irmão, ficar mais perto dos botequins.

A família aumenta e as dificuldades de vida também.

Está cheio de dívidas. A coisa está ruim. Não está dando nem para a cachaça.

Sofrem a mulher e os filhos. Vai voltar a residir em sua casa para ver se melhora de vida.

---O---

Dá tristeza de se ver a decadência da casa onde viveu o viúvo Bortolus.

Quando vovô era vivo, tinha sempre uma dezena de cabeças de gado. Os pastos sempre cuidados. Produzia milho, feijão, cereais, até para vender. Possuía uma boa horta e uma excelente chácara, as quais davam renda. Fazia vinho de uvas; uma centena de galinhas, porcos no chiqueiro...

Nesse ambiente de fartura, graças ao trabalho organizado, sem sair de casa mantinha a família, casou todos os filhos e ao morrer deixou tudo em ordem.

Como seu herdeiro, ficou o filho mais moço, casado, com alguns filhos.

Daí para frente tudo foi decaindo, até entrar em colapso após a morte da esposa do tio Faustino.

Este, viúvo, e mais quatro filhos homens, nada querem saber com o trabalho na terra. Eles dizem que não adianta trabalhar. Ser melhor comprar, dar prejuízo... E assim a lavoura foi abandonada, o pomar está em ruínas, a horta quase desapareceu e o gado foi vendido para não terem trabalho.

Comem mal, mas bebem muito bem.

Não comem jiló por ser amargoso, quiabo é baboso, repolho tem gosto esquisito, sopa é lavagem, abacate parece bosta de bezerrinho, salada é comida de coelhos. E assim por diante.

Tio Faustino me diz que a não ser Lilin, os outros filhos não querem nada com o trabalho em casa. E ele está ficando velho, doente e sem forças para lidar com tudo, deixando quase tudo para fazer.

E será o que Deus quiser.

---O---

Carminha se diz zangada porque os seus cunhados, no Natal, embriagaram as suas crianças.

Beberam 15 litros de vinho, 12 bramas, um engradado de guaraná e mais outras coisas, inclusive três litros de cachaça. Tudo daria para eles tomarem um banho de assento, e que seria, talvez, mais proveitoso.

---O---

Eliza ficou viúva quando não tinha ainda quarenta anos.

Os dois filhos dela não viam com bons olhos os namoros de sua mãe, pensando que ela poderia casar-se novamente, em prejuízo deles, visando os bens deixados pelo seu pai.

E ela:

- Quem disse que eu quero tornar a me casar? Eu quero é me amigar. Nada de compromissos.

Ela tem razão. Quem morreu foi ele, mas ela está viva, vivíssima.

---O---

Casar é bom. É uma necessidade, embora eu esteja solteiro.

O casal deve ter filhos para solidificar a união. Um é pouco, dois é bom e três é demais.

Aqui em casa os dois primeiros foram bons, mas o terceiro veio confirmar a regra. Mas eu, o tio coruja, gosta dele e muito e não acho que seja demais.

Serginho é mais arteiro do que Ernesto e Rute, juntos.

Mexe e estraga tudo que estiver ao seu alcance. É apoiado por sua mãe que diz:

- O que tem... Enquanto ele estiver fazendo isso a gente fica sossegada.

Assim quebra as penas dos espanadores, a mola do fogão a gás, fez um buraco no sofá com um tição de lenha, partiu a roda da máquina de costura e inutilizou vários outros objetos de uso.

A quem não tem filhos, o diabo dá sobrinho.

Apesar de tudo, meus sobrinhos estão integrados na minha vida, gosto deles. E como sou corujão...

---O---

Serginho com os seus três anos e pouco de idade fala tanto de dar dor de cabeça e quando não tem ninguém para chatear, fala sozinho.

Numa tarde bronzeada de agosto ele me diz:

- Olha tio, a luz do céu acendeu! O sol está me machucando, em vez de queimando.

Quando ele está cheio de qualquer gulodice diz:

- Não quero mais, minha boca está cansada.

De vez em quando o Serginho mija na cama. E, então, a gente diz: Choveu na cama porque o Sergio não fechou a torneira. Mas numa manhã ele levanta e vê uma forte chuva. Admirado diz:

- Hi! Molhou tudo. Que bruta torneira tem o Pai do Céu!

---O---

Rutinha está no pré-primário. Pede ao pai para lhe comprar uma merendeira e se compromete de pagá-la

aos poucos, conforme for ganhando dinheiro. Mas se o pai não puder comprá-la, talvez, o tio no dia de seus anos lhe dê uma de presente.

Um pedido assim feito, é logo atendido, como o foi.

O pai lhe diz não ser preciso pagar nada, mas que espera que ela seja estudiosa, obediente e boa menina, como todos desejamos.

---O---

O Sr. Violetti veio da Itália para o Brasil ainda menino e aqui em Barbacena sempre morou, onde se casou, tendo muitos filhos e alguns netos.

Em 1942, estando o Brasil em guerra com a Itália, todo o italianismo passou a ser considerado quinta coluna, principalmente, os que tinham boa aparência e possuíam bens.

Sr. Violetti foi pagar impostos na Prefeitura e lá, um funcionário, em dado momento, o chamou de quinta coluna.

- Olha aqui?

Diz o seu Violetti.

- Toma...

E deu-lhe uma banana daquelas...

- Eu, quinta coluna? Eu sou mais brasileiro do que o Dr. Bias Fortes. Fique você sabendo que antes dele nascer eu fui acompanhar o Imperador Pedro II à estação de Sanatório, com banda de música. Agora você vai me dizer: Quem é mais brasileiro, eu ou você?

Não teve resposta.

---O---

João casou-se com Rosa por compaixão, quando devia ver que ela era uma idiota e, por isso, é um infeliz.

Um dia João perguntou a sua cunhada se tinha lhe tirado uma nota de duzentos cruzeiros, que deixou dentro da carteira na gaveta da mesa do seu quarto.

- Não, respondeu ela.

- Pergunte a Rosa que, talvez, tenha tirado porque saiu e fez algumas compras.

- Rosa, você tirou duzentos cruzeiros da minha carteira?

- Não. Eu só tirei dois cruzeiros e comprei uma revista "O Cruzeiro", uma caixa de pó de arroz "Royal Briar" e dois pacotes de balas para as crianças, e o troco que sobrou está lá...

- Bobinha, então dois cruzeiros dava para tudo isto e ainda sobrar dinheiro?

- Então não. É só ver o troco.

João foi ver e encontrou cento e setenta e tantos cruzeiros.

Infelizes dos homens que se deixam dominar pelo sentimento de pena, porque pena é fraqueza e os fracos não vencem e cada vez mais se atolam nas misérias humanas de onde não podem mais sair.

---O---

Com o salário família concedido para cuidar "da subsistência e educação dos dependentes" e o aumento de quinhentos cruzeiros mensais, alguns trabalhadores foram aumentados nos seus vencimentos em mais de 600% (seiscentos por cento).

Apesar de ganharem bem, esses homens continuavam andando descalços ou de tamancos, com aquela roupa esfarrapada ou remendada de outros tempos e a família naquilo de sempre, na miséria.

Os filhos não são mandados à escola. No frio vivem tremendo por falta de agasalho e não sabem o que é um calçado.

A subnutrição é um fato consumado.

Como é que esses pais podem dar aos filhos o que nunca tiveram: educação e civilização?

Os tais aumentos serviram apenas para incentivar uns tantos vícios encubados dentre eles as bebedeiras, jogatinas, caçadas e pescarias, sendo estas duas últimas não ficam em menos de cem cruzeiros cada uma conforme eles dizem.

Ignorantes e não sabendo empregar o dinheiro em coisas de utilidade para si e sua família, gastam em banalidades o que os fazem cada vez mais escravos de costumes perniciosos não só a si como ao meio em que vivem.

Os homens pobres de espírito como esses, destituídos, quase sempre, do sentimento da beleza e da gratidão, tornam-se prejudiciais não só a si como também às coisas públicas, por serem sórdidos e rotineiros tendo em sua maioria deixado de cumprir com os seus deveres e ficaram ociosos, estúpidos e indesejáveis.

Basta dizer que um desses chegou a dizer a uma filha que lhe pediu dinheiro para comprar mais um caderno e um lápis, que se continuasse assim, seria obrigado a tirá-la do Grupo Escolar, por estar gastando muito.

Outro mandou fazer permanente no cabelo no de uma filhinha de 9 anos e noutra de 6 anos, ficando essas em sessenta cruzeiros.

Para melhorar essa gente é preciso criar escolas, muitas escolas e tornar o ensino primário e profissional gratuito e obrigatório.

---O---

No Banco do Brasil, estava na fila, em minha frente, um homem com uma camisa espalhafatosa, cordão ao pescoço, pulseira, relógio de pulso, óculos marrom e uma bolsinha no dedo. Ao chegar no guichê perguntou se o 14º salário tinha chegado.

- Não.

Saiu resmungando.

O Brasil é o paraíso dessa gente. Quando trabalham 12 meses recebem 16; e “a coisa está prá nós”, dizem eles.

---o---

Uma partida de futebol na roça. Os clubes não têm nomes. O campo não é campo. Os jogadores não são jogadores.

Começa o jogo e vai até o fim do primeiro tempo frouxo. Falta energia. Falta gasolina, pouco entusiasmo: 2x2.

Antes do segundo tempo os jogadores bebem pinga para animar.

Começa a chover e vai dar início a peleja do tempo quente.

Marcos diz ver duas bolas e não uma e marca mais um gol.

Zé vai chutar um fáu. Chuta mole. É vaiado.

Juca, então, joga a bola e diz:

- Toma, você chutou mal, chute de novo. Vaia...

Sobe a raiva, mas controla e espera outra oportunidade.

Insultos e mais insultos e os jogadores vêm várias bolas e chutam pernas, bundas, canelas e tudo o que encontram.

As provocações continuam e daí a pouco chove pedras de todos os lados.

O juiz ganha uma bolada na barriga, passa mal e fica satisfeito.

Zezé leva uma pedrada na cara e o melado escorre. Tomado de raiva grita:

- Filho da puta, desgraçado, cachorro. Eu te des-tripo. E salta feito uma fera no que lhe atirou a pedra,

derrubando-o no chão, onde lhe montou a cavalo e estava tirando a desforra.

Nisso outro jogador saca de uma faca enferrujada para defender quem estava servindo de cavalo, quando ouve:

- Pára lá moço, nem um passo mais, senão eu te esmago a cabeça com esta pedra.

- Mas eu preciso defender meu irmão que está sendo macetado.

- Bem, vamos separá-los e não matá-los.

Mais adiante, Guido que recebera um cascalho atrás da orelha, estava dando murros em Candian que ficou em posição inferior, quando chega Tininho e lhe diz:

- Guido chega, vamos parar. Ele já apanhou que chega.

Duduque deu uma formidável gravata noutro por tê-lo insultado e chamado de turco, o qual, exaltado lhe diz:

- Se você quiser brigar comigo vai aprender, porque eu sou moleque de rua.

O dono do terreno horrorizado diz que vai passar o arado no campo e plantar para não ver mais brigas, porque toda vez é sempre assim.

Depois veio o tempo frio e tudo acabou bem, apesar de algumas brechas, algum sangue derramado e algumas manchas roxas.

E para selar o jogo amistoso bebem todos um litro de conhaque, oferecido como prova de gratidão, pelo maior provocador do barulho, o qual, muito apanhou e ficou bem ferido.

---O---

A tal Mãe d'Água além de analfabeta é tarada.

Foi tirar o título de eleitora e verificou que lhe omitiram o nome “Natividade”, o qual não constava na sua certidão de casamento.

- Prá que fizeram isso. Santo Deus!

- Eu, disse ela, sou da terra. Onde é que se viu me tirarem “Natividade”, a quem é da terra?

- Eu sou daquela gente que vem com o Cabral até ali no cruzeiro.

Falou tanto... Tanto... E, de raiva, não votou.

- Vocês sabiam que Pedro Alvares Cabral passou por Barbacena pelo Cruzeiro do Monte Mario?

- Não.

Interessante só mesmo a “Natividade”, filha da terra, é que sabe dessas coisas, que a história não conta.

---o---

O maior desejo de uma mulher é casar-se, lançando para isso, mão de todos os recursos de que dispõe para que o homem escolhido lhe caia na rede e, aí, então, dominá-lo a seu bel prazer.

E. quis tentar comigo, mas falhou como se pode ver.

Conversa entre as filhas do seu Júlio e eu.

- E. me perguntou se eu ia dançar no “Clube Barbacenense”, na festa de formatura dos alunos da Escola Agrícola.

- Estou com vontade. Vou ver se consigo um convite.

- Se você quiser, diz G., eu peço a Viglioni um convite para você, pois tenho de telefonar a ele e assim aproveito a oportunidade.

- De acordo. ótimo. Desde já lhe fico agradecido.

Dois dias depois.

- G. você telefonou a Viglioni?

- Telefonei sim. Ele me disse que não pode arranjar o convite para você, porque o número deles é limitado, mas que você pode ir conosco.

- Sim, diz E., ele veio aqui em casa para trazer o nosso convite e disse que o mesmo era extensivo ao noivo da princesa.

- Quer dizer, então, que eu não vou ao baile por não ter convite?

- Ora, você está se fazendo de desentendido, responde E. corando...

- Pelo contrário. Na conversa da Fazenda da Bor-da, você era a princesa, Viglioni o príncipe, e eu cachorrinho de estimação. Logo, o príncipe é ele com quem você deve ir ao baile e, eu, o cachorrinho, fico em casa por não ter ingresso.

- Aquilo foi uma brincadeira e nada mais.

- Não sei por que você não quer ir com a gente!

- Não vou com vocês por não pertencer à família J. F. e não gostar de ir no bolo, por favor.

- Você não quer compreender as coisas e não vejo nada de mais...

Nisto a mãe dela entrou com o café e a conversa tomou outro rumo.

- Poderia ter arranjado com facilidade um convite e ter ido ao baile, mas não fui para não dizer desaforos e umas tantas verdades a elas e não parecer indelicado.

Na semana seguinte Viglioni e um grupo de alunos da escola visitaram a Inspetoria tendo eu sido incumbido de acompanhá-los.

Em conversa Viglioni me perguntou por que é que eu não tinha ido ao baile de formatura deles.

- Vontade eu tive, mas como você disse às filhas do seu Júlio que o numero de convites era limitado, não fiz força para não ser um intruso e um indesejável.

- Isso não é verdade, pois os convites até sobram. O seu nome foi lembrado e não sei por que o seu convite não foi expedido.

- Não faz mal, ficará para outra vez.

- Você deveria ter ido mesmo sem convite, porque entraria da mesma forma.

- Obrigado Viglioni. Não tinha de ser.

- Bem, isso é outro caso.

E foi assim que ela teve o desprazer de não ver o suposto namoro comigo oficializado, apesar de ter planejado um belo truque que não podia dar resultado por estar eu de atalaia, gostar de andar de cabeça erguida, pensar alto e dispensar tais honras.

---O---

Da Inspetoria, os quais lhes deram uma existência gloriosa de mais de 40 anos, destacaram-se: Edgard, Tunin, Silvio Gomes, Fortunato, Juvenal e muitos outros, que não foram recompensados, como deveriam ser, pela dedicação a sua pessoa e ao serviço público, mas que ficaram magoados para sempre, com seu estimado chefe, Savassi, pela sua negra ingratidão.

Savassi dizia para ser ouvido por todos:

- Isto aqui é meu. Vocês têm que fazer o que eu mandar. E se não fizerem podem ir embora. Nada de leis, regulamentos.

Quantas arbitrariedades, quantas injustiças tivemos de sofrer calados.

Ele era obedecido por estar com as costas quentes pela imunda política, que o protegia. Santo Deus! Quanta paciência!

O tempo foi passando e as coisas mudaram muito.

Ah! Os doutores que ele, Savassi, tanto beneficiou!

A eles nossa gratidão pelo bem que prestaram, destruindo aos poucos, as farsas do chefe do núcleo de eleitores desta “suja, muita suja política de Barbacena”.

E ele que se dizia senhor vitalício da fazendinha (I.R.S.). Acabou por ser aposentado a bem de todos os que lá serviam. Foi um desabafo.

Mas, mesmo assim, era boníssima alma para alguns, donde se vê que ele tinha duas personalidades bem distintas, até desconhecidas dos seus familiares.

E agora, que está tudo consumado, procuremos esquecer o triste passado, embora a provação tenha sido bem pesada para alguns.

---O---

Um certo senhor galo resolveu fazer uma visita ao terreiro vizinho, onde foi bem recebido por uma bela senhora em quem mandou logo brasa.

O dono do tal terreiro estava um pouco afastado atendendo as suas comadres. Assim que viu o penetra, atirou-se sobre ele e brigaram a valer.

Foram apartados por uma matrona de pescoço pelado.

O indesejável que se intrometera onde não fora chamado, deu o fora rapidamente.

E a paz voltou a reinar para o bem de todos.

---O---

Doutor Bonzo é um cachorro cumpridor das suas obrigações.

Além de ser um bom guarda caseiro, não se esquece dos seus deveres para com certas comadres de suas relações, visitando-as discretamente para ver se estão precisando dos seus préstimos.

Assim ele vai levando a sua vida de cachorro.

---O---

Em frente à “Brasileira” estavam passando duas velhotas não favorecidas pela natureza. Feias.

Um cambista, então começou a sacudir bilhetes de loteria, e a gritar:

- Olha a vaca... Olha o jacaré...

As duas coroas fuzilaram com seus olhares o atrevido que menosprezava suas tristes infelicidades.

---O---

Aos 66 anos de idade, falece Valentim Prenassi, servidor aposentado da I. R. Sericicultura.

Em 1972 foi reeleito vereador com 1.472, o mais votado do P.S.D.

Como vereador foi encarregado da construção de obras da Prefeitura de Barbacena, como a Rodoviária, o Parque de Exposição e muitas outras que se encontram na cidade.

Pertenceu a várias sociedades e prestava serviços a todos sem distinção de política, credos, classes, sentindo-se bem quando podia ser útil.

A missa de corpo presente, rezada na igreja da Boa Morte, foi rezada por três vigários: Padre José Alvim Barroso, da Paróquia de N. S. da Piedade, Padre Venâncio Leandro de Carvalho, da Paróquia de S. Sebastião e Padre José Eudes de Carvalho Araújo, da Paróquia de Santo Antônio.

Compareceu numerosa assistência.

Esteve também presente a Banda de Música do 9º Batalhão.

---O---

Humberto Pazutti deixou este mundo um pouco antes do Valentim.

Valentim um certo dia apareceu na repartição com um isqueiro que despertou a atenção dos seus colegas de serviço por sua originalidade.

Ele informou tê-lo comprado na Farmácia Santa Terezinha e que estava sendo vendido às escondidas, tendo poucos de sobra.

Pazutti não se conteve.

Saiu de mansinho, pediu licença ao Savassi e foi à cidade a fim de ter um isqueiro igual ao que tinha visto.

Na farmácia, foi atendido pela Doutora Altair, velha, magra, dentuça e muito malcriada que lhe disse:

- O senhor está doido. Aqui só vendemos artigos farmacêuticos.

Ele insistiu e ela lhe passou asperamente uma tremenda descompostura.

Pazutti ao voltar contou o que lhe acontecera.

Os colegas riram a valer da sua ingenuidade, por ter acreditado na brincadeira do Valentim.

---o---

Outra do Pazutti:

Pazutti disse que metia na mulher com camisa de vênus para não pegar mais filhos, mas que não adiantava nada por ter ela tomado barriga assim mesmo.

Santa ignorância! Ele fodia a mulher com preservativo, mas os sócios na firma do amor, não.

Dá para compreender?

---o---

Um certo frango, raquítico, meio depenado, parecendo com um urubu, estava a sós com uma linda franguinha, que simpatizando com ele tomou posição. Ele abriu uma asa, fez roda lentamente, mas não teve forças de trepar e mandar brasa. Devido ao estado de fraqueza em que se encontrava. Coitado!

---o---

Este fato me fez lembrar que, quando levamos uma vaca no posto de criação para o cruzamento, havia

touros incapazes de dar a devida trepada para tal fim, mesmo sendo incitados.

Funcionários públicos?

---o---

Brasil.- Brasil... Brasil...

Brasil - Paraíso Terrestre.

Brasil - País do Futuro.

Brasil - Terra da Promissão.

Brasil - Celeiro do Mundo.

Brasil - Pátria do Evangelho.

Como são belas essas coisas criadas pela imaginação.

Acontece que no Brasil, com:

As três raças tristes: o negro escravizado; o índio em sua condição de desajuste e inferioridade e o branco frustrado em suas saudades e sonhos de grandeza irrealizados na terra Natal.

Assim, o negro escravizado, o índio privado de autonomia sobre a terra de origem e o português profundamente impregnado do espírito mouro, canalizaram suas tendências consolidando a atitude acomodatória do brasileiro. Simultaneamente afirmando que Deus é brasileiro.

E mais:

- O negro infeliz, o português degredado e o índio primitivo sofreram sempre o complexo de serem marginais da sociedade vitoriosa de seus irmãos terrenos, que os consideram primitivos.

Sub-raças nativas e outras coisas mais tristes.

Mas... O gigante que está "deitado eternamente em berço esplêndido" fatalmente deixará sua atitude acomodatória, acordará quando chegar a hora.

E com grande esforço suor e lágrimas encontraremos nossa redenção.

---O---

O brasileiro oriundo de índio, português e negro, “três raças tristes”, não gosta de trabalhar. Daí só pensa em férias, férias e mais férias.

O Brasil é o país do mundo que tem mais feriados e dias santos. (ONU: não contando os pontos facultativos, que não são poucos).

O carioca bem o representa.

Ele só se preocupa com fins de semana, passeios, praias, futebol, carnaval, umbanda, gandaia...

Quando se dá um feriado no meio da semana, ele é prorrogado até o fim da mesma.

Assim é pelo Natal, Carnaval, Semana Santa e outros mais. Não sei como é que ele pode tirar tantas férias.

---O---

A Rádio Globo, fofoqueira, dá notícias.

A constituição do novo Estado do Rio de Janeiro foi promulgada em 23.07.1975. Trabalharam os Deputados 20 dias para a sua organização. Um deles fez uma petição para dar a eles Deputados, oito dias de férias pelo esforço despendido.

Um outro Deputado apresentou uma petição para que quando houvesse um feriado num domingo, fosse o mesmo gozado num dia útil da semana.

Custa crer que assim seja.

---O---

Marcos Cavalcanti escreveu:

“... Temas como a desgraça das pessoas de famílias inteiras apresentando heróis sem caráter, pessoas de mau caráter, meninas que se desencaminham, mulheres que se deixam levar por amantes e trocam os legítimos esposos, pessoas que só pensam no dinheiro e na possibilidade de ascender ao poder político e as altas posições sociais, enfim a miséria humana, retratada do brasileiro”.

Na revista "O Cruzeiro", David Nasser disse:

- O brasileiro só gosta da desgraça alheia. É sádico por natureza.

E assim:

- O grande público classe "C" delira de satisfação sádico masoquista com tais xaropadas que, lamentavelmente, o desmoraliza. (Apla - João da Ega - Lar Católico).

Dina Sfat, disse:

- Os valores estão desmoronados
- Os princípios desmoralizados
- Os meios desmascarados
- Os fins apodrecidos.

Gilson Amado:

- O Brasil será o que a televisão quiser. E garanto que o que ela quer não é nada bom.

---O---

Em 19.09.1977, em Brasília, o Senado parou para receber Zico, chutador de bolas e canelas que ali foi a fim de pedir favores pra si e seus colegas.

Esses políticos se preocupam com jogadores de bolas e se esquecem de problemas graves que afetam o povo brasileiro.

Não é para a gente se envergonhar com esse Senado?

Zico ganha mensalmente, cento e quarenta mil cruzeiros, não paga imposto de renda, além de outras vantagens. O que ele recebe, mais de 100 salários, daria para sustentar 100 famílias, levando-se em conta, que cada uma delas tenham cinco dependentes, num total de 500.

---O---

Dia 04.10.1977. Em Brasília, um Deputado sofre um ataque de diarreia mental e propõe que Pelé seja indicado como candidato ao prêmio Nobel da Paz.

Que paz é essa que o futebol dá?
Esporte violento e selvagem, cheio de competi-
ções e guerras. É de se lastimar com tais fatos.
Felizmente tal besteira foi repudiada por ridícula.
Foram indicados, então, os irmãos Vilas Boas. Cer-
tíssimo...

---O---

O futebol é a maior paixão popular do Brasil.
Brasil... Brasil... Brasil...
Tri campeão.
O jogador é comprado e vendido como se fosse
um animal qualquer para dentro de pouco tempo ficar
aleijado e esquecido.
Os bocas-pagas são como cães raivosos a açula-
rem a cachorrada vira-latas.
Os fofoqueiros instigam o fanático “Zé Povinho”
incapacitado de fazer um julgamento certo.
Daí a guerra das competições e a desarmonia em
tudo, socialmente.
Altas patentes das Forças Armadas e autoridades
civis usufruem, como sinecuras, polpudas quantias.
Só a mordomia no campeonato mundial de 1978,
na Argentina, composta de mais de 200 figuras, lá ficou
mais de um mês, com uma diária cada, de mais de dois
mil cruzeiros, não se contando outras coisas. Tudo por
conta da C.B.D.
A propósito... Basta ver, nesta época em que vi-
vemos, tão degredada, que o futebol chegou a ocupar
lugar principal em tudo: ocupações, publicações e orça-
mentos!
O resultado é uma mentalidade da mesma altura
para uma grande parte da massa humana de muitos paí-
ses.

Há repúblicas americanas nas quais o ódio é sistematicamente inculcado à criança para os que são do clube rival. Tenho visto espetáculos dos mais degradantes nesse aspecto. A “guerra” nas alfândegas contra os inocentes passageiros, quando o time do país perdia contra o da outra margem do rio, é causa comum, no Prata.

Houve derrotas que quase geraram conflitos diplomáticos e, para vergonha definitiva desta era, houve certos países que decretaram feriado nacional por terem ganho um campeonato de chutar bolas e canelas adversárias. Coisa de selvagens, numa palavra. E isso é mundial! (O Mestre Philippe de Lyon. Página 122 - Vol. III).

---O---

Diário Secreto de Humberto de Campos.

João Ribeiro critica Rui Barbosa, 1917 Sexta feira, 23 de março.

João Ribeiro, em palestra comigo na redação de “O Imparcial”, critica firmemente Rui Barbosa descobrindo a vaidade desse grande homem no modo por que ele abusa da paciência dos outros, quando escreve, ou quando fala.

- O Rui não tem, diz-me, a noção do tempo e supõe que os outros não a tem. Depois, comete uma incivildade detendo os que o ouve nos teatros ou no Senado, quando esses podem ter ocupações e interesses urgentes no decorrer das quatro ou cinco horas em que ele os retém.

É como eu li na conferência de Haia:

- Foi um sucesso... Para uso no Brasil. Na Europa, a impressão que deixou e que eu ainda ali encontrei, foi a de um orador “cacetíssimo”, que supunha a conferência especialmente convocada para ele o que não foi, além de tudo, entendido convenientemente por ter uma dicção francesa defeituosa.

---O---

Edmundo Bittencourt fala a Humberto de Campos, do preto e do caboclo. Terça feira, 24 de fevereiro de 1931.

- Alto, fino, lépido, corado, terno de linho branco refrescando ainda mais a sua fisionomia de sexagenário, Edmundo Bittencourt penetra alegre o meu quarto de doente. Desceu ontem de sua fazenda de Teresópolis, sobe hoje, e, sabendo-me enfermo, correu a ver-me.

Fala da sua vida de lavrador, de criador, de plantações de rosas e cravos, e da sua descrença no preto ou do caboclo brasileiro, coisa que preste.

- Quando eu comprei essa fazenda do “Quebra-Frasco”, resolvi proteger aquela pobre gente do povo, tirando-a da miséria em que vivia.

Mandava comprar no Rio, dúzias de cobertores de lã, e distribuía.

- Fundei uma escola e, na época das plantações, distribuía sementes pelos moradores. E sabe qual era o resultado? Comiam as sementes e iam vender os cobertores no Alto da Serra; às vezes, por uma ninharia!

O pior, porem foi o que deu a escola: o caboclo aprendia a ler, descia logo para o Rio, abandonando a fazenda. E os que ficaram deram para escrever cartas anônimas com palavrões de arrepiar o cabelo! Tive que mandar o professor embora e entregar os pobres diabos ao seu destino.

E com veemência:

- Querem agora esses idiotas do governo dispensar o braço estrangeiro... Como? Você vê a Light: motorneiros portugueses, condutores portugueses, trabalhadores no asfalto quase todos portugueses ou espanhóis. O brasileiro não quer isso; quer é ser carteiro do correio,

guarda civil ou matar mosquito, coisa leve, com pagamento certo... Uma vergonha!

---o---

Em 15.10.1978, em Brasília, o governo militar fez uma farsa para eleger o General João Batista Figueiredo à Presidência da República, convocando o Congresso fantoche.

Acontece que os congressistas, na sua maioria, encontravam-se em seus Estados, cuidando de se reelegerem no próximo dia 15 de novembro do corrente ano.

O governo lhe deu passagens, diárias, ajudas de custo e mais uma gratificação de quinze mil cruzeiros, pelo voto.

Assim, os partidos das Arenas UDN (1) PSD (2) e PTB (3), inimigos irreconciliáveis, foram, obrigatoriamente, pela Lei do carcomido Armando Falcão dar a vitória ao atual governo militar, pela contagem de 355, contra 266 do MDB, cujo candidato, o General Euler Bentes Monteiro, farsante por não pertencer ao colégio eleitoral do partido que se apresentou.

É que o Brasil está muito mais adiantado do que os Estados Unidos da América do Norte, onde sabem o resultado das eleições no dia seguinte, e aqui, temos o resultado um ano antes, como disse certo senhor.

Que palhaçada!

---o---

A Rádio Globo noticiou:

“A Estrada do Aço foi orçada em nove bilhões para ficar pronta, funcionando. Entretanto, em 1977 foram consumidos cinquenta bilhões e a estrada está para fazer”.

O que este governo militar fez com tantos milhões que foi dito. Dá que pensar...

O Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen declara que a dívida externa do Brasil de trinta bilhões de dólares passará, até o fim deste ano de 1978, para quarenta bilhões de dólares (600 bilhões de cruzeiros) cada brasileiro deve ao exterior cerca de 8.000 cruzeiros, por enquanto. Por aí se vê que a situação não está boa, amigo!

---o---

Do "Lar Católico", de 28.01.1979.

"Causou espanto, em não poucos centros, a convocação de Andreazza e Delfim Netto para Ministros de Estado."

Pelasi diz:

- Andreazza é o fim do índio. Afirma-se que com os dois no Ministério, a corrupção vai continuar. Vamos esperar para ver que bicho vai dar.

Antônio Delfim Netto Ministro da Agricultura e Mário David Andreazza, dos dez corruptos de Ministérios anteriores, vão conceder empréstimos aos agricultores para incrementarem suas atividades agrícolas. Certo. Queira Deus que tudo corra bem, sem secas, enchentes, e outras calamidades como tem sucedido.

---o---

Joaquim, casado com minha sobrinha Terezinha conta:

- Que seu pai tinha uma fazenda em Morro do Chapéu, Estado da Bahia, pediu um empréstimo ao Banco de 50 mil cruzeiros; 30.000 aplicou na pecuária e 20.000 na agricultura. Veio a seca e perdeu quase tudo.

Levantou novo empréstimo para poder recuperar o perdido, mas o tempo ingrato não o favoreceu e teve de entregar a fazenda avaliada em 200 mil cruzeiros ao Banco. Ficou na miséria. Hoje está administrando o que

era dele. É de se lamentar o que tem acontecido com muitos agricultores como no caso acima.

O atual plano dos dois banqueiros é bom para os agricultores. Oxalá não haja calamidades como tem havido, senão ficarão igual ao Joaquim.

Vamos esperar para ver que bicho vai dar.

---o---

Já passei dos setenta anos de idade e compreendi a não confiar nas leis brasileiras, por serem feitas para atender os interesses dos governantes.

Fui aposentado em 1957 por ato do Presidente da República, em fim de carreira, com mais 20%, de acordo com a Lei nº 1711, de 28.11.1952-EF.

Pelo Dec. Lei nº 1445 de 13.02.1976, tiraram-me os 20% e me reclassificaram na Ref. 16, inicial e não na Ref. 24, como deveria ser por ser final.

Assim é que confirma ter a lei efeito retroativo e os direitos adquiridos pelo cidadão, conspurcados.

Quantos, como no meu caso não o foram, lamentavelmente, prejudicados, por este famigerado regime militar.

---o---

A CEMIG recebeu de mão beijada, a luz do Prefeito Dr. Oswaldo Fortini Bias Fortes.

Durante alguns meses, até que se fizesse nova rede, cobraram-me um taxa especial de 80 cruzeiros mensalmente, apesar de ter eu relógio, que não tomaram conhecimento do mesmo.

Certo dia indo pagar a luz do mês, em minha frente estava Luiz Delben, meu vizinho que vi pagar três contas, sessenta e poucos cruzeiros de três casas.

A dele e a dos filhos Antônio e Roberto. Eles tinham luz até nas cocheiras, galinheiros, chiqueiros e cozi-

nhavam com luz elétrica, por não terem relógios marca-
dores.

Por que me taxaram com 80 cruzeiros e os três
juntos em 60 e poucos cruzeiros?

Francamente não deu para entender o critério a-
dotado por essa gente.

---O---

Em 1974, indo pagar na Prefeitura o imposto pre-
dial, lá me apresentaram duas contas.

Quis saber de onde saiu mais uma casa, se eu não
posso nunca, mais de uma.

Vendo os lançamentos num livro, lá estava em de-
terminada página: Clariano Ferreira. Riscaram Ferreira e
escreveram Roman.

Vejam só como é diferente o sobrenome Ferreira
de Roman.

- Clariano Ferreira é esse rapaz claro, que trabalha
ali ao lado, na Loja Imperial. Portanto, essa conta é dele e
não minha. Certo?

- O senhor desculpe, houve engano!
Quanto relaxamento!

---O---

Em 1976 fui à Prefeitura buscar a conta para pagar
impostos de 1975 e me disseram que eu estava atrasado
dois anos.

- Como? Se eu paguei o ano passado conforme es-
tá nesta conta, nada tenho a haver com o atrasado.

- É, mas não conta nada nos lançamentos.

- Bem, vou trazer amanhã os comprovantes.

No dia seguinte levei os recibos dos anos atrasa-
dos.

- O senhor tem razão. Esquecemos de fazer os de-
vidos lançamentos no livro.

- Quer dizer que se eu não guardasse os comprovantes teria que pagar de novo?

É de se lamentar tanta negligência dessa gente.

É que José Eugênio voltou à Prefeitura, não tendo feito boa administração anterior.

Para se reeleger contou com as escolas de samba, clubes de futebol, etc. empregando muitos desses elementos incompetentes, e irresponsáveis. A explicação é essa.

---o---

Nos colégios precisa-se ter muito cuidado para não sermos furtados. Pagar, exigir recibos e guardá-los.

Certo dia fui ao Ginásio Hamilton Navarro pagar uma mensalidade do meu sobrinho Ernesto. Quase na entrada do colégio encontro Ernesto que me diz ter sido barrado por estarem duas mensalidades para pagar.

- Vamos lá.

Ao chegarmos à Secretaria, confirmam o que Ernesto me disse.

- Não é verdade o que estão dizendo. Está tudo pago. Só falta a do último mês. Amanhã vou trazer os recibos comprovantes.

Ernesto foi à aula e eu levei os recibos comprovantes no Colégio Plínio Alvarenga.

Pelo carnê o pagamento era no Banco de Crédito Real.

Depois de ter pago a mensalidade do sobrinho Décio, queriam que eu fosse buscar a importância já paga e mais outra atrasada.

- Não vou buscar nada no Banco, por não ter recebido aviso prévio e aqui está o recibo da suposta mensalidade atrasada. Daqui para adiante farei o pagamento que querem, pontualidade, como sempre tenho feito.

- Sim, o senhor tem razão.

- Desculpe por não ter sido acertado.

Como é nojenta essa corja de displicentes que somos obrigados a aturar.

---o---

No suplemento semanal de “El Clarin”, da Argentina, um especialista em problemas latino americanos comentou sua permanência de quatro semanas no Brasil, e chegou a conclusão de que o servidor público brasileiro “pede mais do que cego”. Segundo ele, nenhum país pode se tornar vitorioso onde os servidores só sabem falar em quinquênios, abonos, pontos facultativos, e outros benefícios que só lhes interessam pessoalmente. (L.C. de 07.09.1980).

---o---

Ema quando casou com Paulo era magra, mas com o tempo engordou tanto que deixou de ser o tipo ideal dele e, por isso, procurava outras para consolo.

Ema, vendo-se preterida, ficou ofendida no seu amor próprio e deu para fazer pirraças ao “seu” Paulinho.

Certo dia ela preparou para o jantar uma galinha, mas como ele demorasse mais do que do costume foi atacada de ciúmes e de raiva, comeu toda a galinha sozinha.

Ao chegar em casa Paulo perguntou pelo jantar, pois esperava encontrar a galinha, seu prato predileto.

Ema, dissimulando respondeu-lhe que tinha feito o jantar, mas como ele demorasse havia botado tudo no lixo.

- Bem, disse Paulo, não podemos ficar sem comer. Prepare-se, iremos jantar fora.

Os dois saíram e foram a um restaurante, onde Ema pediu seus pratos favoritos e começaram a comer e beber, mas como ela já tinha comido uma galinha, não aguentou e botou tudo fora.

Paulo achou muita graça e disse:

- Olha Ema, a galinha que você botou no lixo.

Ema ficou envergonhadíssima e procurou daí por diante ser mais prudente com suas pirraças.

---O---

O centro Astral Paraíso do Bem, tem por seu protetor, Dom Bosco, um padre, vendo-se da rua, seu retrato na parede.

Falam mal dos padres católicos.

E não me consta que Dom Bosco estivesse metido com o espiritismo.

Essa gente, ao que parece, sofre das faculdades mentais.

---O---

Tarquínio de Medeiros, Eng. Aj. Sub Ajudante na I.R. em São Carlos era espírita e me disse que sendo filiado ao Circulo Exotérico da Comunhão do Pensamento e estando em Uberlândia, mal de vida, sem dinheiro para pagar a revista "O Pensamento", escreveu a A.O. Rodrigues, seu fundador, português (que teve de vender o seu relógio para comer), milionário, explicando sua situação, pedindo para continuar o envio da mesma, a qual pagaria tão logo melhorasse de vida, mas não foi atendido.

Indo Tarquínio, mais tarde, a São Paulo, foi falar ao A.O. Rodrigues e este lhe dissera que sem dinheiro não se faz nada.

E. Tarquínio:

- Nós falamos tanto mal dos padres católicos, mas somos piores.

O. Rodrigues:

- É para o senhor ver!

- E o que se pode fazer sem dinheiro?

---O---

Tia Dozolina é outra fanatizada pelo espiritismo, cujo Deus é o grande Foco e o chefe um português, Luiz Matos.

Para eles Cristo, o ser mais perfeito que já existiu no mundo, não passa de um médium qualquer.

E a Virgem Santíssima, uma mulher que teve muitos filhos com muitos homens.

Causa até horror a crença dessa gente alucinada por ilusões.

---o---

Mês de maio. Mês de Maria. Mês das flores. E também mês de nossos amores.

Sim, o Zé resolveu variar de amores, mas foi surpreendido com a amante pela sua mulher, surgindo uma briguinha que resultou a separação dos dois, que se uniram pela ilusão do amor, sensação da carne.

Relatar o que vai sair seria longo. Coisas velhas de mais de vinte anos vieram à publicidade, mas as despedidas foram quase amistosas.

Ele:

- Se você precisar de mim estou ali no 85.

Ela:

- Eu nunca precisei de você e nem pretendo precisar. Basta dizer que esta roupa que está em seu corpo, fui eu quem a comprou.

Ele:

- É verdade, você comprou o pano, mas eu paguei o feitio.

Ela:

- Bandido... Cínico... Descarado... Cachorro...

Assim foi o Zé para o 85, com a sua nova aventura, cheio de ilusão e de pouca vergonha”.

[Fonte: “Cadernos” de Clariano Roman].

3ª PARTE - Clariano Roman por Clariano Roman e suas Histórias

- Eu, por dentro.

“Vim ao mundo por uma consequência natural das coisas: satisfação da carne. E daí, vida e sofrimento.

Meu nome deveria ser Antônio, que era o de meu bisavô, mas por sugestão de Amélia Payaroll, que tinha um namorado de nome Clariano, deram este. Foram meus padrinhos de batismo, Fiorelo Nadalin e Maria Ceolin.

Filho de pobre é feio e não tem protetor. Só serve para ser explorado por quem ainda o despreza.

Fui criado num ambiente honesto, de trabalho braçal rude e nos mais puros princípios cristãos, cujos costumes do século passado, fizeram de mim um sofredor por ter nascido, não sei por que, num meio tão hostil a realização dos meus nobres ideais, no qual, até hoje sou um caso singular.

Assim, desde cedo vi que não podia contar com ninguém. Daí passei a desconfiar de todos, mas ter absoluta confiança em minha pessoa e em Deus.

Compreendi que tudo girava em torno do dinheiro, o que era difícil naqueles tempos. E um homem sem cultura, pobre, é uma sombra andando sem rumo numa floresta escura, cheia de espinhos.

Mas, aos poucos, adquirindo luzes, fortalecido com a fé e perseverança, venci na vida, confiando não nos homens e sim na Providência Divina, que pode tardar mas não falha.

Desde menino ensinei a ler, escrever, fazer contas e outras coisas úteis, a meus irmãos, irmãs e vizinhos.

Quase todos os meus alunos ficam satisfeitos, em aprender o que lhes é necessário à vida prática. E são felizes para desejarem só o que precisam.

Virilidade. Pouca diferença houve entre a mocidade e virilidade por ter eu já nascido idoso. Apenas os meus sentimentos foram ampliados com a instrução e educação tornando-me forte pela vontade disciplinada.

Tive de ser um solitário no ambiente onde eu estou por não encontrar uma colaboração eficiente e ser pouco compreendido. Mas, muita coisa consegui realizar, principalmente com o dinheiro, alma do mundo, que resolve quase todos os empecilhos.

De quando em quando sinto nostalgia de um meio desconhecido, parecendo-me já ter vivido nele. Não sei onde. Mas tenho certeza que existe. Talvez não seja neste mundo.

Sofri muito moralmente. Por quê? O tempo é um grande remédio dos nossos males que vão sendo cicatrizados aos poucos.

Nada fiz para me vangloriar, mas apenas para melhorar os menos favorecidos pela sorte. Por isso sinto-me intimamente feliz pelo realizado.

A idade está me trazendo cansaço e desilusão de umas tantas coisas, embora o espírito continue cada vez mais lúcido e enlevado pelas obras divinas.

Já escrevi sobre alguns sonhos e visões que tive, espontaneamente, de fatos que jamais, nem de leve, me passaram pela imaginação.

Seriam reflexos de existências vividas?

A vida é bela cheia de surpresas que a gente descobre apesar de umas tantas frustrações. Vale a pena viver.

Este mundo de Deus criador é maravilhoso.

Ah!... Que bom seria se eu tivesse asas e voar, voar pelo infinito, muito além.

Jamais explorei o meu semelhante e tenho aversão a quem o explora e a quem quer fazer o mesmo da minha pessoa.

- Infância

Passei quase toda a minha infância na Rua do Campo (Campolide), onde hoje está a Padaria Santa Terezinha.

Lembro-me das coisas e da gente de nossa rua como se fosse num doce sonho.

Em casa, além de papai, mamãe, Guido, minha ama seca Argelinuta, Quinzin o caixeiro da venda de papai e Doralice Savassi, que estudava na Escola Normal e morava conosco.

Ao lado morava a família Barboza. “Seu” Barboza era ferrador de animais. Sua mulher, D. Sebastiana, com D. Maria, e suas filhas Custódia e Olga lavavam e engomavam para fora. Nidinha, a menor, era minha amiguinha inseparável. Eu fugia sempre prá lá, razão porque papai me deu uma tremenda surra no corredor ao lado da casa. A família Barboza me chamava de “Lano”.

Do outro lado da casa residia Sá Aninha, só, com uma cara de poucos amigos. Via-se ela lavar roupa e fazer outras coisas num penico de barro. Um dia eu e Luizinho, da esquina do Beco Raticlif, por termos troçado dela por estar fazendo qualquer coisa no tal, ela nos atirou um pedaço de pau e por pouco não nos acertou.

Adiante dos Barbozas, a casa do Humberto Boratto, que fazia seus filhos Armando e Odone se deitarem cedo para não brincarem com os outros meninos da rua.

D. Luzia, sua esposa, ensinava canções de roda às meninas.

Zé Corisco, pedreiro, com sua família, morava numa casinha, que tinha uma cerca de arame farpado em frente à rua onde hoje está a Viúva Ladeira.

Maria Leonel em sua casa fazia bailes e me dava doces, onde mora o Pequeno.

Do outro lado da rua, residia, na esquina, Maria Ismária, cuja casa teve de desocupar logo após o falecimento de sua irmã Marta, para ser demolida, a fim de ser aberta a Avenida Rodrigo Silva.

Mais para cá, em frente ao Zé Corisco, Pedro Ferreira tinha uma forja onde trabalhava e era visto da rua.

Ao lado, a casa de seu Tatão e de D. Lina. Eram padrinhos de Guido e gostavam dele mais do que se fosse filho. Guido era levado e Tatão o adorava.

Um dia, nos fundos da igreja de São Geraldo, os dois caíram dos cavaleiros de pau, mas felizmente não se machucaram por terem caído no macio barro. Guido tinha o cabelo comprido e bonito e usava vestido como todos os meninos. Chorei muito quando vi na barbearia defronte ao Armazém Discacciati, o barbeiro Altino cortar os cabelos do mano Guido.

Tatão possui um pomar com muitas árvores frutíferas. E lá nos levava para comermos laranjas, mexericas, limas, jabuticabas e outras, ao som de um gramofone.

Bem em frente, num casebre habitava Sá Béba, ótima cozinheira, mãe de Dodô.

Morava, também, bem em frente à nossa casa, a família Varanda Costa. A família Costa era de Mercês do Pomba. No dia em que Fifina, Carmela, Aurora... e filhas do Costa, chegaram em um carro de praça, puxado por dois cavalos, foi uma festa na rua.

Os velhinhos Costa e David Lucon andavam sempre juntos. Eram jardineiros da Câmara Municipal. O velho Varandas fazia barcos, mas as coisas lhe andaram mal e ele rogou a papai para fornecer-lhe gêneros alimentícios, cujo pagamento seria feito tão logo sua situação o permitisse. Com o tempo a dívida ficou em oitenta e poucos mil reis. Cerca de dez anos depois papai foi procurado pelo seu filho Manoel para pagar tal dívida, pedindo desculpas pelo atraso e agradecendo mais uma vez, pelo generoso fornecimento.

Um pouco mais adiante, D. Genoveva, mãe de Mário Boratto, em sua casa punha o gramofone a tocar, enquanto seu marido Silvio ia para a farra, e, então, a velhinha dançava com a criançada, dando-nos biscoitos e outras guloseimas.

Minha bisavó Catina me levava sempre à missa na igreja de São Francisco, cujo altar mor ficava com a frente para a praça, onde existia um artístico chafariz.

As mulheres da redondeza vinham ali buscar água. Os Padres Tobias e Carlos eram os celebrantes dos ofícios religiosos. E como era linda N. S. das Mercês, toda de branco em seu altar!... Tudo isso desapareceu deixando imorredouras saudades.

la também à missa na Matriz com as Barbozas e, com a meninada, ficávamos ao lado do altar de Santo Antônio, ajoelhando-nos sobre os bancos.

No fim da missa as Irmãs de caridade davam às crianças um cartão valendo tantas libras para prêmios no fim do ano.

Eu não ganhava nada por ser ainda pequeno e sofria muito por isso, pois já me julgava igual aos outros.

Quando o Padre Guedes veio dar a extrema unção ao tio Raymundo, mas que não morreu, ao voltar à cidade

num carro de praça, deu-me um santinho “Anjo da Guarda”, que ainda conservo como recordação.

Os meninos usavam vestidos até quase cinco anos e os ternos tinham calça para baixo dos joelhos, colete e paletó, como se pode ver nos retratos da época. O meu último vestido era cor-de-rosa, doado por tia Regina e o meu primeiro terno de festas era de casimira azul marinho.

Também houve um grande acontecimento que foi de termos visto na Rua do Campo, próximo à igreja da Boa Morte, um balão com um homem dentro o qual caiu mais adiante sobre umas bananeiras. O balão saiu do campo do ginásio e pagava cada pessoa um mil reis para vê-lo em terra.

• Puberdade

Cerca de dois anos depois de termos mudado para a Colônia, fui matriculado na Escola de Ponte Nova, cuja professora substituta, Doralice Savassi fazia se entender com uma vara de marmelo, coisa de que nunca precisei, pois logo no primeiro ano passei à Cartilha Nacional e à Cartilha Analítica, esta cedida por empréstimo pela Escola e àquela comprada na Casa Souza Marques, por 100 réis.

Com a volta da Professora Rosa Falco, licenciada por doença, fiquei marcando passo muito tempo, visto seus ensinamentos serem deficientes como, por exemplo, em aritmética não ir além da conta de dividir de dois algarismos, leitura, ditado e assim por diante. Não havia exames.

Ela era corcunda, baixa, portanto pouco favorecida pela natureza, mas mesmo assim casou-se com um homem que a explorava.

Daí, divergências que deram em separação com grande remorso para ela por ser muito religiosa.

D. Rosa tinha “passado” no mês de agosto o que não era sem razão, pois quase todos os seus parentes morriam nesse mês.

Num dia 30 de agosto ela estava rendendo graças a Deus, à Virgem Santíssima e a todos os Santos por estar terminando o fatídico mês sem nenhuma desgraça na sua família, quando no dia 31, morre seu pai, repentinamente. Coitada! Ela também faleceu num dia do mês de agosto.

Morava na Rua Pau de Barba, e ia dar aulas montada num cavalo.

---O---

Levava-se para a escola dentro duma “sacoletta” de pano, livros, cadernos, pedra (lousa), onde se fazia quase todos os exercícios, lápis, canetas etc. Os tinteiros ficavam nas carteiras e custavam \$100, os pequenos e \$210, os grandes.

Em outubro eu tinha de ficar em casa para trabalhos na roça. Quando o trabalho ficava mais apertado, tínhamos entre outros camaradas, Emília do Bodecos, seus filhos Zé Fiof, Italina, Madalena, Zé Amistadi, os irmãos Turchetti, Antônio Belisário e filhos e muitos outros.

Após as colheitas os menores iam à procura de “gringole”, restolhos, os quais eram vendidos para se comprar utilidades pessoais.

As coisas eram baratas, mas o dinheiro difícil de ganhar.

Para se ter umas tantas utilidades era preciso irmos vender na cidade produtos caseiros, que ninguém queria comprar, embora fossem quase dados.

Entre eles:

Ovos de \$400 a \$800 a dúzia.
Uma galinha de 2\$500 3\$000
Um frango de 1\$500 a 2\$000
Couve-um molho \$100
Mandioca - \$100 a \$200 o quilo
Tomates de \$200 a \$400 o quilo
Cebolas de \$300 a \$500 o quilo
Laranjas - cento 1\$500
Marmelos - um cento 1\$300 a 1\$500
Fubá - uma quarta 1\$000 a 1\$500
Feijão - uma quarta \$800 a 1\$200

Tudo era nessa base.

Foi com essas vendas que consegui comprar um terno para mim, branco listrado de creme.

Comprei também, um vestido de chita, xadrez roxo e outros para Laurita, xadrez, rosa, na “A Primavera”, a \$300 o metro, em retalhos. Então eu e Laurita tiramos um retratinho que nos custou 3\$000, meia dúzia.

Andavam-se descalços. O calçado era só para aos domingos ir à missa e nos dias de festas. Nos outros dias, quem visse logo perguntava se a gente estava doente.

Vovó Antônia me ajudou a comprar uma botina de couro de bezerro, vermelha, que foi feita na cadeia por um preso e custou 8\$000. E uma outra de pelica marrom, na casa Edde, por 12\$000.

Ia ao catecismo na Matriz de N. S. da Piedade, às quintas feiras, dia em eu não tinha aula na escola. Era o vigário da Paróquia o Monsenhor Francisco Lopes de Araújo e seu auxiliar o Padre Guedes e as professoras D. Laura, D. Filó, D. Elvira, D. Alice, D. Nhanhá e muitas outras donas que não me lembro mais.

Aos domingos e dias de festas ia-se à missa e ficava-se no coro onde nos ajoelhávamos sobre os bancos.

Ninguém melhor do que eu sabia as lições do catecismo e nem tinha melhor frequência. Tinha vocação religiosa. Seria hoje um Padre se tivesse tido meios.

Davam-se prêmios para os mais aplicados e os menos faltosos, mas os mesmos eram distribuídos pelos filhos da boa gente que só lá apareciam a passeio, de vez em quando.

Eu sofria e não pouco, com tais injustiças, por ver receber prêmios os que não tinham feito jus, graças às beatas professoras, que viviam se confessando diariamente por estarem cheias desses pecados. E por serem hipócritas desprezei-as, pois já tinha convicção de que se pode enganar os homens, mas a Deus nunca.

Fiz a primeira comunhão no dia 24 de junho de 1918. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Antes, ouvindo a Santa Missa, em estado de graça, cantava-se ao cheiro suave do incenso:

*- Anjos do céu que puro amor inflamais,
Vinde ao altar de Jesus as mercês,
Hoje é seu dia, hoje vem a minha alma.
Dá-se a comer pela primeira vez.*

Até que chegou o momento tão almejado, do sacerdote dar a hóstia consagrada. “Corpus domini nostri Jesu Christ: custodiat animam tuam in vitam aeternam”.

E a alma da gente parecia que ia da terra ao paraíso.

*Que doce maná,
Que pão saboroso
A terra não tem,
Manjar tão deleitoso.
Louvado sejais,
Deus sacramentado,
Que pão tão suave,
Nos tendes deixado.*

À tarde, em frente ao Altar Mor, com a mão direita sobre o Grande Missal, fizemos a renovação das promessas do batismo:

- “Renuncio Satanás, as suas pompas e as suas obras e prometo servir fielmente a Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Depois saímos com a Procissão de São José e São Luiz, cantava-se na rua:

*- Glorioso São José
Lá na glória onde habitais
Nossa fé fervorosa vais
Nossa infância amparais.
Glorioso São José
La na glória onde habitais
Não vos esqueçais de nós
Pobres míseros mortais*

*Amigo e puro São Luiz
De mocidade protetor
Nós hoje vos consagramos
Cheios de graça e terno amor.*

*Amigo e puro São Luiz
Nosso guia e protetor
Entregai-nos a Jesus
Que ele seja o nosso amor.*

Finalizando a procissão, recebemos como lembrança uma estampa alusiva à cerimônia e um tercinho branco, os quais ainda conservo.

Também fiz as nove primeiras sextas-feiras do mês para não morrer sem confissão e a extrema unção a fim

de poder ir para o céu. Que bom seria se a gente pudesse ter sempre a mesma crença infantil!

Depois fui algumas vezes, aos domingos, ao catecismo na Igreja da Boa Morte, onde, entre outras canções, canta-se:

*- Daí-nos a benção
O Virgem Mãe;
Senhor seguro
De todo o bem. (bis).*

*O quanto é belo
Maria amar;
Seu lindo nome
Pronunciar.*

Daí-nos a benção etc.

*Estrela d'alva
Mãe de Jesus
As nossas almas
Ao céu conduz.*

Tudo girava sempre em torno da conquista do céu.

Mais tarde levei, aos domingos, na Igreja do Carmo, Noêmia e Laurita, ao catecismo, onde se cantava no início:

*- Virgem querida do Carmo
As orações, as orações
Com amor acertai.*

*No céu, no céu,
Com minha mãe estarei,
No céu, no céu,*

Com minha mãe estarei.

Atualmente até os ateus e os materialistas Spu-
tiniks andam pelos céus à procura de coisas que não lhes
dizem respeito.

Meu padrinho de crisma foi Chioccarello Giuseppe
que se ofereceu para sê-lo. Seu filho David foi um dos
meus amiguinhos de infância.

Algumas vezes soltavam-se raias ou papagaios. Jo-
gavam-se bolinhas de vidro, botões, peões etc.

---O---

Fundamos o “Rodrigo Silva F. C.”, cujo campo era
na Várzea dos Dapiene. Eu fui escolhido para Presidente.
Eram sócios e jogadores: Amilcarzito, Rubens Gonçalves,
Altair, Guido, Armando Rossetti, Otávio Andrade, Roberto
Delben, Belmiro Andrade e muitos outros que não me
lembro dos nomes.

As mensalidades eram de 1\$000.

Tiveram pouca duração as nossas peladas por
termos sido despejados para utilizarem o campo para
outra finalidade.

Comprei uma espingarda de um cano só, de se
carregar pela boca, por 12\$000, do tio Faustino, e no pri-
meiro tiro matei um sanhaço.

Fiquei tão penalizado que vendi logo a espingarda
ao Antônio Preto, leiteiro do tio Antônio Ceolin, pelos
mesmos doze ml reis. Recebi 6\$000 e o outros 6\$000 re-
cusou-se a pagá-lo por ter eu lhe lembrado tal dívida
tempos depois.

Sempre fui apaixonado pelas plantas e principal-
mente pelas flores, a cujo cultivo desde cedo me dedi-
quei, embora muita gente me dissesse serem coisas de
mulheres e quisesse me ridicularizar, sendo tudo em vão
por fazerem elas parte íntima do meu ser, assim como

admiro o que é belo, seja o que for, apesar das opiniões contrárias.

Passando, eu e Guido, a estudar na escola particular de D. Maria Ismária, na Rua do Campo (Campolide) e posteriormente na Avenida Rodrigo Silva, para onde se mudou.

As mensalidades eram de 5\$000.

Morava D. Maria com sua mãe, Júlia e Euclides (Quilinho), órfãos de mãe e filho do Eliziário de Souza.

Foram nossos colegas: Odone, Olga e Lola Boratto, João e Bernardo Varandas, Mário, Fizinha e Isio Delben, filhos de Santo Delben, que tinha um armazém defronte a casa de papai. Irmãos Timóteo, irmãos Gava, os Discacciatitis, todos os filhos do Francisco Tardini, com exceção de Matilde, os Picinins e muitos, muitos outros que não me lembro mais.

Com D. Maria os meus conhecimentos ampliaram-se grandemente por ser ela ótima professora, pois tinha inteligência e preparo superior a muitas brancas, filhos da boa gente, embora fosse de cor.

Além dos ensinamentos gerais aprendi, com D. Maria, a fazer vários trabalhos manuais, que me foram úteis na vida prática.

Aprendi, também, a estudar sozinho.

De dia, nas folgas e à noite com o lampião ou a lamparina de querosene, fui me instruindo cada vez mais, com os livros, meus mestres e amigos.

Amilcarzito foi um dos melhores amigos, chegando a propor a papai que me daria todos os livros e outros auxílios se me deixasse matricular no Ginásio. Insistiram. Mas tudo foi em vão, porque para papai os filhos eram para ter renda e não para fazer gastar dinheiro.

Com essas e outras coisas, entro corajosamente na adolescência.

• Adolescência

Tinha, portanto de viver às minhas próprias custas.

Parecia que tudo era contra mim, pois todas as portas estavam fechadas e, quando uma se entreabria, as outras não me deixavam avançar, por ficarem fechadas.

A angústia e a tribulação foram minhas companheiras inseparáveis nessa época que me foi tão dolorosa.

Os sofrimentos morais foram tantos, que as forças físicas chegaram a ficar abaladas, não sucumbindo graças ter eu *mens sana in copore sano*.

Ambicionava o saber. Tinha força por ter fé e havia de vencer.

A leitura foi o meu consolo.

Li tudo o que me caiu nas mãos.

A princípio fiquei meio atordoado pela variedade de assuntos, mas aos poucos fui formando um juízo meu, sem me escravizar a qualquer religião, escola, sociedade, política... Aproveitei o que me era útil e prático, dentro de um raciocínio maduro.

Tornei-me democrata individualista e pude, assim, gozar um pouco de bem estar neste mundo de sofrimento, por fazer uso da razão e não seguir conselhos alheios.

Fui servente de pedreiro, além do serviço de fossa, caixeiro de armazém em Ribeirão (Alfredo Vasconcelos), do Pedro Bianchetti.

Por força das circunstâncias fiquei economista, pois o dinheiro era pouco e não dava para as necessidades que eram muitas.

Tive de me privar de umas tantas coisas próprias da idade.

Aconteceu, porém, que me foi franqueada a biblioteca do Centro Espirita de Dona Lina.

Li todas as obras de Allan Kardec, León Denis, Camilo Flamarion, A. Van Der Naillen e muitos outros espiritualistas, cujos ensinamentos me foram úteis por supor, então, estar pagando faltas cometidas noutras existências.

Assim pude aturar o Savassi na Repartição e papai em casa, confortando-me com umas tantas coisas da vida, que nos fazem sofrer, por deseja-las e não poder consegui-las, embora as mesmas nos sejam necessárias.

Não havia escolas noturnas.

Os professores particulares eram difíceis. Então, por intermédio de Amilcarzito e da tia Regina, consegui dele (Savassi) me ceder duas horas, das 8 às 10 para poder estudar alguns meses no Colégio Esde, de Rosina Esde, cujas mensalidades eram de 20\$000, passando depois a 30\$000 por aumento de matérias.

Sempre gostei de desenhar.

E com umas seis lições dadas por D. Rosina, aprendi pintar a óleo levando-lhe quadros prontos, que muito admirou.

O expediente da Repartição era das 8 às 16 horas.

Para compensar as duas horas, eu tinha de trabalhar das 16 às 18 horas, que depois se estenderam por muito tempo, até às 10 horas da noite, pois além das atribuições de meu cargo, o Savassi me obrigou a tomar conta de uma máquina frigorífica “Sabroe” onde eram hibernados os ovos do bicho da seda, que por ser velha não funcionava bem.

Acresce ainda a falta constante de força elétrica e da mexeção do Savassi, que a desregularizava, por nada entender a respeito.

Uma vez ou outra, o Calixto que morava perto da Repartição, olhava a dita para mim, por favor.

Só tinha folga aos domingos até às 13 horas, quando, também, descansava a máquina da usina.

Querida ele que ficasse toda a noite, mas custei a convencê-lo de que não aguentaria tanto.

Então, graças a Deus, ele resolveu que eu tomaria conta da citada máquina das 6 da manhã às 6 da tarde (menos as duas horas), e Juvenal, das 6 horas da tarde às 6 horas da manhã.

Tempos depois veio outra máquina, ficando eu livre de um encargo fora da minha função e detestável pela sua escravização.

Nesse tempo comprei na Relojoaria Campi, uma máquina fotográfica por 15\$000, de 6 X 9, filme 120, que custava 1\$600, de 6 poses. Troquei-a depois por outra, um pouco melhor, dando de volta 10\$000, a qual ainda possuo.

Rogério Campi, meu colega do Colégio Edde e Carlos de Castro me ensinaram a revelar e copiar, fazendo, assim, eu, todo o serviço fotográfico na câmara da repartição.

Mais tarde, logo que pude, comprei também o relógio Omega por 70\$000, preço de custo por pedido de Rogério a seu pai, e uma chatelene, 10\$000.

Em 1928 tornei-me Reservista de 2ª Categoria do Exército Brasileiro, pelo Tiro de Guerra nº 81, recém-criado, sendo instrutor Paulo Cecílio dos Santos, 3º Sargento.

A primeira turma teve 82 atiradores, ou melhor, 81. Como o 81 era o do Tiro, tomou o número 82. O meu número foi o 66.

A sede era na Praça Conde de Prados nº 84 e posteriormente no Barro Preto, no princípio da Avenida Marechal Floriano.

A instrução era noturna e de dia aos domingos e feriados. Mais teoria do que prática.

Os exercícios de tiro, deficientes por falta de munição.

Os dois melhores alunos foram Carlos Veiga e Francisco Herthel.

Outros colegas que me lembro:

Odone Boratto

Carlos Delben

Geraldo Fillardi

Jorge Abês

Elias Teixeira

Davi Bernardo

Egberto Allais França

Paulo Dias Cardoso

João Miranda

Waldemar Pardini

Hugo Aguiar

Gerson Andrade

Ângelo Moraes

Rui de Melo

Lauro Cardoso

Miguel Paolucci

Walquir Assis

Tibagí Flisch

Amaragi Flisch

Virgilio Bandeira

João Braga

Antônio Cordeiro

Marcos Vale.

E os demais cujos nomes me escapam.

Dos 81 atiradores 3 foram reprovados, Antônio, irmão do José Crispim, atual vice prefeito e os dois irmãos Laguardia: Vicente e José (Juquinha).

Certo dia, eu que ia para o Tiro, fardado, passei na Relojoaria do Sr. Francisco Campi, a fim de entregar um livro ao Rogério.

Atendeu-me o Sr. Campi que, vendo-me fardado, perguntou-me:

- O senhor está no Tiro?

Sim, respondi-lhe, estou fazendo o Tiro para evitar a caserna.

E ele:

- Rogério não vai porque eu tenho dinheiro para livrá-lo.

Eu:

- Bem, Rogério é filho de pai rico e o meu é pobre.

Alguns meses depois, indo a Belo Horizonte em conversa com Carlinhos Savassi, disse-lhe ter visto o nome dele em uma relação de sorteados para o Serviço Militar. Diante disso ele veio a Barbacena e foi a Juiz de Fora buscar o Certificado de Reservista, da 3ª Categoria, por ter ficado isento devido o seu número ser alto.

De regresso ele me disse que em Juiz de Fora estavam esperando um tal Rogério Campi, a fim de fazê-lo faxineiro e outras coisas piores, para provar que o pai não tinha dinheiro para comprar o Exército Brasileiro, conforme dizia.

E Rogério teve de fazer o serviço militar na caserna, sendo castigado por causa da língua e vaidade do seu pai. Ele, filho único, criado com todo o mimo, cheio de vontade, tendo até amante dentro de casa, passou pelos maiores vexames por culpa do orgulhoso pai, quando podia ter feito o Teco ficar em casa molemente.

---O---

Nossa casa era um ponto de reuniões como o fora nos tempos de nossos avós, onde se dançava ao som da sanfona, tocada por papai ou ao som de um gramofone.

Os bailes ou brincadeiras eram frequentes, por sua improvisação.

Quase em todas as casas havia uma ou mais sanfonas e tocadores. Daí a dança.

Não se passava um sábado, com exceção da quaresma, que não houvesse um ou mais bailes na Colônia, não se contando os da cidade, com os “assustados”, aniversários e outras festas íntimas.

Foram os bailes a nossa maior e melhor diversão.

E como se dançava com alma, pois éramos estimulados pelos velhos!

Eu levava aos bailes, Noêmia, Laurita, Helena, Anita Loschi, Rosália, Angelina e muitas outras.

E aonde nós chegássemos a festa logo se animava, por sermos entusiasmados.

Tinha entrada franca nos clubes, sociedades, festas etc., por levar comigo um grupo de boas dançarinas.

---O---

Em dezembro de 1928 fui admitido como sócio do “Democrata Clube”, sob o nº 1452, pagando 20\$000 de joia e 5\$000 de mensalidade.

Entrei em janeiro de 1929, como sócio na Società Italiana di Beneficenza Vittorio Emanuele II, sob o nº 117. Paguei de taxa de admissão 5\$000, diploma 3\$000 e mensalidade de 2\$000.

Na Sociedade Italiana estudei italiano e latim, com o Professor Francesco Lopresti, à noite.

Pouco antes de ingressar na Estação Sericícola o mano Marco, no seu leito de morte disse-me:

- *Clariano te, fa bem pregá: Perchè el pregá fa bem ali anima (Clariano, faz bem rezar, porque rezar faz bem a alma).*

Eu era rezador. Em seguida deu-me uma pequena imagem, de prata, da Madona col Bambino, dentro de um tabernáculo, dizendo trazê-la sempre comigo, que me protegeria de coisas ruins.

Ganhou-a de uma mulher antes de ir para a guerra, que lhe disse conservá-la sempre consigo para livrá-lo de todos os perigos.

E assim aconteceu. Pois de quatrocentos e tantos colegas só voltaram com vida, ele e mais três.

E eu, também, tive fé e me valeu muito.

Conforme já disse, frequentava sessões espíritas na casa de Dona Lina.

Savassi sempre viveu alucinado pelas políticas e pelos ricos. Nunca teve a menor consideração para com os seus subordinados.

Outrora teve um carro de quatro rodas puxado por um cavalo e o cocheiro era esquecido, quando ele ia às casas dessa gente, nas festas ou outros lugares onde eles estivessem, até altas horas da noite.

Assim tio Raimundo apanhou o tifo, chegando a ficar desenganado pelos médicos por comer e beber coisas impróprias, fora de hora.

Valentin Gazetta morreu de pneumonia por ser dedicado a ele, Savassi, deixando viúva e meia dúzia de filhos menores.

Sabendo disso e ressentido pelo mau tratamento que ele me dispensava, injustamente, acrescido do pouco ordenado, quis deixar a Repartição, tendo em vista um emprego na Fábrica de Seda Santa Cecília, feito por Virgínia a Fritz, seu Gerente.

Então pedi a Dona Lina para consultar aos guias espirituais como devia proceder. E ela como que inspirada disse:

- Vamos fazer uma sessão já.

Era de tarde. Ela ficou na cabeceira da mesa, eu de um lado e Fininha do outro. Depois das preces, D. Lina foi tomada pelo Protetor do Centro, que perguntou o que se desejava. Eu, então, solicitei-lhe que me aconselhasse como deveria proceder no caso. E ele me disse:

- O irmão deve continuar onde está. Paciência e fé em Deus porque sua situação vai melhorar na Repartição em que trabalha.

Fiquei e deu certo.

• Mocidade

Posso dizer que não tive mocidade por ter ficado maduro muito cedo, devido às atribulações passadas, que martirizaram o meu amargo viver.

Ao atingir a maioridade fui alistado, sorteado e aceito para servir no júri.

O primeiro jurado com a mão direita na Bíblia diz:

- Juro dizer a verdade somente a verdade.

E os outros seis:

- Assim o juro.

Mas na hora de votar traem o juramento feito com mão sobre a Bíblia Sagrada e diante da imagem do meigo Cristo Crucificado.

Sentia calafrios em ver falseada a justiça pelo fraco caráter dos jurados que se deixavam levar pelo cabresto dos asquerosos políticos.

E ainda mais. O Conselho de Sentença é soberano em suas decisões, mas, quando há dinheiro e política, um apelo invalida essa soberania.

Desse modo deixei de acreditar na justiça brasileira e nos seus representantes por ficarem os criminosos impunes.

Eleitor por obrigação, servi como 2º secretário e depois como 1º em Seções Eleitorais.

Pude observar que, pelo menos, 80% dos eleitores assinavam, ou melhor, desenhavam os nomes com grandes dificuldades, sendo, portanto, analfabetos.

Votavam sem saber em quem e para quê.

O nosso povo é infeliz por não ter opinião organizada, devido sua incultura, sendo assim ludibriado em sua boa fé pelos sujos políticos, que o não representam e ainda o repudiam.

O Savassi deixou de ir à casa do compadre José Bonifácio por estar na oposição e acreditar que o governo nunca perde. Sim, abandonou, ingratamente, o compadre que o salvara.

José Bonifácio quando encontrava os serviçais do Savassi lhes perguntava por que o compadre Savassi não ia mais à casa dele visto não lhe ter feito nada de mal.

Mas os Andradas venceram com a Revolução de 1930 e o Savassi ficou por baixo, politicamente.

Ele fez tudo que pode para tornar a cair nas boas graças do compadre, mas inutilmente. Sofreu grandes vexames pela sua imprudência.

Em compensação ele ficou tolerável até 1937, quando o Bias foi nomeado Prefeito.

Contra a vontade do Savassi em setembro de 1933 fui nomeado escrevente datilógrafo, mas ele quis que fosse interinamente porque cargo interino era cargo vago.

Efetivo só o Calixto.

E os demais, também, interinos.

Calixto chegou a me dizer, muitas vezes, que o Savassi não queria a minha efetivação e a dos outros por não nos ter afeição e querer outra gente na Inspetoria. Mas a despeito disso fomos todos efetivados.

Assim ele fez, com exceção do Calixto, dos funcionários titulados, seus desafetos. Por quê? Não tinha razão!

Calixto era particularmente o bom amigo, mas na Repartição era um criado do Savassi a quem obedecia cegamente. Ao passo que nós outros éramos servidores de uma representação federal.

Com a nomeação acima, passei de 210\$000 para 500\$000 o que era um ótimo vencimento. Pude então, desabafar as aperturas da vida em que vivia. Mas não deixei de me preocupar com a interinidade.

Preparei-me para o concurso. Estudei com os Professores Antônio Olinto e Concesso.

E se não passasse? Savassi ficaria livre de mim, como sempre desejou.

---o---

O Floresta F.C. foi fundado em 15 de agosto de 1932.

Fui arrastado por tio Xandin e pelo tio João Piccinin para secretariar o mesmo.

A Prefeitura cedeu o terreno e o clube tinha de fazer o campo, mas dinheiro não havia.

Então, para começar, João Piccinin, Alexandre Bortolus, Antônio Honório da Silva e Clariano Roman, entraram com 200\$000 cada um, cujo preparo do campo de futebol foi iniciado por Francisco Ananias Martins por 800\$000.

Organizei os Estatutos, que foram votados de 2 de julho de 1934 e assinados pela Diretoria do Clube, João Piccinin, Presidente, Dario Russo, Vice Presidente, Claria-

no Roman, Primeiro Secretário, Arthur Piccinin, 2º Secretário, Alexandre Bortolus, Tesoureiro e Carlos Russo, Diretor Esportivo.

Mais adiante tio João Piccinin, abusando da minha bondade, tomou-me mais 800\$000 para terminar o aludido campo. Assinou uma promissória em seu nome endossada por Alexandre Bortolus, declarando-me que, embora o dinheiro fosse para o Clube, ele seria o responsável (pelo dinheiro) inclusive os juros.

Fui para São Paulo e voltei recebendo com dificuldade 200 e poucos mil reis visto o Clube não estar dando renda.

O prazo de vencimento da letra de aproximava e ele me disse que eu fosse cobrar ao Clube. Como? Respondi-lhe eu. A promissória está em seu nome. E ele:

- Sim, mas todo mundo sabe que o dinheiro foi para acabar o campo de futebol.

E, para não cair no ridículo, afastei-me dando tudo por perdido.

Poderia ter protestado a letra e tio Xandin, o endossante pagaria. Isso nunca. Preferi perder tudo.

Tia Maria, esposa do tio Xandin com as lágrimas nos olhos me disse se eu protestasse tal promissória, eles perderiam a casa em que moravam, por não terem com o que me pagar. E mais:

- O Piccinin não paga, porque diz que você não precisa.

Olha titia, pode dormir sossegada porque não vou protestar nada.

E o tempo foi passando.

Até que um dia o Campo do Floresta F. C. foi vendido ao Clube de Tiro, Caça e Pesca.

Então ele, João Piccinin, me pagou o que lhe emprestei, sem os juros prometidos. Deu a tio Xandin

Cr\$400,00 e Cr\$200,00 a Antônio Honório da Silva. O restante, não sei quanto, ele o embolsou.

Não perguntei e não disse nada, pois já tinha dado tudo por perdido. A lição foi boa. Ensinou-me a não confiar em ninguém.

Em janeiro de 1934 fiz um título na Sul América Capitalização, nº 147396 - C.C.R., de 10:000\$000, pagável durante 23 anos, mensalidade de 20\$000, vencível em 1963, com a finalidade de fazer uma viagem à Itália.

Naquele ano uma passagem de ida e volta custava 3:000\$000.

Daí o belo sonho de criança.

Em 1963 quantos dez contos de reis serão precisos para tal fim?

Sim, de ilusão também se vive, mas quando se cai na realidade, muda-se de pensar.

Adquiri três apólices mineiras, certificado Benca, por 600 mil réis, tendo de pagar juros para receber juros.

Um verdadeiro conto do vigário de que somos vítimas por confiarmos na propaganda desonesta dos nossos governos.

Em casa, a situação começou a suavizar-se apesar das intransigências de papai com os seus costumes à antiga. Para ele a vida era comer, beber, trabalhar e dormir. A alimentação sempre nos foi dada em abundância, mas como nem só de comer, beber, trabalhar e dormir se vive, tivemos de fazer por onde, para o que nos foi dada ampla liberdade. E foi bom, porque aprendemos viver independentes.

Ele era construtor. Guido trabalhava com ele. Laurita e Noêmia trabalhavam na fábrica de seda da Sericultura e os outros iam à escola e faziam serviços caseiros.

Mamãe com uma ferida no pé, padecendo, pacientemente, lutava pelos afazeres do lar e conformando-se com tudo. Uma heroína.

Em fins de 1934 fui exilado no Estado de São Paulo, para atender interesses da suja política de Barbacena.

Segui contente para São Paulo, a alma cívica do Brasil, que estava e está, pelo menos, cinquenta anos mais adiantado do que o resto do Brasil.

Não conhecia ninguém em Ribeirão Preto. O Professor Concesso deu-me uma carta de recomendação para um seu ex-aluno, que não pude encontrar. O amigo Vilhena, também, deu-me uma carta para um seu colega, o qual estava em Cravinhos. Assim, como sempre, tive de resolver tudo sozinho.

Na Associação dos Empregados no Comércio, de Ribeirão Preto, à noite tirei o diploma de datilógrafo.

Embora já escrevesse à máquina há mais de dez anos, tive de me submeter ao prazo necessário para tal fim, fazendo, também um curso de taquigrafia.

Em seguida fiz com a Prof^a. Heler Kenerly, de Nova Iorque, um curso de inglês, tendo por colega o Calheiros. Certa manhã Calheiros apareceu-me no quarto e pediu-me emprestado 120\$000 para pagar prestação de rádio, serão lhe seria tomado. Estava agoniado. Tive pena e o atendi. No pagamento queria dar-me juro. Recusei-os.

Com a Prof. Idália Cecconi, da Dante Alighieri fiz um curso de italiano, pela manhã.

As mensalidades de cada curso eram de 30 mil reis.

●Adulto

E o tempo foi passando. Em março de 1940 fui obrigado pelas circunstâncias a entrar como sócio do clu-

be, ou melhor, Imperial Clube, sob registro nº 87. Paguei de joia CR\$15,00 e a mensalidade era de CR\$5,00.

Tive vários convites para ser sócio do Clube Barbaçenense, Automóvel, Andaraí e outros e bem assim da Liga dos Homens do Trabalho.

Recusei a todos por ver que no fundo queriam fazer-me ocupar cargos na Diretoria das aludidas sociedades, dos quais todos se esquivavam.

---O---

Em 22 de dezembro de 1940, fundamos o “Palestra Itália Clube”, sociedade recreativa, cujo fim seria a prática do futebol e outras diversões na Vila Roman.

Papai cedeu-nos o terreno e aproveitando o entusiasmo da rapaziada, começamos fazer o campo para os esportes. Roberto Delben nos trazia uma carroça com um animal do P.E. de criação, trabalhando-se aos domingos pela manhã.

Mas o fogo-de-palha foi acabando e a animação esfriando.

Aconteceu que nas festas juninas de 1941, fizemos três brincadeiras (bailes), em benefício do campo e conseguimos apurar cento e poucos mil reis e com mais um pequeno saldo de mensalidades, tudo em meu poder, resolvi acabar com o preparo do campo.

Celestinho nos emprestou uma carroça com um burro e com 37 dias de serviço a 5\$000 cada, no total de 185\$000, pagos a Belmiro Martin, 11 dias, Mário José Roman, 16 dias, Luís Roman, 3 dias, Pedro Edmundo Roman, 4 dias e José Alves Martin, 3 dias, ficou pronto o aludido campo, em fevereiro de 1942.

Organizei os estatutos que foram assinados pela Diretoria do clube em 16 de fevereiro de 1941.

Clariano Roman - Presidente

Guido Roman - Secretário

Roberto Delben - Tesoureiro
Marcos João Roman - Diretor Esportivo
Luís José Martin - Zelador

O numero de sócios era de 36, sendo 21 maiores e 15 menores.

Então foram realizados vários jogos e o entusiasmo voltou, mas a renda não dava para cobrir as despesas. Eu e meus manos tínhamos de gramar com a diferença.

Surgiram discussões, brigas, inimizades entre os associados e outros dissabores próprios do futebol.

Desgostoso, abandonei o clube, tomando aversão ao futebol, por ser nocivo, aborrecer e não recrear.

Guido e os outros manos ficaram à testa de tudo, mas sem administração organizada, por serem fanáticos, sem terem um proveito compensador.

---O---

Amores tive alguns conforme consta em “Coisas da Vida”.

E se não me casei foi porque o raciocínio dominou os sentidos da carne. Poderia ter casado bem, isto é, com riqueza, mas não quis criar mais problemas por tê-los em demasia e prezar a liberdade acima de tudo.

Casar é muito mais fácil do que ficar solteiro. Mas o que casa se divide e se subdivide, e as dificuldades crescem de dia a dia. Por quê? E para quê? O prazer da carne de poucos momentos cria problemas insolúveis para o resto da vida. E aí, então, se vê que cada um sofre pela sua ignorância.

O solteiro que sabe sê-lo é um herói.

Amar é bom. É coisa divina, mas sem se sofrer as conseqüências futuras.

---O---

Em Ribeirão Preto por ser quente ficava-se fora de casa até de madrugada. Bebia-se muito. Um chope custava \$400, e o mais nesta base.

Os amores eram fáceis. As mulheres nos procuravam nos quartos de dormir. Muitas coisas interessantes eu poderia dizer aqui a respeito delas, mas a censura particular não deixa.

Dançava-se todos os sábados e domingos nas várias sociedades (clubes), não se contando no Casino que era diariamente.

Após o Carnaval de 1935, conversando com a Prof^a. Heler Kenerly, ela me perguntou:

- Mister Roman, foi na Dante Alighieri?

Sim, respondi-lhe, e gostei muito.

Ela:

- Eu teria medo de ir. Só de ver o quadro dantesco na porta da entrada com aqueles demônios e no umbral "Lasciate ogni speranza o voi ch'entrate". Sinto calafrios. Que horror!

Eu:

- Qual nada. Mera fantasia. E sua filha teve medo? Gostou?

Ela:

- Minha filha foi por ter sido autorizada pelo Pastor da nossa religião (Protestante).

Eu:

- Pois eu fui sem licença de ninguém, por ser livre. E que quatro noites infernais! Deixaram saudade. Só a senhora vendo.

Ela:

- Oh! Oh!

---o---

Visitei, a título de curiosidade, a igreja protestante e os salões evangelistas de Entrada Franca.

Achei tudo muito pobre. Não gostei da preocupação dos pastores em atacar os padres católicos.

Vi, então, que a religião católica é invejada pelas outras seitas, por sua grandiosidade, pelo conforto que oferece aos seus adeptos e a todos que a procuram, visto ser a mais democrata do mundo.

O Integralismo estava no apogeu. Muitas e muitas dezenas de camisas verdes faziam exercício e desfilavam pelas ruas. Que bela juventude! Dava gosto de ver.

No dia 7 de setembro de 1935 fui ver no Teatro (cinema) Pedro II o Plínio Salgado falar. O teatro estava superlotado.

Fiquei bem impressionado com Plínio e a sua cultura, que poderia ser aproveitada nas escolas para outros fins.

Entre outras coisas o quiromante Baçuruça me declarou ter eu vocação para as ciências ocultas, mas ter uma barreira, que não me deixava frequentar sessões espíritas, o que era bom e não devia, visto ter eu uma mediunidade que se desenvolveria sozinha, quando eu menos esperasse.

Se tenho alguma mediunidade não posso dizer, porque ainda não se manifestou. Entretanto, aguardo, prazerosamente, a sua chegada e farei bom uso desse dom divino.

---o---

Ribeirão Preto, capital d'Oeste e do Triângulo Mineiro, era a cidade do pecado.

Durante o tempo em que lá morei não tive sequer uma indisposição, apesar do seu clima quente e doentio.

O meu peso era em 18.10.1934 de 62 quilos. Engordei nos primeiros cinco meses, sete quilos e meio. Deime bem lá.

Em novembro de 1935, mudamos para São Carlos onde foi sediada a I. R.

A cidade foi feita na encosta de uma montanha íngreme, tem um clima semelhante ao de Barbacena, por ter quase 900 metros de altitude. Sua população era de 20.000 habitantes em 1935.

Porém, quando menos se esperava, a temperatura caía bruscamente alguns graus. Um vento gelado do leste soprava três dias e três noites, ininterruptamente, causando distúrbios no aparelho respiratório de todo mundo.

Como cidade, gostei mais de Ribeirão Preto e como povo, São Carlos, por ser cidade pacata.

Era obrigado ir ao cinema toda noite porque as pequenas namoravam para casar e eram muitas e bonitas. Tinha de fugir do perigo.

Não posso deixar de mencionar Guiomar, de Boa Esperança, morena, de olhos verdes, Diretora da Escola de Corte e Costura, Amélia Carvalhais, professora que me deu as estampas do “Eu Sei Tudo”, que estão no meu álbum, Angelina Del Nero, Olga e muitas outras cujos nomes não me recordo mais.

Graças às viagens-excursão, válidas por três dias, de sábado a segunda feira, com um abatimento de 70%, se não me falha a memória, pude conhecer algumas cidades nos fins de semana.

De São Carlos a São Paulo, 266 quilômetros, pagava-se de ida e volta 22\$000, com seis horas de viagem.

Cidades com a população de Barbacena, em 1935, eram mais cultas e adiantadas, do que, atualmente, está a nossa mui querida Princesa dos Campos.

Ficava contristado ao pensar do atraso de nossa gente (mineira), tão abandonada pelos poderes públicos, quando podiam seguir o exemplo do Estado líder.

A vida era barata. Custava um terno de casimira, das melhores marcas, com acabamento de primeira, 250\$000, um sapato D.N.B., 40\$000, um chapéu Ramenzoni, 45\$000 e assim por diante, para pagar depois.

No dia de Ano Novo, 1936, fui jantar na casa do Entorgio, onde ele reuniu um grupo de amigos.

Tinha uma peixada feita na água de coco, à moda do norte, um cabrito e muitos outros comestíveis suculentos. Um banquete regado com vinho Damalisco, de Jundiáí.

Mas logo no primeiro copo, eu disse a Roberto, que estava sentado ao meu lado, não estar bom o vinho e que iria nos fazer mal.

Mas mesmo assim fomos comendo e bebendo até dizer chega.

Mais tarde eu e Roberto, descemos para a nossa Pensão, não me sentindo eu muito bem.

Deitei e dormi durante algum tempo, depois acordei suando e passando um mal de cachorro. Parecia que eu ia morrer asfiziado. Tudo rodava dentro do quarto. Com dificuldade cheguei à janela, abrindo-a debrucei sobre o peitoril e meti os dedos na goela. Aí vomitei tanto que quase saiu a alma pela boca.

Pela manhã D. Lea bateu na porta do meu quarto dizendo que seu Roberto estava passando mal.

Com sacrifício pude me levantar por estar numa fraqueza de dar gosto e fui ao quarto de Roberto.

Ao ver o estado de Roberto, amarelo da cabeça aos pés, quase desmaiei.

Ele tinha tido uma cólica de fígado.

Então eu tive forças para lhe dizer: Roberto, o que é isso? Quer que eu vá chamar um médico?

- Não, disse ele, já passou a crise. Não é preciso mais.

Senti calafrios o dia inteiro.

Soube, depois, que outros também, não haviam passado bem.

E toda vez que ouço falar em Jundiá, lembro-me do tal vinho que nos fez tanto mal.

---o---

O jogo era franco. Havia chalés e bicheiros em toda à parte. Todo mundo fazia sua fezinha no jogo do bicho.

Em São Carlos ganhei na centena 338, 160\$000, número da casa de minha pequena Scuracchio, 200\$000 num terno e mais 45\$000 numa dezena.

Passei o domingo de carnaval de 1936, em São Carlos, inferior ao de Barbacena. Segunda e terça feira fui a São Paulo, rico, mas pouco animado. Fiquei na casa da prima Virginia, na Mooca.

Morava na pensão de Dona Lea entre outros, Carlos Gobatto, Coletor Federal, recém-casado com Flávia. A Professora Marta Scuvero, viúva e Assistente do Ensino Regional, em São Carlos.

Sua filha, Sagramar Scuvero, então menina de uns 12 anos de idade era aluna em São Paulo, da Deputada Chiquinha Rodrigues, sua madrinha. Sagramar deu um espetáculo de declamação num dos teatros (cinema) de São Carlos, com uma assistência regular.

Numa tarde eu estava no meu quarto conversando com dois estudantes de Brotas, fazendo hora para sair, quando D. Flávia, vestida de branco, chegou à porta que estava aberta e disse agitada:

- Léo Roman, me dá um revolver para eu dar um tiro no Carlos.

Não tive empo de dizer nada, pois seu marido veio correndo e ao pegá-la, ela se estrebuchou no assoalho

dizendo que ele fosse embora porque não queria mais vê-lo.

Com o auxílio de D. Lea e da Profª Marta, foi levada para seu quarto.

Disseram ter sido ataque de nervos.

Percebi, então, que o ataque fora devido a arrufos amorosos.

Nas tardes bronzeadas gostava de ver bandas e bandos de andorinhas voarem no céu de São Calos e depois ao escurecer, em conjunto descerem sobre uma grande árvore defronte à Catedral (Matriz), fazendo grande algazarra.

---o---

Ao regressar em fins de 1936, encontrei na Inspeção o ambiente ainda mais desarmonioso do que antes e saturado de resistência passiva.

O Savassi, secundado pelo Calixto, não faziam e nem deixavam ninguém fazer nada além da rotina por eles criada.

Os dois faziam um mistério do serviço burocrático, das coisas mais corriqueiras, mesmo daquelas dos interesses dos servidores, a ponto de causar riso.

E assim o tempo foi passando.

Até que em fins de 1945, ficamos livres do Savassi e em princípios de 1947, do Calixto.

---o---

São Paulo foi para mim como uma escola de especialização, cujos conhecimentos me foram de grande utilidade aqui.

Calixto deixou a Secretaria (I.R.) completamente desorganizada. E dizia que a Inspeção sem o Savassi e ele iria se afundar com o Pão de Açúcar, onde eles se assentariam. Santo Deus! Quanta ignorância. É que tinham perdido a mamata. Daí o despeito.

Conforme já disse, de abril de 1947 a fevereiro de 1957, assumi a Chefia da I. A., em caráter provisório, isto é, até a vinda de um escriturário.

Então entrei em entendimento com o Mário Tomé, Inspetor Chefe, substituto, para darmos fim a bagunça reinante e iniciarmos um novo sistema de trabalho simples e prático.

Dezenas e dezenas de processos que estavam no cemitério, foram resolvidos. Tomé solucionava os de assunto técnico e eu os burocráticos.

Tempos depois a I. A. funcionava a contento de todos e em dia.

E, assim, até ser aposentado em 1957.

---O---

Calixto vivia decorando o famigerado código de Contabilidade, mas na sua aplicação fazia confusões.

Entre os seus casos vou apontar mais o seguinte: a carga e responsabilidade dos tecidos de seda eram do almoxarife, que fazia uma guia entregando o dinheiro da venda do citado tecido ao escriturário.

Este enchia outra guia recebendo o dinheiro daquele, e em seguida preenchia mais uma outra guia para recolhimento à Coletoria Federal.

Ora, eu fundi as três guias numa só, fazendo o responsável diretamente o recolhimento, classificando a T.A. a despesa e visando-a à Chefia. Fácil e razoável.

E assim muitos casos que até hoje estão em vigor na Inspetoria por serem feitos pelo bom senso, no interesse do serviço, isentos daquele exclusivismo e ao agrado de todos.

---O---

Nossa casa oferecia pouco conforto por não ter água canalizada e nem luz elétrica.

Então, em princípios de 1937, fizemos uma reforma completa da casa, com o aumento da cozinha, banheiro e outros melhoramentos.

Na redondeza não havia luz elétrica. Quis reunir um grupo de vizinhos para a compra do transformador e da respectiva rede.

Fui à casa do nonno Bortolus e ao acabar à minha exposição ele me disse:

- *Se tè sò mat!* Uma garrafa de petróleo la me basta *quindezè di*.

Na casa do Gigi Savestrin, D. Maria não quis ver nem falar em luz elétrica por ter medo de faíscas.

O compadre Roberto Piazzi achou boa a ideia, mas não saiu disso.

Assim, como sempre, tive de fazer tudo sozinho, pois os vizinhos tinham aquela mentalidade de papai, da lamparina de querosene, do carro de boi, de que os filhos não precisavam de instrução por se destinarem a trabalhos rudes e as filhas para a cozinha. Coisas herdadas do século passado, que para eliminá-las ainda continuamos lutando no interesse comum.

A instalação elétrica ficou em 1:363\$500 e foi feita por José Calixto da Costa.

---O---

Trouxe de São Carlos um rádio que fora do Entorgio e m'ó vendera por 800\$000, montado por um italiano amador Nicola de Collo.

Muita gente veio ver o rádio por ser uma grande novidade e fazia perguntas engraçadíssimas a respeito do mesmo.

Fiz, também, reforma do pomar, jardim etc. Pagava Léo Antônio Purcena 2\$500 por dia e comida.

Quería retificar os córregos, plantar toda a várzea de árvores frutíferas etc. Mas fui impedido por papai, que

estava se sentido mal com tantos melhoramentos e progresso.

O interessante é que eu queria beneficiar a todos sem pensar em minha pessoa.

Tivesse ele me deixado fazer o que planejava hoje a família estaria rica.

Então parei e dando um balanço vi que devia cerca de três contos de reis.

Foi fácil pagar, pois ganhava 700\$000 por mês e a vida ainda era barata.

---O---

Chegamos em 1950. No dia 1º de maio iniciei a construção de minha casa.

Eu não precisava de casa, por ser a que eu morava mais minha do que deles, devido os gastos que ali fiz.

Mas como viviam se preocupando não só por ter economias que cobijavam, como por ser solteiro, viver na casa de meus pais e mais umas tantas coisas, que não eram da conta de ninguém, resolvi fazer a casa onde moro.

Em casa, davam pouco apreço ao que tinha feito e fui me entristecendo por ver me cortarem umas tantas plantas de estimação.

A planta da casa foi feita por Cristiano Flish.

Era para ter sido construída antes da guerra, mas não o foi por causa dos vizinhos.

Naquela época teria sido feita pela quinta parte, visto não haver ainda inflação.

Embora tendo sido construída de quatro vezes, acabando em dezembro 1955, passei a morar nela em 8 de abril de 1951.

Foi feita pelos meus irmãos. Marante foi o que mais trabalhou nela.

Hoje vale mais de um milhão.

Lar, doce lar. Sossego...

Mas, a meu convite, Renato, recém-casado, veio morar comigo, e, como quem não quer filhos o diabo dá sombrinha, tenho dois para me chatear. Gostam de mim mais do que a seus pais. E sinto falta deles quando não estão em casa. Virei corujão. E assim vou levando a vida.

---O---

Guido e Noêmia casaram-se e deixaram a casa. Laurita e Maria pouco se preocupavam por pensarem em dar o fora pelo casamento, como fizeram. Assim perdi o entusiasmo, trazido de São Paulo, de umas tantas coisas, por não encontrar interesse de quem elas eram destinadas.

---O---

Cinquenta e cinco anos de idade faço hoje, 16.04.1964.

Vim a este mundo de torturas fazer o quê? Se quase tudo o que quis fazer deu às avessas.

Será que vim pagar pecados cometidos em outras existências?

Todos dizem coisas, mas ninguém prova nada.

O além é incerto. O medo cria filosofias.

O certo é que cada um tem sua vida e seu caminho traçados não podendo fugir.

A gente vem do nada e acaba em nada. *Polvera est polvera deventorunt.*

Enquanto era moço tinha ideais; sofria e vivia corajosamente para vê-los realizados. Hoje esses ideais poderiam ser efetivados, mas, a mocidade necessária já se foi no meio de frustrações, por chegarem sempre quando não há mais interesse.

Nasci velho, muito velho, num mundo aonde nunca pude me ambientar, embora tenha sempre vivido con-

formado, por existir uma razão superior fora do alcance da inteligência humana.

Não me casei para não dar vida a seres para depois sentir remorsos pelos sofrimentos fatais deste mundo.

O meu mal foi sempre pensar demais sobre as coisas. Daí o sofrimento por sentir as dores da humanidade.

Estou cansado de tudo, pois a vida não me apresenta mais coisas novas para serem aproveitadas.

Mas sinto nostalgia de um passado que jamais me pertenceu.

Vejo o futuro cheio de sombras tenebrosas. Tenho medo de viver...

Deus! dai ao meu espirito bastante luz para eu poder suportar os poucos anos de vida que me restam e ter boa morte.

---o---

Deixei crescer meus cabelos brancos, e o resultado foi:

- Maria, que fiquei bem, parecendo com Carlos Gomes.

- Zininha, que fiquei mais bonito e parecendo com artista e até mais moço.

- Zebelinha, que fiquei muito bem, parecendo como um grande compositor.

Das mulheres sempre foram lisonjeiros os pareceres.

Mas, dos homens, alguns carecas, não gostaram e até puseram defeito.

Será porque eles não têm cabelos para crescer? Acho que sim.

Doutor Ângelo:

- Que com cabelo comprido fico parecendo um filósofo.

M. assustado:

- Que estou parecendo como Dona Angelina, minha falecida mãe... Bonito... Ah, meu cabelo comprido está dando de falar.

• Religiões

O mistério da origem do homem ainda está indecifrável.

Este vem ao mundo impulsionado por uma força superior e um fim determinado que desconhece.

É regido pela Lei do Karma.

Lei da causa e efeito.

Tem o livre arbítrio. Daí, *ego sum*.

Sabe como o corpo físico se transforma depois da morte.

E como será o corpo espiritual?

Com medo do futuro, quer material quer espiritual, criou o homem as religiões, segundo sua conveniência simbolizadas por um deus desconhecido.

Deus tem muitos nomes: Deus Nosso Pai, Força Criadora do Universo.

Deus está na terra, no céu e em todo lugar.

Dizem que o sofrimento da matéria purifica o espírito, mas se o Criador das coisas nos dá um corpo sadio, por que martiriza-lo?

Mens sana in corpore sano.

Devemos cuidar do que nos foi dado e fazer bom uso de tal doação.

Fala-se muito no paraíso, vida eterna, depois da morte.

Mas como seria, pois os que se foram ainda não voltaram para nos contar como é lá?

Vejamos como é explicada a boa fé dos crentes para a conquista das bem aventuranças propaladas e como os deuses funcionam.

Os chineses faziam dívidas para serem pagas noutra encarnação.

Os japoneses, na guerra, eram torpedeiros suicidas por acreditarem noutra encarnação logo adiante.

Thor era o deus da guerra dos povos germânicos e os jovens que morriam no campo de batalha, eram levados ao céu pelas valquírias. Os que morriam de velhice ou doentes iriam para o reino de Hell, onde só havia trevas e bastante frio.

Jehovah o deus da guerra dos israelitas, o povo eleito com o seu poderoso exército de 603.550 guerreiros exterminou todos os povos pacíficos das terras inválidas com a maior crueldade.

Os Astecas e os Incas adoravam o sol de quem se diziam filhos.

Os católicos creem alimentarem-se do corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, transubstanciado em pão e vinho, comendo um ser divino como se fossem antropófagos.

Antes, porem, confessam os seus pecados a um sacerdote que lhes dá absolvição das culpas, sem ter autoridade para tal fim.

Quanta ilusão não produz a autosugestão, catequizada e condicionada, onde não prevalece o raciocínio.

O homem, com medo do futuro, procura a Deus para garantir o descanso eterno no Paraíso. Será?

Abu Bakr sucessor de Maomé asseverava aos seus guerreiros que os esperavam uma bem-aventurança toda especial se tombassem em combate com o inimigo, um céu repleto de belas mulheres. Daí o fanatismo.

Quase três milhões de fanáticos das Testemunhas de Jeová, estão se preparando para um vestibular onde existem apenas 144.000 vagas.

Os que não forem classificados irão para o geena (inferno), sendo Jesus Cristo, o juiz.

Ó doce Jesus, como sois mal compreendido! Tendes compaixão deles, pois cada um será julgado conforme suas obras, assim dissestes e assim será.

Os Rosacrucianos escolhem o lugar para as futuras encarnações.

Certos espíritos sugestionados dizem que vão formar no espaço colônias e depois voltam a se encarnar, conforme a sua escolha e outras coisas mais parecidas.

Todas essas ideias são maravilhosas. Que beleza!

É preciso amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Ninguém sabe de nada.

Tudo é pura ficção. O certo é que devemos estar preparados para que der e vier. Deixa o tempo passar.

Finalizando este ligeiro bosquejo, espero, se existir outra vida depois da morte, ir para o lugar que merecer com a mesma disposição física e espiritual que tenho tido nesta vida, onde lutarei para vencer em todos os setores.

Agora que já fiz setenta anos de idade, alquebrado, estou realizado graças aos meus esforços que não foram poucos. Sempre que pude fui útil. A minha consciência está tranquila. Estou em harmonia com o ambiente que criei inspirado pelos meus guias espirituais. Graças a Deus, o Criador de todas as coisas. Sou feliz no paraíso terrestre, que formei a meu contexto.

Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

• Papai e mamãe

Pai, nome que foi dado a quem nos deu o ser ao satisfazer um prazer da carne.

Papai casou-se porque todos se casam. E por que havia ele de ficar solteiro se podia ter uma mulher para dormir? Está claro que não devia ser diferente dos outros. Podiam falar, pois o matrimônio foi instituído por Deus, que é solteiro e aconselhado por quem não se casa, o Padre.

E a família? Ora é uma coisa que se não deve pensar, porque tudo no fim dá certo. Desde que tenha comida, cresce e se desenvolve como qualquer animal, ou qualquer planta.

Vestir bem e instruir filhos, para que? Isto tudo dá despesas e sendo os filhos sabidos é um inferno, não se deixam explorar. Assim sempre pensou papai que viu nos filhos uma fonte de renda, mas como não pode conseguir o que desejava, transformou-os em pensionistas como prova de amor paternal, apesar deles nunca se esquecerem dos deveres para com a casa.

Embora papai não se preocupe com as coisas que dizem respeito ao lar, tudo lhe corre bem; e tão bem lhe corre que, haja o que houver, ele dorme roncando e soltando ventos a noite toda.

Noutros tempos, quando tinha trabalho, comida e mulheres, não se preocupava com mais nada. Hoje, já velho, além dos dois primeiros, também gosta de um gole que o torna aborrecido e insuportável. Mesmo assim é um homem feliz. Não tem culpa porque nasceu para ser o que é.

Não é verdade que “tal pai, tal filho” e “quem é filho de peixe, peixinho é”, porque felizmente papai não tem nenhum filho à sua semelhança.

---O---

Há pessoas que fazem de uns tantos hábitos uma segunda natureza, embora os mesmo lhe sejam provados estarem errados.

Mamãe tem alguns interessantes:

Criação de pintos.

- Mamãe, porque é que a senhora solta os pintinhos em cima dos canteiros das sementes e das plantas miúdas?

- É porque os pintos não podem ser criados no meio das galinhas.

- Bem, então eu vou fazer um cercado só para eles e as plantas terão assim, sossego.

- Não, não faz nada, porque os pintos não podem ficar presos.

- Mas... Está bem mamãe, está bem. A senhora não precisa se zangar.

---O---

Moinho de fubá. Certa gatinha traz para moer em nosso moinho, milho que varia de meia quarta a meio alqueire.

Quando vem trazer o milho, pede frutas e hortaliças e quando vem buscar o fubá, a mesma coisa.

Por causa de 200, 400, 600... Réis, levam em média dois 2\$000, o que não é nada vantajoso.

- Mamãe, porque a senhora não dispensa essa gente que só dá trabalho?

- Não dispenso porque sempre me dão uns trocadinhos.

- Bem, então a senhora vê quanto o moinho lhe dá por mês, que eu lhe darei a devida importância; e ficamos livres dessa amolação e a senhora descansará um pouco.

- Seria bom, mas eu fico com pena dessa gente.

- Mãe, pena é fraqueza. E quem tem pena da senhora que trabalha tanto e doente?

- Deixa ficar; a gente precisa ajudar a quem precisa.

- Sendo assim a senhora tem razão e não se fala mais nisso.

---O---

Macacas lenheiras. Um grupo de mulheres vagabundas e de cor vive em nossos matos, furtando lenha.

Além de levarem a lenha, ainda vêm pedir frutas para serem saboreadas lá nos matos.

- Mamãe, a senhora ainda dá frutas a essas mulheres?

- E o que é que se vai fazer?

- Muito fácil. A senhora diz que as frutas são para vender e que não podem ser mais dadas porque dão despesas para serem tratadas. Experimente convidá-las para capinar o pomar e a senhora verá como ficamos livres dessas macacas vagabundas.

- Ora, eu não vou negar frutas a ninguém. Antes dar do que pedir.

- Está bem mamãe... Está bem.

- Não é preciso se zangar.

Os seus sentimentos são nobres.

---O---

Maria, com sua filha de uns dez anos de idade, foi pedir esmolas lá em casa de mamãe.

Mamãe perguntou se a menina havia deixado o emprego.

- Ah! Respondeu ela, eu tirei a minha filha do emprego, porque lá ela não tinha leitinho, docinho, biscoitinho, que tanto gosta, e também podia se aguar. Não acha a senhora?

- Mas, disse mamãe, você pode dar a ela isso tudo.

- Posso sim. As esmolas dão e sobram e ela não precisa trabalhar.

Essas mulheres que andam quilômetros e quilômetros, de casa em casa, pedindo as coisas, não são inválidas, são vagabundas que precisam ser enxotadas por estarem explorando a boa fé alheia (das mulheres) e serem mendigas profissionais.

● Mulheres

O que se diz das mulheres.

- Brida: Las mujeres tienen temperamento irascible; son celosas, son envidiosas, son estupidas.

- Pouco resiste o sistema religioso, quando a mulher lhe invade a doutrina e a disciplina.

Como agir com as mulheres:

- Não as vendo. Não lhes falando. Ficar atento...

Confúcio:

- Educação da mulher, caráter, fala, aspecto e habilidades.

“Quando três mulheres estiverem de acordo sobre alguma coisa, brilharão as estrelas ao meio dia”. Provérbio Hindu.

“Todo mal da vida é de origem feminina”. C.N.

“As mulheres gostam do que é falso”. C. Custer.

“Um homem sem mulher não vale nada e a mulher sem homem vale muito menos”.

“As mulheres não servem para nada, e estragam tudo em se metendo nalgum negócio sério”. E. Zola.

“Não há mulher que resista a uma boa conversa”.

“O conselho de mulher vale pouco e quem o toma é louco”. Sabedoria popular.

“Em casa de mulher rica ela manda e ele grita” S.P.

“Deve-se temer mais o amor de uma mulher que o ódio de um homem”. Sócrates.

“O homem é das mulheres e a mulher do homem”.

“A mulher tem inteligência limitada e quando a força faz besteira na certa”.

“A mulher não tem criação própria; faz o que vê e ouve, chegando até ao ridículo, para depois dizer que é moda”.

- Homens

Os homens já nascem destinados a serem o que são. Uns nascem para o trabalho e o sofrimento contínuo e outros para viverem na ociosidade, à custa daqueles que têm boa fé.

Jamais haverá igualdade e fraternidade porque os homens são diferentes, como se vê entre irmãos, filhos dos mesmos pais, com a mesma educação e civilização.

Há diferença até nos cães. Os vira-latas são olhados com desprezo e enxotados; outros são estimados e alguns vivem nos colos macios, sendo tratados a doces e acariciados. E assim em tudo, o que vem provar a desigualdade.

Quando nasce um filho de um trabalhador, uma tristeza me invade todo o ser, apesar dos pais demonstrarem certa alegria. Não sei por que não me desmancho em um copioso pranto. Sofro terrivelmente sem poder encontrar alívio ao pensar nos males do mundo oriundos da propagação da espécie dessa gente.

Pobre humanidade, ainda acredita em Deus, Pátria e Família.

Deus, ser imaginário que ninguém nunca viu, mas que os espertalhões exploram a seu bel prazer os que lhe são crentes, isto é, os fracos de espírito.

Pátria, terra onde nascemos para servi-la, devemos, nós, os pequenos, morrer para a glória e o bem estar dos grandes.

Família, a desgraça do povo, a miséria do mundo e a riqueza dos plutocratas.

- Tia Maria

Em 21.06.1946 entrada oficial do inverno.

Também foi a entrada do inferno em nossa casa.

Maria com o seu homem, duas crianças, frutos de suas sujeiras e bem barriguda, hoje cedo apareceu aqui dizendo terem sido expulsos da casa do Celestinho, onde moravam de favor.

Toda desfeita em prantos, contou uma longa história, a seu jeito, que papai e mamãe acreditaram, acabando por lhes dar o quarto do mano Mário, que se encontra na Vila Militar.

Meia hora depois, Maria soltava gostosas risadas, como se nada tivesse acontecido. Pudera... A vitória foi grande.

Aqui entraram pobres de dinheiro e de crédito, mas ricos de miséria e pouca vergonha.

Ela, encontrando oposição no casamento, por ser ele um tipo sem classe, ficção entre os desclassificados, fugiu vergonhosamente numa sexta feira da Paixão.

Depois, com as economias que ela possui passaram uns tempos triunfantes.

Dizia:

- Basta viver bem. O amor acima de tudo. Quem faz o homem é a mulher.

E mais outras idiotices ditas pelas mulheres.

Ele, além de ser antipático por natureza, não se dá com o trabalho de espécie alguma, provindo daí todos os seus males. Enquanto podiam iludir a boa fé de umas tantas pessoas, foram vivendo. Depois as coisas mudaram. Feia miséria.

Maria apelou, então, para os sentimentos de mãe, que não falharam como não podiam. Mamãe transformou-se e começou a fazer economias ridículas em tudo, as quais, às escondidas, eram mandadas levar à casa de Maria. E não admitia observações, chegando até a mentir, quando era surpreendida. Não se discutia. Era para a filha, os netos e... O malandro. Ninguém tinha nada com isso.

Não querendo trabalhar, apesar de ser um animal sadio, sente-se mal aqui em casa, onde todos se movimentam.

Sabe ser manhoso e, além de ser um indesejável, vale menos de um cachorro vira latas.

Não queria comer qualquer coisa. Não tomava sopas, não comia verduras, saladas e dizia que o azeite lhe fazia mal.

Mamãe preparava-lhe pratos especiais com todo cuidado, coisa que ela não fez para nós, os filhos. Mesmo assim não ficou satisfeito e quis fazer greve de fome, alegando que a comida lhe fizera mal por ter azeite.

Querida se impor, mas dois dias depois foi vencido pela fome e passou mansamente a comer de tudo e tudo lhe fazer bem.

Mamãe queixando-se eu lhe disse:

- A senhora precisava era apanhar uma surra de chinelo para deixar de ser boba. Até é uma vergonha dar atenções a este tipo sujo. Se ele é detestado e corrido pela sua própria família e pela sua mãe, por que é que

temos de aturá-lo? A senhora não vê, não vale o que come.

Após o jantar todos faziam alguma coisa para passar o tempo, mas ele não queria fazer nada, nem mesmo tomar conta dos seus filhos e cuidar dos interesses particulares dele.

Uma tarde, sábado, papai precisava dele para auxiliar a carregar e descarregar um caminhão de tijolos, mas ele se fingiu de doente e foi para cama cedo. No dia seguinte não queria se levantar com medo de fazer alguma coisa. Então, diz papai:

- Se ele está doente precisa se tratar. Para começar, prepara-lhe um bom purgante.

Não foi preciso dizer duas vezes. Saltou da cama, vestiu-se e foi passear, voltando à tardinha.

Foi ao quarto onde chocou cerca de duas horas e depois foi chutar bola até as estrelas aparecerem no céu.

Só não adocece para jogar, passear e outras malandragens. No dia seguinte diz estar com o corpo moído.

Pudera... Para não trabalhar, sabe fingir.

As crianças vivem estragando e sujando, mas Maria ainda tem o cinismo de dizer:

- Deixa elas, porque enquanto estão fazendo isso a gente fica sossegada.

Nas horas das refeições as manhas são sempre acompanhadas de um choro irritante. À noite não se pode dormir... E, além das crianças, ele briga com a mulher, por sentir-se mal com o choro dos filhos. Que inferno!

Também o que se pode esperar de frutos oriundos de má semente?

---o---

Em 30.11.1946 finalmente ficamos livres do inferno dentro de casa, pois se mudaram para a casinha que papai e os manos, por compaixão, lhes fizeram.

Assim, mamãe pode melhorar seu estado de saúde que havia sido agravado pelo excesso de trabalho, pois Maria só se preocupava em acarinhar os filhos e fazer-lhes as vontades, e ainda julgava-se com direito de ser servida em tudo, com o malandro e os três filhos.

E foi assim que compreendi o que é “uma casa de sogra” e “a quem Deus não deu filhos, o diabo dá sobrinhos”.

---o---

O tempo vai passando. De vez em quando se sabe de umas tantas coisas pouco recomendáveis a respeito dele.

Recebeu donativos dos parentes e arrumaram-lhe a casa, que passou por uma melhora. Parecia até que estava tomando juízo.

Mas, sem motivo algum, deixa a casa com a família e tenta mover uma ação judicial contra papai, pedindo indenização pelas benfeitorias que lhes foram feitas, aranjando um punhado de documentos adulterados.

---o---

Andradinha foi o advogado dele e Amilcazito o de papai.

Deu bastante aborrecimentos a todos.

E, para nos vermos livres da sua presença odienta foi preciso dar-lhe vinte mil cruzeiros, embora tivesse morado na casa de novembro de 1946 a abril de 1957, sem pagar aluguel.

Recebeu de benfeitorias doadas, usufruída pela sua família e que lhes eram destinadas.

Com um chicote na mão fez seus filhos se ajoelhar no chão e os obrigou a jurarem nunca mais por os pés na casa de seus avós maternos. O juramento não podia ser cumprido, pois as crianças adoram seus avós e, de quan-

do em quando vem vê-los, com exceção do mais velho que sempre foi igual ao pai. Um ordinário.

Deixou o emprego na Agrotécnica, que lhe foi dado por José Bonifácio, e agora está servindo a gente dos Bias Fortes.

Ele nasceu torto e nunca se endireitará, infelizmente.

- **Sonhos**

Eu me vi numa grande cidade no meio de uma rapaziada alegre. Podia ter uns vinte anos de idade.

Era alto, loiro e de belo físico.

Depois, já na idade de trinta anos, vestido de preto, estudava medicina e me especializava em pesquisas.

Morava num casarão. No centro havia um grande corredor, no qual apareceu um oficial do exército, alto e de farda amarelada, transparente.

Fiquei apavorado, mas assim que ele chegou perto me cumprimentou, amavelmente, e disse:

- Estou fazendo um recrutamento de soldados, porque dentro de três meses vamos ter uma grande revolução.

E eu:

- Bem, eu já passei da idade e meu sobrinho Ernesto, só tem 11 anos. (30.07.1967).

Aconteceu que o pavor se transformou em simpatia por me tornar oficial transparente e irradiar fluidos benéficos.

Sim, houve em mim uma grande resolução espiritual, com os novos conhecimentos adquiridos com Arpas Eternas, Origenes de la Civilizacion Adamica, Cumbres y llanuras, Moisés e outras mais, resultando em um começar tudo de novo, religiosamente.

---O---

Estava ajoelhado. O Papa Paulo VI com as mãos sobre minha cabeça me abençoava.

E eu pensava! Quanta gente no mundo ambiciona esta benção fazendo sacrifícios para tal fim, embora eu não veja nenhum valor nisto, e ver em Paulo VI um polígrafo, espião e intrigante a serviço dos imperialistas americanos.

---O---

Eu me vi morto dentro de uma urna funerária, numa câmara ricamente ornada.

Meu espírito, então, saiu de dentro do corpo material que estava na urna e foi para a porta de entrada. Lá estava um grupo de oficiais com suas fardas transparentes a espera para me levarem.

Bem, disse-lhes eu, não é preciso fazer alas. Vamos todos juntos. Em frente havia uma escada com muitos degraus, que subimos, e ao chegarmos em cima, acordei sem ver como era no além.

---O---

Pouco antes de o Fortunato desencarnar, eu e ele de braços dados andávamos por uma rua muito movimentada.

Repentinamente, dois irmãos pretos como um carvão saíram de dentro do corpo de cada um de nós e correndo sumiram na nossa frente.

- Olha Fortunato! Os nossos vícios que se vão.
- É mesmo.
- Os meus de beber e fumar.
- E os seus de frequentar dancings e folias.

Nos últimos dias de existência de Fortunato. Já em estado de coma.

Fortunato apareceu trôpego e me abraçou fortemente, dizendo:

- ó, quanto eu devo a você !

Não Fortunato. A mim você não deve nada, porque nada fiz. Você deve tudo a um dos setenta, a cujo grupo pertencemos.

Ao lado estavam dois rapazes, de estatura média, pálidos, vestidos de branco e pareciam gêmeos.

Um deles, então, virou-se para mim e disse com desdém:

- Setenta?

E eu para ele com altivez:

- Sim, um dos setenta que, com Moisés, no Monte Sinai, receberam do Pai Celestial os Dez Mandamentos.

E ele:

- Você sabe o que é fígado?

- Ora, todos nós sabemos que o fígado é um órgão muito importante do corpo humano, mas o caso dele, Fortunato, é diferente.

E ele com raiva:

- E você sabe o que há entre o Catete e o Botafo-go?

- Sei. Mas em boca fechado não entra mosquito.

---O---

Depois de falecido, sonhei com ele, Fortunato, que estávamos de pé, em frente a uma grande mesa cheia de pilhas de livros, rolos de papel e outros objetos.

Ele, moço, com uma bela cabeleira castanho escuro e muito alegre, me pediu os meus óculos dizendo que iríamos ver uns tantos efeitos.

De um lado da mesa estava um prato com fatias de pepino e do outro, um pires com sal. Começamos então a comer as fatias de pepino que antes eram passadas no sal.

E assim despertei.

---O---

Noutro dia...

O mesmo Fortunato rindo das bandeiradas despregadas da sua mulher Laura.

Ria e me dizia:

- A Laura, por causa dos cheques, está me fazendo rir. E ria, ria e ria, sem parar.

E eu:

- Ora Fortunato, o que tem isso?

E ele:

- Você é que não sabe!

E ria, ria, ria... E sempre rindo desapareceu no espaço.

---o---

Madrugada do dia 04.10.1971 encontrei-me com Fortunato muito forte, mas de cor um tanto escura.

Eu:

- Fortunato, como é que você ficou assim, escuro?

Ele:

- É que tenho trabalhado e lutado muito.

Nesse momento passou entre nós a imagem resplandecente do doce Jesus, desaparecendo logo no espaço infinito.

Fortunato então me disse:

- Você vai se desintegrar.

E eu me vi com um corpo material alto e muito forte.

De muitas partes do corpo comecei ouvir detonações internas, as quais me davam um bem estar e me purificavam o espírito.

---o---

Em 13.10.1971, vi Fortunato, magro, cabisbaixo e calado.

Eu:

- Fala com a gente!

Mas ele nada disse.

Então, eu, abraçando-o:

- O que há com você, Fortunato? Fala com a gente!

Mas ele não falou, apesar da minha insistência.

---O---

Era uma casa grande, velha. Para se entrar nela subia-se uma escada de pedra em mau estado. Duas moças ajudavam as pessoas subir a dita escada dando-lhes às mãos.

Uma delas se recusou a dar-me a mão, mas a outra pediu para eu esperar por ter antes de ir a uma casa próxima, sem que seu pai o soubesse. E desapareceu como a primeira.

Aí, então, eu num esforço supremo consegui superar os obstáculos pela falta dos degraus, chegando até a porta de entrada.

Entrei numa grande sala, onde muitos pares dançavam. Lá encontrei Fortunato, Savassi (o velho), ambos altos, louros, muito joviais. Eles e eu parecíamos trigêmeos.

Eu:

- Fortunato? Como vai você? Está melhor? Faço esta pergunta por que nós temos umas tantas coisas que só podem ser resolvidas com o tempo.

E ele bem humorado:

- Imagina você, o Renato meteu na minha mulher...

Uma gargalhada estrondosa foi ouvida. E eu, também, rindo acordei.

O relógio marcava 3 ½ horas da manhã do dia 20.01.1972.

Nota: Na visão, a mulher dele era a atual do Tino.

---O---

Em 27.11.1972. Madrugada. Em uma casa grande e velha. Lá se encontrava o Papa João XXIII (Giuseppe Roncalli). Eu falava a uma mocinha:

- Nós estamos aqui com o Papa, honra que bem poucos têm o privilégio de ter.

Entro numa grande sala onde estava só João XXIII assentado numa velha poltrona, com as vestes alvíssimas. E com aquela simpatia, ele me diz:

- A salvação da alma não está na religião.

Já sonhei com Paulo VI e agora com João XXIII.

O que significa tais sonhos com tais personagens?

---O---

Manhã de 29.07.1973. Foi na casa de Fortunato, cuja residência era na antiga Sericícola. Lá o encontrei com o cabelo comprido e tingido de preto.

Com ele estava um senhor com uma cabelereira à Luiz XV, que quis me vender uma cabeleira por 50 cruzeiros.

Então, Fortunato me convidou para irmos a São João.

---O---

Quase ao acordar de manhã do dia 24.06.1974, em um salão, um homem falava um tanto exaltado, a um grupo de pessoas atentas.

Eu estava noutra salão, cuidando de duas pequenas fogueiras.

Olhei por uma janela e vi, lá embaixo, Fortunato um tanto acabrunhado pela morte de sua mulher Rosa. (Qual será das Sete Rodas-Chakras?)

Saindo da sala o tal homem que falava foi ter com Fortunato. Daí a pouco começaram a soltar gargalhadas estridentes, chamando atenção de todos pela transformação de Fortunato que logo desapareceu no espaço.

---O---

Em 28.09.1973, Fortunato, rapaz muito corado, esbelto e alegre aparece-me e diz:

- Vai haver transformação...

- De que, pergunto?

Desapareceu.

---o---

Em 01.04.1974. Madrugada. Na Repartição eu estava com Diva, moça bonita e muito alegre.

Digo:

- Poderia assinar o ponto, mas ainda é muito cedo.

Aí me lembrei de que ela era falecida. E então, pergunto:

- Diva, como vai você? Onde está, está bem?

Ela evaporou-se lentamente.

Alguém me pergunta:

- Você conversava com quem?

- Com a Diva, mas ela desapareceu!

---o---

Certa noite, visitando Maria Antônia, lá encontrei Celeste e Alexandre que foram fazer consultas ao guia de Antônia sobre assuntos de família.

Logo após a saída dos mesmos do quarto ao lado, o guia "Caboclo Ventania" diz à Maria que queria falar com o visitante que estava na sala. E eu fui.

Então, ele disse:

- Que minha mãe falecida não estava na casa de cá e sim na minha, que me protegia e que tinha muita pena de me ver sozinho.

E mais:

- Que eu tinha bom coração, um espírito de muita luz, muito evoluído e protegido por bons guias.

E assim se despediu.

Boas notícias.

- Obrigado, Caboclo Ventania.

---o---

Um sonho curioso, em 05.05.1975.

Eu estava numa rodoviária a espera de um carregador que fora comprar uma passagem para Curitiba, a cidade dos Suíços.

Enquanto aguardava, vi o Presidente Geisel de roupa clara, no meio da multidão.

Descendo por uma escada torno a me encontrar com ele. E ele me diz:

- Já que somos íntimos vamos nos assentar na escada. E disse mais:

- Criei muitos macacos, mas agora devido o mau cheiro deles deixei tal criação por indesejável.

E assim acordei.

---o---

Parecia-me não ser mais deste mundo.

Encontrei-me num grande salão retangular, artisticamente ornamentado.

Disse a alguém:

- Sinto-me muito bem neste ambiente, embora desejasse viver mais três anos na terra. Em 21.05.1975.

---o---

Quase ao amanhecer do dia 08.05.1972, em minha casa, vejo mamãe de meia idade, alta, esbelta, bonita, com as vestes brancas de renda e uma criação no colo.

Alguém está cantando.

Desceu a escada. Em baixo está o Sr. Chaquib, que me diz para falar a D. Angelina estar de parabéns pela morte do Fortunato... Morto pelo seu mau procedimento.

Como se pode decifrar tais sonhos?

O relógio marcava 3:15 h do dia 20.08.1975, quando acordei.

---o---

Antes estava na Sericícola, quando ouvi alguém dizer ao Savassi que estavam prontas 500 mudas de amoreira para despachar.

E eu pensando:

- Vai ver que ele quer mandá-las logo. Vou dar o fora senão ele virá me chatear a esta hora tão imprópria.

Saí. Peguei um trilho na beira do morro o mais depressa que pude. Logo atrás me apareceu o Savassi, dizendo que iria comigo. O morro era muito alto.

Fomos subindo, subindo, até chegarmos ao cume, não sem dificuldades e perigo de cairmos nos desfiladeiros.

Lá na estrada de Cireia, velha, num planalto via-se de quando em quando um xalala com seus cães, não agressivos.

Andando chegamos a uma bela vivenda antiga e o Savassi então, desapareceu.

Entrei numa grande sala e lá vi vovó Antônia assentada numa poltrona rodeada de outras mulheres, vendo-se muitas blusas, saias, camisas, meias e outras confecções de vários padrões, todas de seda animal.

---O---

Dormi e tive outra visão.

Numa praia grande, ondas claras impediam a gente de se aproximar delas.

Eu e outro nos afastamos e procuramos um terreno mais elevado onde se via uma grande construção em que estavam animais de várias espécies.

Pouco além avistamos novamente o mar sereno.

Ao regressar encontrei-me com o Barreto (falecido) que me disse:

- Nós temos de nos encontrar sempre. Aí acordei!

- Estados Unidos e Outros

Reagan, Presidente dos Estados Unidos, o país mais rico e poderoso do mundo, foi baleado em 30.03.1981, por um mocinho, filho de milionário “menino de casa”, para mostrar que era valente, a uma de suas namoradas, coisa própria de americanos.

A bala, que atingiu o pulmão, foi extraída e Reagan vai passando bem, apesar de às vezes, ter febre de 39°.

Ele não poderá mais montar em cavalos e rachar lenha.

A que ponto chegou aquela Nação de ter um cowboy lenhador para governá-la, parecendo até um filme de cinema.

---O---

Agna, 12.04.1981, às 9 horas, mostrou ao vivo o lançamento de um ônibus espacial. Subiu e dividiu-se em dois. O da direita, maior, em forma de bola incandescente sumiu logo e o da esquerda, menor, foi caindo, caindo até desaparecer, não dando mais notícia. Será que ele foi para o país dos macacos?

Os americanos têm muito de palhaços.

Repetem-se as farsas do homem à lua e de um jipe tripulado, cujos filmes foram antes e depois dos lançamentos, os mesmos.

Eu vi e ouvi o chefe do Canaveral, numa entrevista da televisão, que ninguém ainda tinha ido à lua por não se ter resolvido o problema da lei da gravidade e que os filmes apresentados foram produzidos em Hollywood.

Hoje, 13.04.1981, tornou a aparecer num deserto nebuloso o ônibus, onde um grupo de repórteres estava a espera para depois propalarem tal proeza.

Qual será a próxima façanha? Aguardemos ansiosamente.

Nos Estados Unidos existem igrejas satânicas cujos fieis adoram o demônio e abertamente o reconhecem como seu líder, reinando assim a perversidade porque obedecem às forças do mal.

O lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki diz bem o que é o americano.

Os Estados Unidos pretendiam dominar por meio do genocídio, o Vietnã, resultando em completo fiasco. Venceram as forças do bem.

Convidou os participantes das Olimpíadas de Moscou para fazerem um boicote às mesmas, mas redundou em fracasso vergonhoso.

Queriam eles, os americanos, ocupar o Irã, mas a tentativa falhou, sendo presos 51 espões, que deviam ser fuzilados, ficaram como reféns e foram indultados.

De conivência com Israel, os Estados Unidos bombardearam a usina atômica do Irã.

Não satisfeitos, os bandidos americanos fizeram explodir uma bomba no Parlamento do Irã, matando 52 pessoas, perversamente.

Mas eles se esqueceram de que a Lei do Karma é inexorável, tarda, mas não falha e serão punidos pelos crimes cometidos e que cometerão, por violação dos direitos humanos. Sua prepotência será fatalmente destruída pelas forças superiores do bem!

---o---

U. S. A. Estados Unidos da América.

Lá é a terra dos americanos e a América é deles.

É a nação mais rica e poderosa do mundo.

Com o dólar eles dominam onde encontram ambiente propício.

Mas... “Os americanos... Não criaram nem arte, nem música, nem literatura, nem grande filosofia ou religião, não manifestaram nenhum sinal de sabedoria pro-

funda”. (Louis Joseph Lebret, conhecido no Brasil como Padre Lebret, - Em *Hitler’s Secret Conversations*).

“Não vejo muito futuro para os norte americanos. É um país apodrecido. E eles tem seu problema racial e o problema de desigualdades sociais... Tudo na conduta da sociedade norte americana revela que a metade dela é judaizada e a outra metade negroficada. Como se pode esperar que um Estado assim possa manter-se unido, um país onde tudo gira em torno do dólar. (*Ascensão e Queda do III Reich*” - *William L. Schirer*).

E mais!

“Destece-se o complexo de contradições, mentiras e *dislates* da política americana... Os Estados Unidos não sabem por que adquiriram o habito de fazer o que protestam não tencionar fazer nem poder fazer”. (*O Abuso da Força* - *Theodore Draper*).

Assim, a tão propalada amizade americana não passa de uma farsa nociva aos interesses dos brasileiros que com a sua ingenuidade, boa fé, ausência de visão, se deixam corromper e eles então dominam tudo a seu bel prazer, não passando tudo de “A Ilusão Americana” que será compreendida e eles serão repudiados por nós como indesejáveis exploradores.

- Cursos que fiz por correspondência

Esperanto - Atestado nº 463 de 25.09.1947, da *Brazila Ligo Esperantista* - Rio de Janeiro.

Inglês - Certificado de Eficiência, de 04.04.1949, do Instituto Universal Brasileiro - São Paulo.

Caricaturas – Diploma de 12.08.1949, do Instituto de Desenho Para Todos - São Paulo.

Desenho Artístico e Comercial - Certificado de Eficiência de 19.05.1950, do Instituto Universal Brasileiro - São Paulo.

- Viagens

Depois de quatro anos torno a gozar férias, na “Cidade Maravilhosa”.

Terça feira, 02.07.46. Viajei de ônibus de Barbacena até Juiz de Fora, o qual estava tão cheio que parecia sardinhas em latas. Portanto, a acomodação foi péssima.

Em Juiz de Fora tive de tomar o expresso por só ter lugares vagos no ônibus, no próximo domingo dia 7.

Ao chegar à estação da E.F.C.B., o carregador me disse que um certo senhor poderia me vender passagens de ônibus para o Rio, por alugar as melhores poltronas e depois revendê-las por melhores preços.

Agradei, pois, quem estava em gozo de férias, não tinha pressa de chegar.

É preciso calma para se poder apreciar as coisas como são.

No trem só se falava na dificuldade de hotéis no Rio. Lá chegando às 23 horas, guardei a mala na Pedro II e saí à procura de alojamento.

Como gosto de ficar próximo à Praça Tiradentes, para lá me dirigi. Fui ao Rio Hotel, Hotel Vera Cruz, Santa Cruz Hotel, Hotel Globo e outros vizinhos, mas quarto nada.

Estava cansado. Fazia um calor horrível.

Andando vi um letreiro: “Hotel Barbacena”. Pensei: será que vai dar sorte? Lá chegando, pedi um quarto. Não havia. Perguntei ao rapaz, que estava na gerência se o dono do hotel era de Barbacena.

- Não, o hotel, disse ele, é de uma dona que tem uma filha que morou lá; gostou muito e por isso pôs o nome de Barbacena neste hotel.

- Muito bem, mas o senhor não poderia, por obséquio, me indicar um hotel ou pensão onde encontraria um quarto?

- É muito difícil, mas eu vou telefonar para o “3 de Maio”, onde talvez consiga.

De lá disseram que sim, mas só por aquela noite.

Aguardei e me encaminhei para o tal hotel. Quando lá cheguei o relógio da parede marca 1:35 h. Entrei na fila e fiquei observando os sonolentos sofredores.

Quarenta cruzeiros pagos adiantados para dormir só até às 8 horas, visto estarem os quartos, depois desta hora, já alugados.

Chegando à minha vez, disse ser o tal do telefonema do Hotel Barbacena.

- Bem, diz o português, eu tenho uma cama de casal, onde o senhor terá de dormir com outro.

Achei graça e disse-lhe:

- Não serve. Obrigado. Passar bem.

Saí e continuei a *via crucis* em gozo de férias.

Em todos os hotéis e pensões por onde eu passei, diziam não terem quartos desocupados. Alguns tinham nas entradas um letreiro: “Não temos quartos”

Já começava a desanimar e pensando passar o resto da noite num dos bancos da Praça da República, quando no Hotel Pedro II o rapaz da gerência me disse ter um quarto para mim. Quase desmaiei, pois estava cansadíssimo e suando em bicas.

Ao chegar ao quarto o relógio marcava exatamente 2:30h. Deitei, mas não pude dormir logo por estar abafadíssimo e exausto. Também estando gozando férias não havia pressa para nada. Depois vi que a “Cidade Maravi-

lhosa” já não tinha mais os encantos de outrora, por estar sob o domínio do “Câmbio Negro”.

---O---

Realizou-se um desejo melhor do que esperava: uma excursão Rio-São Paulo-Belo Horizonte.

E aconteceu assim: meu mano Mário me convidou para ir com ele a São Paulo, onde iria comprar rádios e outros materiais.

Não é preciso dizer que aceitei logo a proposta.

Iriamos no ônibus direto, saindo de Barbacena às 11 horas do dia 05.04.1965, segunda feira.

Mas, domingo, dia 4, Mário me diz que iríamos antes ao Rio, por ter os irmãos Bicalho, para quem trabalha, pedido sua ida à Guanabara, com o Fausto, a fim de ver material destinado a construção do seu edifício na Praça dos Andradas.

Fomos de camionete até Santos Dumont e dali ao Rio, de litorina. Do Rio a São Paulo e dali a Belo Horizonte, pela Fernão Dias, de ônibus.

As passagens ficaram para cada um, em 13.170 cruzeiros: Santos Dumont-Rio, \$2.650; Rio-São Paulo, \$900; São Paulo-Belo Horizonte, \$5.170 e Belo Horizonte-Barbacena, \$1.450. Soma \$13.170.

O Rio, a minha cidade querida, está, atualmente, indesejável. A impressão que se tem é de que os donos da cidade estão ausentes, e os que lá estão não zelam por ela, ficando tudo descontrolado.

Em São Paulo, ao contrário, nota-se interesse em tudo.

A vida é melhor em todos os seus aspectos e, embora tudo esteja caro, ainda é bem melhor do que o Rio.

Vi em São Paulo, depois de 28 anos, a Catedral da Sé; riquíssima, monumental, como tudo em São Paulo, mas muito escura, dando a impressão de funerária. Entre

outras coisas vi também o cinerama, único no Brasil. Muito interessante.

Belo Horizonte a cidade moça, cresce e tem um futuro grandioso. Presentemente encontra-se quase de tudo e em melhores condições que Rio e S. Paulo.

Embora seja uma viagem para mais de 1.600 quilômetros, um tanto cansativa, vale a pena ser feita para se ter uma ideia do ambiente reinante entre as três grandes capitais.

---o---

Há bem tempo vinha fazendo planos para conhecer a falada cidade Ubá, terra do saudoso Ari Barroso. Chegou o dia de 15.02.1973.

Saí de Barbacena, de ônibus, às 9 ½. Manhã belíssima, cheia de sol e quente. Lá chegando ao meio dia.

Na viagem, de passagem fiquei conhecendo Santa Bárbara, Rio Pomba, com o seu belo jardim, Tocantins e Ubá.

Lindas paisagens e muitas roças de milho, já secas.

Tive uma decepção com Ubá, pois julgava encontrar uma cidade com arranha céus e com movimento de grande centro comercial. Não vi edifícios de mais de dois andares, e um movimento muito fraco.

Procurei as famosas mangas de Ubá, mas não encontrei uma só, embora fosse o tempo delas. Não consegui nem um *souvenir*, o que me aborreceu.

Nada mais tendo a ver, uma hora depois tomei um ônibus para Juiz de Fora, aonde cheguei às 16 horas, passando por Tabuleiro, Coronel Pacheco e outros pequenos povoados.

Foi um passeio bom por estradas asfaltadas e paisagens maravilhosas por mim desconhecidas.

Uma excursão adorável e pouco dispendiosa.

De Barbacena a Ubá CR\$5,70

De Ubá a Juiz de Fora CR\$5,20
De Juiz de Fora a Barbacena CR\$4,40
Total de CR\$15,30.

---o---

Dia 22.02.1973 fiz outra excursão desejada para Prados.

Saí de Barbacena, de ônibus às 7 horas. O tempo estava bom. Em Barroso tive o prazer de ver a rodoviária recém-inaugurada e o viaduto. Parabéns.

Daí até Prados, a estrada não é asfaltada, mas está bem conservada. Passa-se por Dolores de Campos, cidade pequena e bem conservada.

Às 9 horas cheguei em Prados, cidade velha, cujo centro é pequeno, entre montanhas e um córrego. À esquerda, no alto está a Matriz de N.S. Da Conceição. Do outro lado o Ginásio S. José.

Prados está em festa, cheia de faixas com vários dizeres. Hospedava os Missionários Redentoristas, que prometiam ao povo a salvação das almas e um paraíso por eles desconhecido.

Nada mais tendo a ver, às 10 horas tomei um ônibus para S. João Del Rei. Pouco além da saída, o ônibus teve de parar, pois uma multidão imensa com uma charanga, cheia de estudantes, tomou conta da estrada.

A certa distância parecia mais um ensaio de escola de samba do que mesmo uma função religiosa.

Ao aproximar, vi então, que era uma procissão, com o andor do Menino Jesus e outro da Mãe Aparecida, preta, comandada pelos Missionários com suas cantarolas.

Em São João cheguei às 11 horas, onde visitei o Amigo Silvio e sua boa família.

São João está preparando as arquibancadas e espera receber mais de 10.000 turistas no próximo carnaval.

De Barbacena a Prados CR\$3,80

Prados a São João CR\$1,80

São João a Barbacena CR\$3,05

Total CR\$8,65

Assim passei o dia 22 maravilhosamente feliz.

---o---

Eis que faço outra excursão tão desejada e que gostei muito. Barbacena-Juiz de Fora-Campos-Vitória-Belo Horizonte-Barbacena.

De Juiz de Fora a Campos, 5:30 horas, passando por vários povoados e pelas cidades de Bicas, Leopoldina, Muriaé, Itaperuna e Campos. Vê-se nas margens da estrada culturas de milho, arroz, cana de açúcar e outras.

Campos com cerca de 400.000 habitantes foi a primeira cidade sul americana a ser iluminada à luz elétrica em 24.07.1883.

Produz em larga escala açúcar, aguardente, doces e outras coisas mais.

Mas supunha encontrar uma cidade moderna, cheia de arranha-céus e um movimento intenso, mas parece que ficou no passado. Entretanto, destaca-se as pontes sobre o Rio Paraíba, que são uma linda paisagem, e tem um grande mercado farto, isto é, rico.

De Campos a Vitória, 4:15 horas, passando por Guarapari, célebre por suas areias monazíticas e cidade de turismo muito procurada por velhos e também por jovens do *dolce far niente*.

Gostei de Vitória onde se vê arranha-céus por toda parte e seu movimento intenso, tendo um porto moderno e um belo parque.

De vitória a Belo Horizonte, 9 horas, num dos ônibus confortáveis da Itapemirim, que deu almofada, manta de lã, café, biscoito, balas, refrescos, água gelada, além das atenções que são dispensadas aos passageiros.

Na viagem passa-se pelas cidades de Manhuaçu, Ponte Nova, Mariana, Ouro Preto e outros lugares.

A viagem de ônibus ficou em CR\$76,47.

Barbacena a Juiz de Fora CR\$5,00

Juiz de Fora a Campos CR\$19,25

Campos a Vitória CR\$13,56

Vitória a Belo Horizonte CR\$29,01

Belo Horizonte a Barbacena CR\$9,65.

A condução não é cara. É mais dispendioso dormir do que o comer.

Fiz este belíssimo passeio na segunda quinzena do mês de setembro de 1973.

---o---

Agora vamos nos preparar para outra excursão. Quando? Vi na rodoviária que fizeram três horários, diariamente, para a cidade de Bias Fortes, distante de Barbacena 68 quilômetros. Deu-me vontade de conhecê-la.

No dia 11 de março de 1976, tomei o ônibus às 7 horas, passando por Sá Forte, Antônio Carlos, Curral Novo, Ponte Nova, B. Fortes, chegando às 9:15, tendo ficado a passagem em CR\$7,15.

Gostei da viagem. Nossas selvas, montanhas, picos, vales, planícies, que se avistam ao longe formando lindas paisagens.

Pastos bem tratados, muitas roças de milho, fábricas de laticínios, gado e mais pequenas coisas.

A cidade fica entre morros. Tem luz da CEMIG, telefones, correios, escolas etc. Sobressaindo uma bela igreja, por fora, mas não por dentro.

Como as outras cidades que se desmembraram de Barbacena, tem pouca vida e é parecida com suas irmãs.

Nada mais interessante tendo que ver, regressei no ônibus das 10 horas.

---o---

Em 18.03.1976 chegou a vez de conhecer Senhora dos Remédios a 54 km de Barbacena.

A estrada é asfaltada só até Ressaquinha.

Passa-se por Vasconcelos, Ressaquinha, Volta Grande, V. Amargoso, Simão Tamm, Serra do Japão até Senhora dos Remédios.

Saí às 7,30. A passagem CR\$6.00. Cheguei lá às 9,30.

O panorama apresenta-se montanhoso. Belas vistas, variadas, com os seus diversos picos, vargens, vales, matos e pouca água.

Pastarias bem tratadas, roças de milho, alguns cafezais é o que mais se destaca, além do gado.

(S. dos Remédios fica na encosta dum morro, o centro).

Senhora dos Remédios, como as demais emancipadas de Barbacena, assemelham-se em tudo. Elas têm Prefeitura, Correios uma ou mais igrejas, luz da CEMIG, telefone e outros melhoramentos, mas de pouca vida, estando melhorando com as novas escolas.

Só pude regressar pelo ônibus das 4 horas, contente por ter satisfeito mais este desejo.

---o---

Em 30.07.1976, estando em Juiz de Fora, resolvi conhecer Lima Duarte, distante 62 km, asfaltados, ficando a passagem de ida e volta em CR\$14,60 e o percurso é de 1 ½ horas.

A cidade fica situada entre morros. O centro é plano e pequeno, mas movimentado. No alto vê-se uma

bonita igreja; muitos prédios e outras coisas mais que dão ótima impressão ao visitante.

Paralelamente à Rodovia Juiz de Fora-Caxambu, quase plana e reta está o leito do antigo ramal, abandonado, da E.F.C.B., de Lima Duarte, com suas pequenas estações em ruínas.

---O---

Em 04.12.1977, festa de Santa Bárbara.

Santa Bárbara fica a menos de uma hora de ônibus, de Barbacena, por estrada asfaltada.

Fica entre montanhas. Gostei da sua localização, sua igreja e da praça muito bem cuidada, tendo belos edifícios.

---O---

Em 17.09.1978, por curiosidade, resolvi conhecer a tão falada cidade de Mercês, cerca de duas horas de Barbacena, por ônibus. A passagem ficou em 32 cruzeiros.

Mercês está situada entre montanhas, às margens do rio Paciência, com a altitude de 515 metros, a 36 quilômetros ao sul da cidade de Alto do Rio Doce e a 60 km de Palmira (Santos Dumont), pelo extinto ramal de Mercês, da E.F.C.B., que servia as localidades de S. Dumont, Campo Alegre, Oliveira Fortes, Paiva, Santa Amélia e Mercês.

Mercês possui vários prédios bem cuidados e ruas calçadas e ainda uma bela igreja, que não podia faltar.

---O---

Conheci os distritos de Barbacena: Senhora das Dores, Correia de Almeida, Torres, Pinheiro Grosso, todos situados entre Montanhas. Possuem eles, um grupo escolar, um ou mais campo de futebol e uma bela igreja, com exceção de Pinheiro Grosso que lhe faltou uma igreja nas proximidades do grupo escolar e do campo de futebol.

---O---

Em 02.06.1980. Manhã de temperatura agradável.
Volto a visitar Ubá.

Ubá está de parabéns por seu terminal rodoviário
Deputado Philippe Balbi, inaugurado em 21.12.1977.

Dali, com o amigo Chiquito, fomos a Juiz de Fora.

Com que deleite revejo as paisagens maravilhosas
desse belo passeio!

As passagens que em 15.02.1973 ficaram em
CR\$15,30, agora estão em CR\$218,00. Assim, de Barba-
cena a Ubá, CR\$83,00; de Ubá a Juiz de Fora, CR\$80,00 e
de Juiz de Fora a Barbacena, CR\$55,00.

Como as coisas mudaram e... Vão mudar muito
mais.

---o---

Em 05.10.1981, fui a Belo Horizonte, onde fiquei
hospedado na casa da mana Laurita, à Rua Pouso Alto,
360 - Carmo.

Sáímos de Barbacena com um frio tremendo, do-
entio e lá chegamos com uma temperatura agradabilíssi-
ma.

A passagem de ônibus que em fins de 1973, era de
CR\$9,65, hoje, princípios de outubro de 1981 é de
CR\$340,00. Em 02.12.81, CR\$521,00.

---o---

Dia 06.10.81 conheci Sete Lagoas a 60 hm de Belo
Horizonte, por uma rodovia asfaltada. Sete Lagoas está a
635 metros de altitude e tem mais de 100.000 habitantes.

Com a Lagoa Paulino e a Ilha do Milito, no centro,
rodeadas por belos edifícios, torna-se uma cidade simpá-
tica, associada ao seu comércio ativo e progressista, que
muito me agradou.

---o---

Dia 07.10.1981, pela manhã, fui de ônibus à cidade de Contagem distante de Belo Horizonte 18 quilômetros.

A passagem de ida e volta ficou em CR\$130,00, com o ponto na Av. Olegário Maciel.

Fiquei mal impressionado com Contagem, onde esperava encontrar uma grande cidade com belos edifícios e o progresso de 3ª cidade de Minas em população de mais de 280.000 habitantes, parecendo mais uma vila dos confins.

Ela tem uma igreja nova com um Cristo sofrido, morto, pregado numa cruz, sozinho.

Se Jesus Cristo foi morto, sepultado e ressuscitou, é com este que devemos viver por estar vivo entre nós. Não acham?

Belo Horizonte quer incorporar Contagem à sua jurisdição, por ter o 3º I.C.M. de Minas Gerais.

Decepcionado, regressei a B. H., onde almocei, tomando em seguida, um ônibus ao lado direito da rodoviária, com destino a Betim, aonde cheguei 55 minutos depois.

---o---

Betim fica a 38 quilômetros de Belo Horizonte, tem uma população de mais de 84.000 habitantes.

A passagem de ida e volta ficou em CR\$136.00.

Betim é uma cidade alegre, progressista aonde a gente se sente bem, com o seu comércio ativo.

Faltam-lhe igrejas nas praças principais, que tanto embelezam e dão um certo sentido de cristandade.

No mais tudo bem.

---o---

Em 02.12.1981, cheguei à grande Belo Horizonte, às 10,30.

Chovia torrencialmente. Assim que a chuva diminui fui almoçar.

Como o tempo não estivesse bom, resolvi conhecer Sabará e tomei o ônibus à esquerda da rodoviária, na parte térrea.

Nota: a passagens de ônibus de Barbacena a Belo Horizonte que em setembro de 1973 era de CR\$9,65, em outubro de 1981, CR\$340,00 e agora CR\$521,00. E vai mais...

Sabará. A cidade de Sabará, uma das mais antigas de Minas Gerais, foi fundada pelo bandeirante paulista Borba Gato, genro de Fernão Dias Paes Leme, onde descobriram ricas minas de ouro.

Ela está edificada à margem direita do histórico e lendário Rio das Velhas (antigo Uaimi). Sua altitude é de 701 metros, a 18 km da capital, tendo várias indústrias e a população de 64.855, em 1980.

A chegada é na Praça Melo Viana, onde se encontra a igreja de pedra inacabada de N.S. do Rosário, devido à Abolição da Escravatura.

Daí vê-se lá no fundo a Cia. Siderúrgica Belgo Mineira e igrejas.

Descendo por uma longa rua, irregular, está a igreja de S. do Carmo, estilo Barroco Mineiro, com altares, imagens e adornos demasiados, do Aleijadinho.

Os santos vestidos de ouro e escuros de velhice.

A fachada da igreja é também do Aleijadinho.

Atravessando a rua, o cemitério onde são engavetados os Irmãos da Ordem.

À direita, a igreja de N.S. do ó (1717), erguida com suave declive.

Mais além, a Praça Getúlio Vargas, e nela a Matriz de N. S. da Imaculada Conceição, padroeira da cidade,

fechada, com um aviso que só abria às 8:00 e 16:00 horas, ao turista por CR\$20;00.

Para a frente mais igrejas, talvez, fechadas.

Começou a chover.

A minha curiosidade estava satisfeita por ver tantas velharias sujas.

Tomei o ônibus Roça Grande, que me deixou onde tinha saído.

Regressei à Capital, desejando ao povo felicidades e esperando que cuide melhor das ricas obras de artes religiosas de que tem o privilégio de possuir. A passagem: CR\$53,00 + CR\$53,00=CR\$106,00.

---o---

Em Belo Horizonte o tempo estava prometendo chuva próxima, o que me fez tomar ali, um ônibus para Nova Lima, a 24 km da Capital, com 41.838 habitantes (1980). Perto da margem esquerda do Rio das Velhas, na encosta de uma montanha, tem uma rua transversal com algum movimento comercial.

Lá bem em baixo fica a Praça Bernardino de Lima, em frente a Matriz de N. S. do Pilar, rica de altares, imagens e adornos dourados em profusão, mas tudo encardido devido ao desleixo em que se encontram.

A Praça é bem cuidada, descendo mais tem algumas ruas com certo comércio pouco interessante.

Agora toca subir até lá em cima onde o ônibus faz ponto, o que torna cansativo para os velhos, como eu que tem mais de 70 anos.

Passagem: 58+58=Cr\$116,00.

---o---

Santa Luzia. 03.12.1981. Pela manhã, eu e o Sérgio do Renato fomos a Santa Luzia, antiga cidade de Santa Luzia do Rio das Velhas.

O ônibus sai da praça da estação ferroviária.

Santa Luzia, à margem direita do Rio das Velhas e a 30 km da Capital. Tem 63.328 habitantes (censo de 1980) e uma altitude de 700 metros.

Chega-se à cidade no fundo de um vale estreito, entre montanhas, onde está uma rodoviária recém-construída.

O centro é bem no alto e não tem condução para lá, o que nos causou cansaço pela subida.

Lá chegamos. Seriam 8 horas. A imponente igreja de Santa Luzia, padroeira da cidade estava fechada. Entramos por uma porta lateral à esquerda.

Os altares, as imagens são ricas de adornos em excesso, dourados, escuros, sujos, que nos causou má impressão pelo desleixo. Há trabalhos do Aleijadinho.

Em frente não tem uma praça por não permitir o terreno íngreme.

Dáí sai uma rua extensa, com atividade comercial que vai até á Igreja do Rosário num pequeno alto, que não pudemos visita-la por estar fechada.

Não vimos nenhuma praça de lazer.

Estafados e decepcionados com a tão falada Santa Luzia, regressamos a grande B. H.

Que Santa Luzia dê visão aos dirigentes para que façam passar os ônibus pelo centro da cidade em benefício dos seus habitantes, são os meus sinceros votos.

Passagem para cada um 47+47=Cr\$94,00.

[Fonte: "Cadernos" de Clariano Roman].

FIM